

Dânia Moreira

# lugar

## **SOBRE O LUGAR EXPOSITIVO**

Um olhar crítico sobre  
os espaços de exposição  
de arte contemporânea  
em Porto Alegre



**M838s** Moreira, Dânia Maria de Castro

Sobre o lugar expositivo : um olhar crítico sobre os espaços de exposição de arte contemporânea em Porto Alegre / por Dânia Maria de Castro Moreira. Porto Alegre, 2010.

IX, 142 p. : il.

Orientadora : Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Maria Albani de Carvalho.

Trabalho de Conclusão (Graduação). – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, 2010.

1. Arte contemporânea. 2. Exposição de Arte. 3. Museografia.  
4. Expografia. I. Título.

CDU 7.039

Catálogo na Fonte --- Biblioteca do Instituto de Artes/UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES - DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

**SOBRE O LUGAR EXPOSITIVO:  
UM OLHAR CRÍTICO SOBRE OS ESPAÇOS DE EXPOSIÇÃO  
DE ARTE CONTEMPORÂNEA EM PORTO ALEGRE**

**DÂNIA MARIA DE CASTRO MOREIRA**

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Albani de Carvalho

Banca Examinadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Blanca Brites

Prof. Dr. Paulo Gomes

PORTO ALEGRE

2010



**SOBRE O LUGAR EXPOSITIVO:  
UM OLHAR CRÍTICO SOBRE OS ESPAÇOS DE EXPOSIÇÃO  
DE ARTE CONTEMPORÂNEA EM PORTO ALEGRE**

**DÂNIA MARIA DE CASTRO MOREIRA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Bacharelado em Artes Visuais – História, Teoria e Crítica de Arte, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais, com ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte.  
Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Albani de Carvalho

PORTO ALEGRE  
2010



Aos meus queridos Alexandre,  
Paula, Andréa e Maria Cristina,  
pelo amor que me sustenta,  
pela generosa compreensão e pela  
parceria incondicional na realização  
de todos os meus projetos.





Agradeço à professora  
Dra. Ana Maria Albani de Carvalho,  
pela orientação, confiança e incentivo.  
Agradeço a todos os profissionais  
responsáveis pelos espaços expositivos  
das instituições que participaram desta pesquisa,  
professores, colegas e amigos, que com sua  
participação em muito contribuíram para o  
desenvolvimento deste estudo.  
Agradeço a Deus e à minha família,  
pela vida e pelo amor.



*“Once, at home when we were children, we were playing, and my elder brother Michael started to assemble toys and other bits and pieces on the floor around the fireplace in a kind of semicircle. I asked, ‘What are you doing?’ and he said, ‘I’m making an exhibition’. E-x-h-i-b-i-t-i-o-n: it was the first time I had heard the word and it fascinated me. Do I remember this incident because exhibitions came to play a big part in my life? I do not know. But this is perhaps an occasion to re-invest the word with the magical quality it had then.”*

Guy Brett



## RESUMO

A presente pesquisa lança um olhar crítico sobre os espaços de exposição de arte contemporânea em Porto Alegre, examinando a realidade local em relação a conceitos relativos ao lugar expositivo na arte, às práticas profissionais artísticas e às experiências museográficas e expográficas contemporâneas. Através do estudo de casos, levantando as problemáticas que envolvem a complexa atividade de exposições dentro das instituições e dentro do circuito de arte, aproximado a uma reflexão que se remete às bases teóricas para a compreensão das conexões mais abstratas que unem a arte contemporânea e a sua publicização, inicia-se um caminho para a compreensão deste sistema simbólico – que conecta criação, produção, comunicação, memória e mercado – e do impacto produzido pela arte, seus produtos resultantes e suas formas de apresentação, e especificamente a compreensão de como este sistema se constitui no âmbito local.

Esta investigação se desenvolve como aprofundamento de minhas pesquisas sobre o conceito de lugar na arquitetura e na arte, iniciadas no mestrado em arquitetura (PROPAR/UFRGS, 2003) envolvendo estudos que procuram identificar e problematizar a relevância das inter-relações entre as competências da arte, arquitetura, arquitetura de interiores, design e museografia na construção do lugar expositivo. Envolve portanto uma abordagem interdisciplinar. O foco de interesse da pesquisa está no levantamento dos lugares expositivos da arte contemporânea em Porto Alegre, que desenvolvam essa função de forma permanente e contínua, para esboçar um retrato da situação atual local e embasar posteriores reflexões críticas.

Palavras-chave: Arte Contemporânea, Lugar, Exposição, Museu, Museografia, Expografia.



## LISTA DE TABELAS

TABELA 1_a .....	p. 98
TABELA 1_b .....	p. 99
TABELA 2_a .....	p. 114
TABELA 2_b .....	p. 115





## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS	PÁGINA	FONTES
Usina do Gasômetro, interiores: Galeria Lunara e Galeria dos Arcos	38	lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc, www.galeriadosarcos.blogspot.com, www.galerialunara.blogspot.com
mostra / fachada e Interior espaço do expositivo	40	www.panoramio.com/photo/20439131www.skyscraperlife.com/arquitetura-e-discussoes-urbanas/26336-porto-alegre-cidade-cultural
Interior espaço expositivo / fachada	42	www.margs.rs.gov.br/tour_virtual
Museu exterior e interior	44	www.iberecamargo.org.br
Paço Municipal: Porão e fachada	46	lproweb.procempa.com.br/pmpa/prfpoa
CCMQ - Interior 6º andar e fachada	48	ccmq.com.br, macrs.blogspot.com
Galeria do MAC	50	macrs.blogspot.com
Espaço Cultural ESPM, interior	52	fotos divulgação espaço cultural
Exterior /Interior Sala dos Pomares	54	www.fvcb.com, wp.clicrbs.com.br/pedepagina
interior pinacoteca / modelo sketchup	56	www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/news, www.artes.ufrgs.br, sketchup.google.com
Interior Sala arquipélago e memorial	58	cccev.blogspot.com, www.ceee.com.br
Interior / mostra / área externa	60	galerialaphoto.blogspot.com
Vista Externa/ Interior Museu do Trabalho	62	commons.wikimedia.org www.flickr.com/photos/museudotrabalho
Interior Cultural Gallery	64	fotos da autora
Fachada / espaço expositivo	66	www.bolsadearte.com.br
Fundação Ecarta interior / fachada	68	foto da autora / www.fundacaoecarta.org.br
interior/convite catálogo artes	70	foto da autora, www.goethe.de/portoalegre
Interior, fachada, interior	72	artefatogaleria.blogspot.com
Interiores Atelier Subterrânea	74	www.flickr.com/photos/ateliersubterranea
Interior, abertura expo e fachada Chico	76	foto da autora, picasaweb.google.com / associacaochicolisboa, www.chicolisboa.com.br
Fachada / Interior Atelier Espaço Expos.	78	www.jabutipe.com.br

Fachada / Microgaleria	80	<a href="http://www.studioclio.com.br">www.studioclio.com.br</a>
Interiores MARGS / Armazém A3	82	<a href="http://www.bienalmercosul.art.br/7bienalmercosul">www.bienalmercosul.art.br/7bienalmercosul</a>
Fotos de bienal B   Facebook	84	<a href="https://www.facebook.com">facebook.com</a>
Imagem divulgação Desvenda	86	<a href="http://desvenda.wordpress.com">desvenda.wordpress.com</a>
Site, Fachada e Interior Azul Produtora	88	<a href="http://www.tvazul.com.br">www.tvazul.com.br</a> e <a href="http://www.azulgaleria.com.br">www.azulgaleria.com.br</a>
Mapa de localização das instituições	103	<a href="http://earth.google.com">earth.google.com</a> / 2010

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	p.	01
2	LUGARES DA ARTE CONTEMPORÂNEA .....	p.	11
3	LUGARES DA ARTE CONTEMPORÂNEA EM PORTO ALEGRE .....	p.	31
4	TRAÇANDO CONEXÕES   RELAÇÕES   ANÁLISES .....	p.	91
	Localização dos espaços expositivos .....	p.	100
	Exposições: número, quantidade de artistas, duração .....	p.	104
	Espaços expositivos: materialidade e recursos .....	p.	116
	Aspectos curatoriais, ação educativa e comunicação .....	p.	119
	Sobre o mercado .....	p.	125
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	p.	129
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	p.	134
	ANEXO_ Listagem dos lugares expositivos propostos p/ pesquisa .....	p.	142



## 1 INTRODUÇÃO

“Durante os últimos oito anos, o mercado de arte contemporânea obteve um impulso inusitado, incrementou-se a visitação aos museus e, como nunca antes, muitas pessoas puderam deixar seus empregos para passar a autodenominar-se artistas. O mundo da arte se expandiu e acelerou, se pôs em moda, cada vez mais concorrido e mais caro.”<sup>1</sup>

O mundo da arte é múltiplo, fechado e misterioso. Apesar de todo o esforço de artistas contemporâneos para aproximar as suas criações artísticas do cotidiano das pessoas, aproximar a arte da vida, isso se deu de forma mediada, ou seja, mais em termos de indústria cultural do que de vanguarda, e uma reelaboração da vanguarda em termos de formas estéticas, estratégias político-culturais e posicionamentos sociais demonstrou ser o projeto artístico e crítico mais vital de, pelo menos, as últimas três décadas.<sup>2</sup> O mundo da arte, bem como o das ciências, para o homem comum, para a sociedade em geral, ainda se apresenta como enigmática, é território a descobrir.

A complexidade do tema traz consigo a impropriedade de fazer generalizações, e há, ao abordar uma temática do sistema das artes, mais especificamente dos lugares da arte

---

<sup>1</sup> THORNTON, Sarah. **Siete días en el mundo del Arte**. Buenos Aires: Edhasa, 2009, p. 9. A autora refere-se ao período compreendido entre 2000 e 2008, data da publicação original do texto. *“Durante los últimos ocho años, el mercado del arte contemporáneo cobró un impulso inusitado, se incrementó la concurrencia a los museos y, como nunca antes, muchas personas pudieron huir de sus empleos para pasar a autodenominar-se artistas. El mundo del arte se expandió y se aceleró; se puso de moda, cada vez más concurrido y más caro.”*

<sup>2</sup> Ver FOSTER, Hal. **El retorno de lo real**. La vanguardia a finales de siglo. Madrid: Ediciones Alkal, 2001.

contemporânea, uma grande dificuldade de visualizar a totalidade das manifestações, de abarcar tudo, mesmo se o objeto de estudo se restringir a um pequeno local “longe demais das capitais”, um ponto no emaranhado da rede do sistema, e durante um período curto. A generalização é um erro quando tratamos de elementos com compreensões e manifestações tão diversificadas. Por vezes me questiono se estamos todos falando da mesma coisa, ao referir o termo arte, e se todos pertencem a um mesmo sistema. E, admitindo-se que não, surge a questão de estabelecer onde se localiza o marco diferencial do que pertence e do que está fora.

Não é fácil entrar no sistema das artes, e, mais ainda, nos seus bastidores, conhecer os meandros, mesmo para quem pensa participar dele e, por isso, conhecer as chaves de acesso. Há, neste trabalho que busca realizar um mapeamento inicial dos lugares expositivos existentes atualmente em Porto Alegre, pesquisando suas condições de uso e seu papel no sistema de arte contemporânea local, um desafio constante em superar essas dificuldades e procurar evitar a simples, e pretensamente neutra, coleta de dados oficiais. Conhecer e refletir sobre a situação dos espaços de exposição, problematizando a sua significação como lugares expositivos, e a arte contemporânea apresentada nestes lugares, a partir da análise da realidade local, com seus aspectos específicos, leva a aprofundar as reflexões a respeito do lugar expositivo. Inserida no contexto contemporâneo, a pesquisa funda-se na compreensão de um contexto local – a partir da realidade observada em Porto Alegre-RS – e

objetiva também estabelecer relações e conexões com a realidade globalizada do sistema de arte contemporânea.

Para isso, a investigação se debruça sobre uma gama de lugares, e entre os critérios para a sua escolha, que explico com mais detalhe no capítulo 3, considere o fato de que desenvolvam essa função de forma permanente e contínua. Além disso, procurei incluir um leque de espaços com características diversificadas: desde os maiores, de mais visibilidade, mais poderosos do ponto de vista financeiro e institucional, como o Santander Cultural, até as iniciativas mais singelas e recente, ainda insipientes ou experimentais, como o atelier Jabutipê, passando por um espectro de lugares de exposição de arte contemporânea onde se encontram instituições de vários portes, nas esferas pública (como por exemplo o MARGS, o MAC, a Usina do Gasômetro) e privada (como a Fundação Ecarta, o Instituto Goethe e as Galerias Bolsa de Arte e Arte&fato), cada qual com as suas mazelas, e também lugares que materializam posturas mais idealistas em relação à produção de arte e aos artistas, como o Museu do Trabalho.

As informações básicas sobre os espaços expositivos e as exposições apresentadas durante os anos de 2009 e 2010, bem como a caracterização física dos lugares, e ainda dados institucionais e de gestão, foram buscadas, além de uma série de entrevistas e



contatos informais com gestores ou responsáveis pelos espaços expositivos<sup>3</sup>, na pesquisa em material institucional publicado, e em material disponibilizado, pela própria instituição ou pelos envolvidos nas exposições, nas diversas mídias – impressos, sites, blogs, e mídias sociais na Internet –, além de muitas horas do que Sarah Thornton chamou de observação participativa<sup>4</sup>: “um bom observador participante se parece com um gato vagabundo, curioso e interativo mas não ameaçador. Intrusivo de vez em quando, mas fácil de ignorar.”

Tendo como temática o estudo do lugar expositivo na arte contemporânea, a presente pesquisa parte da compreensão de que um lugar expositivo é configurado através de uma série de ações e processos que envolvem arte, arquitetura, design, museografia e expografia, além das questões simbólicas, ideológicas, econômicas e de gestão. Com esta conexão de saberes interdisciplinares, torna-se possível a construção da complexa apresentação, em um determinado espaço expositivo, de uma obra ou construção narrativa, escolhida com um critério ou uma intenção conceitual prévia, para que o público possa

---

<sup>3</sup> As entrevistas e conversas foram realizadas conforme a disponibilidade e o acolhimento de parte dos responsáveis pelas atividades de exposição das instituições, ora com os gestores e/ou proprietários, ora com funcionários (coordenadores ou assistentes). O objetivo foi, mais do que a coleta de dados sobre o espaço e as formas de funcionamento de cada um deles, penetrar um pouco mais na realidade do espaço, que muitas vezes não transparece apenas com a observação e os dados, investigar como se posicionam dentro do sistema, quais os conceitos que orientam os trabalhos e como solucionam questões de curadoria, financiamento e retorno institucional. Cabe registrar que nem todos se mostraram disponíveis para atender à pesquisa, não respondendo aos contatos por telefone ou email. Em outros casos ainda ocorreram problemas de agenda, devido a compromissos dos responsáveis – muitas vezes com as próprias exposições – e os prazos ajustados para o período de coleta dos dados nesta etapa da pesquisa.

<sup>4</sup> THORNTON, Sarah. **Siete días en el mundo del Arte**. Buenos Aires: Edhasa, 2009, p. 15. “(...) *um buen observador participante se parece a um gato vagabundo. Curioso y interactivo pero no amenazante. Intrusivo de vez em quando, pero fácil de ignorar.*”

estabelecer, a partir dos elementos da exposição e de suas próprias experiências, um entrelaçamento de sentidos capaz de produzir significados. Todo esse processo pode ser otimizado a partir da melhor compreensão das relações e variáveis que envolvem a materialização das exposições nestes lugares. Neste trabalho é proposta uma investigação sobre as relações da arte contemporânea e o lugar expositivo, aprofundando o estudo destas questões materiais, teóricas, institucionais e simbólicas.

O ser humano tem a capacidade de significar os espaços em que habita, transformando-os em lugares, mas percebe-se que há, atualmente, uma perda de referentes através das mediações humanas como a cultura e a produção de bens de acumulação e consumo, que subvertem as relações originais, criando novas demandas e problemáticas na elaboração e planejamento dos espaços, dos produtos e bens de consumo. Assim como na diferença entre casa e lar, o espaço expositivo também tende a transformar-se num lugar, na medida em que as intervenções dos profissionais envolvidos no processo de produção da arte e da sua exibição tem a qualidade de canalizar os discursos e comunicar-se com a sociedade através da sua produção e organização. Isto se dá com a criação das obras e dos discursos dos artistas, e em segundo lugar, mas não menos importantes, com as construções curatoriais, a arquitetura dos espaços, a elaboração das narrativas expográficas e o desenho ou seleção dos objetos e equipamentos utilizados na exposição. Cada vez mais se desdobrando em novos lugares expositivos, uma vez que a cada nova exposição se

transforma o lugar, modificam-se os processos, os produtos, as narrativas e os modos de comunicação.

As instituições dedicadas às funções expositivas ou museológicas, bem como todo o sistema cultural, vem assistindo ao crescente interesse da sociedade contemporânea e do mercado no produto 'Exposição de Arte'. Essa arte se apresenta e se difunde, alcança a almejada visibilidade na mídia e no circuito cultural na quase totalidade das vezes dentro das instituições. Aos que ainda não alcançaram os melhores lugares dentro do sistema das artes ou aos renegam o próprio sistema, ou seja, por opção ou falta de opção, restam os lugares alternativos, que também vem desempenhando um papel importante no cenário da arte contemporânea.

O presente trabalho propõe-se a iniciar uma reflexão sobre o papel das instituições ou lugares da arte neste quadro, e pretende contribuir para o estudo das relações existentes entre o produto final 'exposição', os valores simbólicos desejados e atribuídos, os artistas, as obras de arte contemporânea criadas e comunicadas, o acesso aos lugares expositivos e ainda os processos de comunicação além do lugar expositivo. Esta análise envolve ainda o estudo da arte no contexto contemporâneo, no que tange a seus envolvimento com os sistemas de marketing e indústria cultural, instituições de caráter museológico e outros modos de exposição que propiciam a exploração de novas formas de

abordagem das questões que se relacionam com o problema “lugar expositivo” e a descoberta de valores neste processo.

A museologia vem aprofundando as pesquisas e reflexões sobre a mediação que as instituições fazem entre a obra e o público, construindo estes lugares onde se dão as relações entre os seres humanos e as obras<sup>5</sup>, elaborando as narrativas e propondo formas de acesso ao conhecimento através das exposições. O estudo das relações entre o lugar expositivo e o seu papel no cenário artístico contemporâneo, bem como a problemática conceitual da arte, os artistas e o público “consumidor” de arte contemporânea objetiva ainda ampliar a investigação teórica sobre as discussões no campo das experiências de criação de lugares, significação de espaços e comunicação de conteúdos e valores.

Diante do conceito expandido de Museu<sup>6</sup> e da flexibilidade das instituições museológicas contemporâneas, e ainda das questões propostas pelos artistas e suas obras,

---

<sup>5</sup> “É na exposição que se potencializa *a relação profunda entre o Homem e o Objeto* no cenário institucionalizado (a instituição) e no cenário expositivo (a exposição propriamente).” CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem, avaliação. São Paulo: Annablume, 2005, p. 34.

<sup>6</sup> A idéia do Museu-Instituição já não esgota as possibilidades museais. Hoje, diante da diversidade das práticas museais defendida pelos dirigentes do recém criado Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, que envolvem a ideia de transver, profanar e contaminar os museus, tentar entender os museus por um único caminho é olhá-los de forma muito restritiva. O próprio Estatuto de Museus, cuja Lei foi aprovada em janeiro/2009, numa conceitualização ampliada de museu já engloba as noções mais atuais e alternativas, incluindo processos museológicos, tais como a proposta de Hugues de Varine para o museu-território: “Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Parágrafo único: Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento

que desde o século passado passam a exigir novas formas de exposição, aconteceu uma ampliação na própria cultura das exposições que deve ser considerada:

“O que precisaria ser apreendido e teorizado nos dias de hoje são, precisamente, os modos pelos quais a cultura do museu e das exposições, no sentido mais amplo, possibilitam um terreno que pode oferecer múltiplas narrativas de significados, exatamente num tempo em que as metanarrativas da modernidade – incluídas aquelas inscritas nas narrativas universalizantes do museu – perderam seu poder de persuasão, em que as pessoas estão ávidas para ouvir e ver outras estórias, para ouvir e ver as estórias dos outros, e em que as identidades são construídas através de negociações entre o eu e o outro em infinitas e múltiplas camadas, no lugar da segurança de referências fixas como a família, a fé, a raça e a nação.”<sup>7</sup>

Através deste exercício de mapeamento dos lugares onde essas relações acontecem em nossa cidade, pretende-se contribuir com a compreensão dos fenômenos que configuram a cena da arte contemporânea em nosso meio. Pesquisar a realidade dos lugares de Porto Alegre onde a atividade de exposição de arte contemporânea se dá de forma contínua, periódica e ‘institucional’ permite verificar como se processam e materializam as exposições nestes lugares, e investigar as relações entre as demandas institucionais, de mercado, do sistema de artes e a prática dos profissionais envolvidos no processo – artistas, criadores, curadores, gestores culturais. Neste trabalho dou início a uma leitura de como acontecem essas relações em nosso meio, que tipo de lugares expositivos temos em Porto

---

cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.” (LEI Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009 - Estatuto de Museus, Art. 1º.)

<sup>7</sup> HUYSEN, Andreas. Escapando da Amnésia. O Museu como Cultura de Massa. In **Memórias do Modernismo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 251.

Alegre, de que forma se organizam e assumem esse papel de lugar onde acontece a relação, quem é o artista que tem acesso às instituições, e chega a exercer a comunicação de sua produção, e como é feita a seleção da arte que é exposta em nosso meio.

O tema proposto é, reconhecidamente, abrangente, permitindo diversas abordagens e caminhos de ampliação. Cabe destacar que o que está descrito neste trabalho é uma etapa inicial num processo de investigação que tem uma série de outras etapas e trabalhos a desenvolver. Quanto à metodologia, a abordagem adotada foi explorativa e qualitativa, utilizando a pesquisa de campo, com o registro de dados e descrições. O trabalho apresenta ainda um início de análise comparativa e interpretações sobre os dados quantitativos apresentados pelo estudo de casos.

A pesquisa de campo realizada levantou dados sobre lugares expositivos de Porto Alegre e a arte que apresentaram – identificada pelas exposições e artistas – no período escolhido para análise (2009/2010). Foram recolhidos ainda dados significativos para a situação física existente e identificação das questões de interesse para a compreensão da realidade das instituições, tais como quantidade, duração e tipos de exposições, número de artistas participantes, formas de seleção, verbas e recursos disponibilizados, condições materiais e de divulgação, existência de curadoria, textos, material de divulgação, catálogo, conversa com os artistas ou atividades paralelas às mostras.

A pesquisa bibliográfica auxiliou no aprofundamento dos conceitos e instrumentalização da abordagem crítico-analítica do problema. Em paralelo realizei um estudo bibliográfico teórico-conceitual sobre o lugar expositivo, aprofundando o estudo dos conceitos contemporâneos de lugar, exposição, processos interpretativos em museus, instituições e espaços não institucionais, e busquei examinar estes conceitos à luz da realidade atual da arte contemporânea. Procurei relacionar os estudos de caso com as reflexões decorrentes da pesquisa teórico-conceitual, para uma compreensão do *'status quo'* da arte contemporânea utilizando a chave dos lugares expositivos. É apresentada uma análise inicial dos dados recolhidos, que permitem iniciar um esboço de um panorama da arte contemporânea local, investigando de que maneira os agentes da cultura – instituições, artistas e público – respondem ao desafios contemporâneos, nestes tempos de distensão de conceitos e transformações contínuas.

## 2 LUGARES DA ARTE CONTEMPORÂNEA

*“Si algo sabe todo artista es que el arte vive porque vive en él y que ese derecho lo comparte en la actualidad con todo el mundo. Pero se trata sólo de una cuestión de jerarquía institucional y no de otra cosa.”<sup>8</sup>*

Hoje já não se **faz** artes visuais, hoje se **é** um artista. Pelas características da produção contemporânea de arte, em seus desdobramentos a partir de meados do século XX, quando se verificou o deslocamento do foco do objeto ou produto final ‘obra de arte’ para o processo, seria possível chegar ao pensamento de que os lugares tradicionais [de exposição de [obras de] arte] **seriam cada vez mais não necessários**<sup>9</sup>. Melhor dizendo, os lugares **institucionais** de exposição poderiam ou tenderiam a ser cada vez menos ‘institucionais’ e mais ‘lugares’, menos formais, ou formatados, dando abrigo às novas formas de relação surgidas a partir do movimento de ruptura com os suportes tradicionais da arte e a aproximação com a vida.

Desta forma, os espaços expositivos estariam mais coerentes com o movimento ocorrido na arte, evidenciado nos anos 60, por artistas como Joseph Beuys, Claes Oldenburg, ou aqui no Brasil como Ligia Clark e Helio Oiticica, no qual “o processo de criação artística

---

<sup>8</sup> NOÉ, Luis Felipe. **NOESCRITOS** sobre eso que se llama arte. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2007, p. 481.

<sup>9</sup> BERNARDES, Maria Helena. Palestra **Museu, Arte e Educação: desenvolvendo o mundo**, no Colóquio internacional de Arte Contemporânea e Museus: Transversalidades Poéticas e Políticas, 2010 (anotações da autora).



passa a ser enfatizado em detrimento do produto acabado, da obra de arte.”<sup>10</sup> Seguindo a questão levantada ainda dentro do modernismo por Duchamp, “o ambiente e o espectador ganham um espaço privilegiado no trabalho desses artistas, que despontam mais empenhados em produzir novas relações espaciais, em instaurar lugares, do que em gerar formas”<sup>11</sup>. As obras, as formas e o espaço onde se materializam assumem um novo estatuto, a partir das novas relações propostas pelo artista em relação à dualidade sujeito-objeto, como ressalta Helio Oiticica: “Nesse século a revolução que se verificou no campo da arte está intimamente ligada às transformações que acontecem nessa relação fundamental da existência humana. Já não quer o sujeito (espectador) resolver a sua contradição em relação ao objeto pela pura contemplação.”<sup>12</sup> Isso trouxe uma série de transformações no campo da arte, bem como nos seus modos de exposição, sendo que muitas foram as formas de exploração desta extensão dos limites ou barreiras da arte tradicional. Os lugares onde a arte acontece – é concebida ou efetivada – e a posição do artista no sistema, além do seu discurso, vão se tornar pontos-chave das estratégias poéticas e do debate da crítica.

“Ao longo dos anos 60 e 70, um dos aspectos constitutivos da relevância do lugar de apresentação ou inscrição do trabalho – em particular, o *site specific* ou *in situ*, na sua acepção mais ampla –, assim como da exposição no circuito de arte, é o fato de a materialização do trabalho ser indissociável da

---

<sup>10</sup> BUENO, Maria Lucia. **Artes Plásticas no Século XX: modernidade e globalização**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999, p. 225.

<sup>11</sup> BUENO, Maria Lucia. **Artes Plásticas no Século XX: modernidade e globalização**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999, p. 225.

<sup>12</sup> OITICICA, Helio. A transição da cor do quadro para o espaço e o sentido de construtividade. In FERREIRA, Glória. COTRIM, Cecília (org). **Escritos de Artistas**. Anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 95.

linguagem que o constitui, decorrente de tomadas de atitude *a priori* e de projetos. O lugar ou a situação torna-se assim um espaço de reiteração do próprio discurso.”<sup>13</sup>

Cada artista então toma o seu caminho, seja pela interatividade, pela saída do espaço expositivo e a negação da instituição, ou ainda pela tomada dos espaços urbanos e do cotidiano, pelos espaços do planeta, pela efemeridade das ações. Neste contexto são tidos como preferenciais espaços que permitem experimentação, onde a ênfase é dada à participação ativa no ato criador, contrapondo-se aos espaços tradicionais, como o museu de arte desenvolvido a partir dos moldes dos ‘gabinetes de curiosidades’ e o próprio museu de arte moderna – que segundo Walter Zanini<sup>14</sup> “definia-se por atuar ulteriormente a um fato definitivamente consumado que é a obra”. O autor, em texto dos anos 70, aponta que “as críticas à estrutura deste museu receptáculo e de propósitos inventariais, comparável no seu elitismo a um júri intocável em suas decisões, redobraram de intensidade depois de 1968”, propondo que o museu de arte contemporânea deve assumir novas formas, mais de acordo com as próprias características das produções e dos artistas que abriga.

Mas quanto mais esse conceito de arte contemporânea se torna difundido, aceito e praticado, mais se fortalecem os lugares de exposição, de institucionalização e de

---

<sup>13</sup> FERREIRA, Glória. COTRIM, Cecília (org). **Escritos de Artistas**. Anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 19.

<sup>14</sup> ZANINI, Walter. Novo comportamento do Museu de Arte Contemporânea. *In* RAMOS, Alexandre Dias (org.) **Sobre o Ofício do Curador**. Porto Alegre: Zouk, 2010, p. 59.

sistematização da arte. De forma paradoxal, como destaca Maria Helena Bernardes<sup>15</sup>, quanto mais a arte contemporânea grita que não precisa do museu ou espaço expositivo para acontecer, e os artistas e críticos chegam a uma quase unidade na crença de que o museu e os espaços expositivos do sistema tradicional de artes têm capacidade de absorver apenas uma pequena parte das ideias e das propostas de arte contemporânea, mais assistimos à reorganização dos mercados de arte e das instituições para incluir as produções recentes e de características por vezes pouco convencionais, bem como o crescente interesse dos artistas em geral na sua inserção neste circuito.

Na verdade, a postura diante dos espaços institucionais do sistema de artes, a partir das vanguardas modernistas, tem sofrido uma reversão, de um primeiro momento de refração – devido à descrença na capacidade da instituição acolher a arte e as propostas dos artistas contemporâneos sem anular a sua liberdade de expressão e criação, de modo oposto ao espaço público e aberto, que seria o espaço ‘neutro’, postura esta que pode ser caracterizada como ingênua – , a um momento mais atual de cooperação e busca de equilíbrio entre os agentes do sistema de artes, dentro de um contexto mais abrangente que compreende as indústrias culturais e a cultura inserida em uma economia de mercado, a

---

<sup>15</sup> Anotações da autora na Palestra **Museu, Arte e Educação: desenvolvendo o mundo**, proferida por Maria Helena BERNARDES, no Colóquio internacional de Arte Contemporânea e Museus: Transversalidades Poéticas e Políticas, no Santander Cultural em 2010.

partir da aceitação dos conceitos e práticas próprios da economia da cultura, que vem ocorrendo ao longo dos últimos anos.

“Houve uma grande aversão aos museus e à institucionalização, principalmente pelas vanguardas modernas e seus reflexos. Isso ocorreu inclusive no Brasil (...). Não foram poucos os artistas que execraram os espaços tradicionais de arte. Desde então é comum a ideia de que uma exposição ou o próprio circuito de arte teria o poder de neutralizar a força de um trabalho. A isso se acrescenta a postura, que hoje se evidencia como ingênua, de que o espaço público, a rua, seria um espaço genuíno, livre e à margem do circuito e do mercado, como se o mercado não estivesse presente em todos os campos.”<sup>16</sup>

A arte contemporânea de ênfase conceitual alimentou-se do combate às instituições, travando – e perdendo – as batalhas contra a história, o museu e o mercado, o que acabou por trazer mais prejuízos à própria ideia de arte do que às instituições artísticas<sup>17</sup>. Dois danos à ideia de arte são apontados por Teixeira Coelho: o primeiro é “a abertura da possibilidade de confundir o instante vital, o instante epifânico, com a representação” desse momento, o que pode ocorrer nas exposições da documentação do momento da performance ou experiência e dos processos de criação artística. Derivadas dessa abertura “foram as exposições *documentais* de uma experiência artística vistas como exposições *de arte em si*, preparadas por artistas que geravam documentos solteiros, peças segundas desligadas da matriz que deveria tê-los gerado e que no entanto apresentavam-se como

---

<sup>16</sup> ALVES, Cauê. A curadoria como historicidade viva. In RAMOS, Alexandre Dias (org.) **Sobre o Ofício do Curador**. Porto Alegre: Zouk, 2010, p. 48.

<sup>17</sup> COELHO, Teixeira. **Guerras Culturais**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2000, p. 199.

obras autônomas.” O segundo dano causado à ideia de arte por essa postura de combate às instituições, apontado pelo autor, seria o afrouxamento do critério de qualidade, com o decorrente “diminuição das exigências e auto-exigências artísticas e estéticas” e a “relativização da questão da qualidade”<sup>18</sup>.

“O museu não foi derrotado. Nem o mercado de arte. Nem as instituições, como um todo. Mesmo porque, ao final da década de 70, uma nova atitude diante das instituições despontava: não se tratava mais de contestá-las, destruí-las, tratava-se agora, um tanto cinicamente, de aproveitar os aspectos positivos que podiam oferecer a cada um individualmente.”<sup>19</sup>

Teixeira Coelho identifica que, se o espírito do final dos anos 60 foi contra a Modernidade e ao mesmo tempo contra as Instituições que a caracterizavam, a pós-modernidade trouxe o reconhecimento da sua existência e da convivência pacífica com as instituições, e os artistas contemporâneos de então, como os de hoje, numa aparente contradição aos discursos contemporâneos de base conceitual, continuavam a querer que o museu, a bienal, as galerias e o mercado lhes dessem “a devida e necessária certidão de existência artística”.

Já Ticio Escobar também se refere a uma espécie de conciliação, e deixa transparecer nas entrelinhas uma certa ironia, quando comenta que as estratégias de vanguarda baseadas no impacto, na provocação e na inovação constante foram “assumidas

---

<sup>18</sup> COELHO, id., p. 199.

<sup>19</sup> COELHO, id., p. 200.

suavemente por um sistema econômico cultural onívoro, capaz não só de neutralizar a desobediência, mas também de nutrir-se dela, de promovê-la e demandá-la, de pagar muito bem por seus gestos”<sup>20</sup>. Ele ressalta que no atual sistema de cultura não só a perversão característica das vanguardas deixa de ser subversiva, como a própria subversão passa a ser aproveitada como produto:

“A mercantilização da cultura, tanto quanto a culturalização do mercado, provocou um mundo de imagens conciliadas. E esta metástase da bela forma significa outro agravante ao espaço da arte, que aparece hoje sem base, que já não pode desvincular seus signos do que é exposto nas vitrinas, nas passarelas ou nas telas.”<sup>21</sup>

Para o autor, no panorama da cultura atual, onde as artes têm um lugar incerto nos cenários globais, mantêm-se ainda zonas de experiências, que são zonas de conflito e negociação, como trincheiras contra as ‘invasões’ dos outros campos não-artísticos da cultura que “transtornam o conceito de arte e remetem à pergunta acerca das possibilidades

---

<sup>20</sup> ESCOBAR, Ticio. Zona en Litigio. Los extraños lugares del arte en los tiempos del esteticismo total. In DUARTE, Paulo Sérgio (org.). **Rosa-dos-Ventos**. Posições e direções na Arte Contemporânea. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2005, p. 68. “(...) *assumidas suavemente por um sistema económico cultural omnívoro, capaz no solo de neutralizar la desobediência, sino de nutrir-se de ella, de promoverla y demandarla, de pagar muy bien por sus gestos.*”

<sup>21</sup> ESCOBAR, id., p. 68. “*La mercantilización de la cultura, tanto como la culturalización del mercado, ha provocado un mundo de imágenes conciliadas. Y esta metástasis da bella forma significa otro agravio al espacio del arte, que aparece hoy desfondado, que ya no puede desmarcar sus signos de lo expuesto en las vitrinas, las pasarelas y las pantallas.*”

críticas que tem hoje o fazer artístico em meio a um cenário ‘sobredeterminado’ esteticamente pelas lógicas comunicativas, mercantis e políticas da cultura de massas.”<sup>22</sup>

De qualquer modo, podemos perceber que as relações no campo cultural, e especificamente no que tange às instituições de arte, são cada vez mais mediadas pelo marketing cultural – proporcionalmente ao porte e à inserção da instituição em outros aspectos da economia da cultura (mercados de arte e patrimônio, indústrias culturais e políticas culturais). Nesta questão, cabe destacar a sutil – ou nem tanto – diferença, mas que por vezes passa despercebida nas discussões, na utilização do termo ‘marketing cultural’. Há que se considerar as diferenças entre o **marketing praticado por uma empresa ou instituição**, que se baseia na utilização de elementos culturais como veículo de divulgação e consolidação no mercado da própria imagem institucional, e utiliza-se para tanto das fórmulas do mecenato e dos patrocínios a eventos artísticos e culturais, como podemos ver em instituições como o Banco Santander, a Gerdau, a Vonpar ou mesmo o Banrisul, e o **marketing cultural – praticado pelas instituições culturais**, como a Fundação Iberê Camargo, o Santander Cultural ou a Fundação Bial, para vender seu produto e seu negócio cultural ou para obter recursos para seu financiamento, e cuja razão de ser é a formação do seu público.

---

<sup>22</sup> ESCOBAR, id., p. 66. “(...) trastornam el concepto de arte y remiten a la pregunta acerca de las posibilidades críticas que tiene hoy el quehacer artístico en medio de un escenario sobredeterminado estéticamente por las lógicas comunicativas, mercantiles y políticas de la cultura de masas.”

“Deve-se distinguir o marketing de uma empresa ou instituição que utiliza elementos culturais como veículo de divulgação, que subvenciona eventos artísticos e culturais como suporte da própria imagem institucional e que seria o fator de estímulo ao mecenato e ao patrocínio, do marketing praticado pelas instituições culturais para vender seu produto ou negócio cultural ou para obter recursos para seu financiamento. Nesse caso, a instituição cultural recorre aos instrumentos estratégicos de marketing: produto – que deve atrair –, preço – que deve estar de acordo com o público desejado –, distribuição – venda de ingressos –, comunicação – anúncios, programas, catálogos.”<sup>23</sup>

A esta postura de envolvimento no mercado surgem as críticas contundentes, que se opõem à transformação da obra em mercadoria, à entrega das exposições como moeda de negociação, à utilização de estratégias que privilegiam o aumento do público em detrimento da qualidade, do estabelecido que dá retorno garantido em detrimento da experiência, que exige administração dos riscos. Daí a relutância, apontada pelos especialistas em economia da cultura, em, mais que reconhecer, aceitar que as lógicas do interesse econômico possam presidir as práticas artísticas e as práticas culturais.

“Desde logo, pensar economicamente as artes e a cultura não significa nivelar (ou tomar como equivalentes) as manifestações da criação humana e os bens produzidos em série pela indústria. Muito ao contrário, significa apenas aceitar que, diversamente do que ocorre com sabonetes ou automóveis, existe uma relutância institucionalizada em reconhecer que as práticas culturais e os bens e serviços que dela resultam sejam presididos por lógicas de interesse, inclusive e sobretudo o interesse econômico.”<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> SARAVIA, Enrique, GANGEMI, Pedro P. de T. Apostila do Curso Nivelamento para as oficinas presenciais do **Programa de Capacitação em Projetos Culturais – FGV/MinC**.

<sup>24</sup> DURAND, José Carlos. Prefácio *In* BENHAMOU, Françoise. **A Economia da Cultura**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2007, p. 11.



Sendo isso reconhecido ou não, o poder neste mercado tem estado subordinado ao marketing cultural, pautando-se pela lógica do sistema de produção e distribuição dos bens culturais. Durante algum tempo, a economia da cultura esteve restrita ao campo da arte, ignorando as indústrias culturais, mas atualmente é considerada de uma forma mais abrangente, uma vez que as relações entre arte e indústria cultural se mostraram mais fortes do que se pensava a princípio, e hoje incluem ainda a indústria da comunicação, numa interação entre indústria tradicional e os suportes alternativos, multimídia e as novas tecnologias. Tudo isso unido e costurado por um fator essencial em comum, e que não pode ser esquecido: a existência de um criador no início de todo o processo.

“O que tem em comum a frequência aos centros de belas-artes e às salas de cinema, a leitura e a escuta de música? Modos análogos de formação da demanda, desigualdades de público que seguem as linhas divisórias traçadas por outras desigualdades sociais e, no outro extremo do processo, no início da cadeia de produção dos bens culturais, o trabalho de um criador, elemento central da formação de valor.”<sup>25</sup>

É a esse criador que se deve o valor inicial da produção na cadeia dos bens culturais. Mesmo considerando que o produto dessa criação, para ter reconhecido seu valor, passa pela legitimação de um sistema, e que em seus vários níveis vai agregando parcelas de valor, toda a produção parte desse elemento: o criador, o artista. “(...) Na medida em que as escolhas e os interesses de alguns artistas foram avançando cada vez mais no espaço do

---

<sup>25</sup> BENHAMOU, Françoise. **A Economia da Cultura**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2007, p. 19.

mundo, houve uma maior permeabilidade nessa relação entre o espaço artístico e o espaço não-artístico, fazendo com que essas distinções tornem-se mais complexas.”<sup>26</sup>

Essa relação complexa que envolve a determinação do contexto cultural que age sobre o criador e ao mesmo tempo é transformado por ele (só resta saber em que medida e para que lado tende a deslocar-se o ‘cabo de guerra’ em cada momento e em cada mercado local), acrescida da ampliação dos conceitos, tais como público ou patrimônio cultural, forçou também a ampliação do próprio conceito de museu enquanto instituição, uma vez que os espaços físicos dos museus e galerias que já não coincidem também com a abrangência institucional e econômica da produção artística, que ocupa cada vez mais uma variedade de meios, mercados e lugares disponibilizados, como a Internet, as mídias sociais, a rua. Helio Ferverza comenta que as produções que se adequarem e enquanto se inserirem no sistema hegemônico da arte terão o seu lugar neste sistema, beneficiando-se das suas formas institucionais de circulação social e econômica, enquanto que outros artistas, com produções ou propostas que não se enquadrem terão que promover outros circuitos e formas de circulação:

“Produções em acordo ou que se instalem mesmo que temporariamente dentro de um campo hegemônico da arte terão uma certa forma de circulação social econômica. Outras produções que se interessam por uma atuação em situações e espaços fora dessa posição terão outro circuito, outra forma de circulação, outros desenvolvimentos ou relações sociais. Outras

---

<sup>26</sup> FERVENZA, Helio. Considerações da arte que não se parece com arte. In **PORTO ARTE** v.I, nº1, junho 1990. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, 1990, p. 79.

formas de produção poderão abrir outros espaços e outras formas de vivenciá-las, as quais não existem a priori nem são identificadas como tais. Se elas não existem pode ser necessário criá-las, e isto é uma realidade.”<sup>27</sup>

Essas ‘outras formas de vivenciar as novas formas de produção’, comentadas por Fervenza, já ocorrem, mas ainda estão por ser melhor desenvolvidas, embora muitas delas não sejam utilizadas apenas por quem está fora do circuito (esse circuito onívoro que acaba por absorver a todo tipo de manifestação e produção, desde que lhe permita obter algum resultado ou retorno com isso). Assistimos à multiplicação de centros culturais e artísticos, bem como a uma revalorização dos museus e das galerias e espaços expositivos de instituições culturais como instâncias de consagração e legitimação da arte, ao lado da utilização cada vez mais eficaz dos meios de comunicação de massa e das mídias sociais nas ações e produções artísticas atuais, de certa forma quase sempre dentro do sistema e seguindo as regras do jogo do marketing cultural.

Inúmeras instituições já mobilizam o potencial da *web* para incrementar e disseminar seu alcance de público e fazer o registro das suas atividades, criando uma visibilidade permanente na rede, disponibilizando no espaço virtual atemporal a mostra física, que tem espaço e tempo de duração limitados. “Em maior ou menor grau, mostras pós-2000 também tem uma presença on-line para assegurar visibilidade e fornecer informações durante a

---

<sup>27</sup> FERVENZA, id., p. 79.

exibição e, depois disso, um arquivo permanente do evento ou exposição.”<sup>28</sup> Mas a maioria das instituições ainda utiliza de forma tradicional os novos meios e tendem, na maioria das vezes, a reproduzir modelos convencionais de catálogos e material informativo, em alguns casos extremamente limitados – para não prejudicar a comercialização do material gráfico (catálogos, reproduções, *cards*, etc.) produzido para venda. Ainda há a explorar um imenso campo que engloba a produção de *reprises* de exposições marcantes do passado, a disponibilização das novas montagens de uma exposição ocorridas em diferentes lugares, com partilha das diferentes experiências de cada nova montagem, ou ainda a organização de retrospectivas com interatividade, permitindo que experimentos e obras interativas possam ser recriadas, reinventadas ou revisitadas. A relação entre o digital e o físico é crucial para determinar o que vai ficar na história da arte – e das exposições – e que poderá ser facilmente lembrado, ou ainda visto por quem não esteve no lugar da exposição original.

Paralelamente a isso, além da produção oficial encontramos inúmeras iniciativas chamadas “alternativas” brotando de dentro do campo da arte: são as “outras produções” a que Ferverza se refere, que, fora do lugar da hegemonia, terão, segundo ele, outro circuito e outras formas de circulação e relações sociais. Um exemplo disso encontramos no fato, hoje cada vez mais comum porque propiciado por tecnologias disponíveis ao alcance de

---

<sup>28</sup> GREENBERG, Reesa. **Remembering Exhibitions:** From Point to Line to Web. *In Tate Papers*, Landmark Exhibitions Issue, 12, Autumn 2009. Disponível em <<http://www.tate.org.uk/research/tateresearch/tatepapers/09autumn>> acesso em 20.ago.2010. “*In addition, to a greater or lesser degree, post-2000 exhibitions also had an online presence to ensure visibility and provide information during the exhibition’s run and, thereafter, an ever-present archive of the exhibition event.*”

muitos, da existência de inúmeras vivências nos lugares expositivos, gravadas e publicizadas através da internet, por indivíduos que, seja no papel de artista, crítico ou espectador, estão interessados em comunicar-se com o público da arte em exposição e partilhar a sua experiência, o seu ponto de vista.

*“O YouTube, em particular, tem revolucionado o que é publicamente lembrado sobre exposições através de material não encontrado nos websites de museus, tais como vídeos de vernissages onde o foco está tanto nos frequentadores quanto na arte, vídeos tomados clandestinamente em exposições por indivíduos, ou a adição de trilhas sonoras ou comentários.”<sup>29</sup>*

Há uma significativa produção, uma série de artistas que se encontram ainda à margem do sistema, utilizando todas as formas disponíveis para conseguir a senha ou o código de acesso ao circuito oficial e ao mercado, e ao mesmo tempo desenvolvendo um circuito paralelo, não ‘por opção’, mas pela ‘falta de’. Este circuito paralelo acaba funcionando também como uma estratégia de ingresso ao sistema, quando é reconhecido ou apoiado pelos agentes legitimadores. Também encontramos ainda artistas dispostos a abrir mão de um lugar no circuito oficial de exposições de arte contemporânea por não querer se adaptar às formas estabelecidas de exposição e circulação das produções no sistema. São

---

<sup>29</sup> GREENBERG, Reesa. **Remembering Exhibitions:** From Point to Line to Web. *In* Tate Papers, Landmark Exhibitions Issue, 12, Autumn 2009. Disponível em <<http://www.tate.org.uk/research/tateresearch/tatepapers/09autumn>> acesso em 20.ago.2010. *“You Tube, in particular, has revolutionised what is publicly remembered about exhibitions with material not found on museum websites such as videos of vernissages where the focus is as much on those attending as the art, videos taken clandestinely in exhibitions by individuals, or the addition of a soundtrack or commentary.”*

artistas que se dispõem a dar um “passo ao lado”<sup>30</sup> na carreira, quando os interesses que movem a sua pesquisa e produção artística não se enquadram nos esquemas pré-estabelecidos do mercado de arte e as formas de exposição, buscando e na maioria das vezes criando espaços não institucionais para o desenvolvimento de seus trabalhos. A observação destas iniciativas nos leva a questionar a formatação destas alternativas aos espaços institucionais, que ou acabam com o tempo por serem incorporados ao “sistema das artes”, passando também por uma espécie de processo de institucionalização.

Mas o fato é que a participação (ou as relações que mantém com e) no circuito é que faz a visibilidade do artista, a comunicação de sua arte ao público e aos seus pares é que o torna existente no mundo da arte. Assim como em outras áreas, é o exercício da profissão e a participação no mercado que efetiva a condição de profissional. Em outras áreas profissionais regulamentadas, a legitimação se dá pela inscrição nos Conselhos ou Ordens. Nas artes, a legitimação se dá pelas instâncias do sistema, e passa pelos espaços expositivos. O artista que não expõe não o é, mas nem todo aquele que diz produzir e expor arte contemporânea é considerado artista. Ou pelo menos se criaria uma suspeita, uma sombra

---

<sup>30</sup> A expressão “dar um passo ao lado” – prática e conceitualmente diferente de dar um passo à frente ou mesmo atrás – é utilizada por Maria Helena Bernardes e André Severo para caracterizar a sua opção por ‘sair’, de uma certa forma, do sistema institucional de artes e de exposições, no momento em que iniciavam uma sedimentação de suas carreiras artísticas, para evitar a formatação exigida pelos editais de exposições e condições exigidas para inserção no circuito das artes e dos espaços expositivos, que não se adaptavam às propostas e experimentações artísticas que interessavam aos artistas no momento, o que os levou a iniciar o Projeto Areal. Anotações no “Passeio com os curadores”, atividade simultânea da exposição Horizonte Expandido, no Santander Cultural, em 04/08/2010.

sobre o seu verdadeiro papel. Será que é artista mesmo ou esta apenas se fazendo passar por artista? Onde expõe? É necessário manter o currículo ativo. Quem o chancela? Que espaço institucional, que curador, que escola lhe dá o direito de se proclamar artista? São lugares-comum, mas representam as ‘duplas lógicas’ apontadas por Bausbaum<sup>31</sup>.

Primeiro quanto à posição do artista em relação ao sistema de artes: se é ‘emergente’, ou seja, iniciante no sistema, busca espaço, através da inscrição em editais e prêmios, como os Editais para ocupação dos espaços da Coordenação de Artes Plásticas e da Coordenação de Cinema Foto e Vídeo da SMC, o Concurso de Artes do Instituto Goethe ou o Salão da Câmara Municipal, bem como a divulgação do trabalho em espaços abertos a ‘novos talentos’, como o Museu do Trabalho ou a Galeria Arte&fato; se já tem uma certa carreira desenvolvida, depende de convites e curadorias que o selecionem e o coloquem em evidência, com exposições em espaços considerados de maior peso dentro do sistema, como a Fundação Iberê Camargo, a Pinacoteca do Instituto de Artes e a Galeria Bolsa de Arte, valorizando os seus trabalhos no mercado. Depois a dupla lógica na economia da arte, de um lado a do mercado, e de outro a institucional, é representada pelos dois papéis do artista, diante do mercado e das instituições: uma ligada à produção para venda, subsistência mesmo do mercado, é a lógica do artesão. A outra é a lógica do funcionário, que ganha

---

<sup>31</sup> Anotações da autora na Conferência: Arte e mercado: galerias, museus, coleções e baratos afins, proferida por Ricardo BAUSBAUM no Colóquio internacional de Arte Contemporânea e Museus: Transversalidades Poéticas e Políticas, no Santander Cultural, em 2010.

independente da venda da produção, e se preocupa em garantir espaço de liberdade de criação e produção e estabelecer “lugares de definição conceitual da sua obra”<sup>32</sup>. Além disso, “em um mundo onde a habilidade técnica já não é critério dominante para julgar a arte, o caráter do artista é especialmente valorizado. A percepção de que um artista trabalha simplesmente para prover de obras ao mercado compromete sua integridade, portanto o mercado perde confiança em seu trabalho.”<sup>33</sup>

Outra dupla lógica: a da economia informal x formal. A macroeconomia, o aumento da escala obriga à formalidade, e o artista na medida em que se insere mais a fundo como profissional do sistema é chamado a ser pessoa jurídica dentro do mercado e da economia da cultura. Ainda mais uma dupla lógica citada por Bausbaum, para quem as relações entre estes dois sistemas ou instituições no Brasil seriam esquizofrênicas: a lógica do mundo da arte diante da lógica da universidade. O artista se multiplica nos papéis de produtor e pesquisador: “um pesquisador em artes plásticas, com efeito, opera sempre, por assim dizer, entre conceitual e sensível, entre teoria e prática, entre razão e sonho.”<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Id. à nota anterior.

<sup>33</sup> THORNTON, Sarah. **Siete días en el mundo del Arte**. Buenos Aires: Edhasa, 2009, p. 106. “*En un mundo donde la habilidad técnica ya no es criterio dominante para juzgar el arte, el carácter del artista es especialmente valorad. La percepción de que un artista trabaja simplemente para proveer de obras al mercado compromete su integridad, por lo tanto el mercado pierde confianza en su trabajo.*”

<sup>34</sup> LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. In BRITES, Blanca. TESSLER, Elida (orgs). **O Meio como ponto zero**. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 19.



Bausbaum sugere que na realidade há um distanciamento nas relações do artista atuante e inserido no mercado de arte e os institutos fomentadores da pesquisa no âmbito da universidade, que não tem conseguido dar o espaço devido ao pesquisador e à pesquisa em artes, devido a suas peculiaridades e diferenças em relação a outras disciplinas e saberes, ou seja, porque sempre envolvem um entrecruzamento de produção plástica-criação e de produção teórica-textual. Para Bausbaum, a questão da cobrança de produção acadêmica levada a efeito pelos órgãos como o CNPQ, com critérios que não acompanham as peculiaridades do mundo da produção artística, a gestão da disponibilização dos recursos para os projetos de pesquisa, bem como as exigências burocráticas para as classificações dos pesquisadores leva a uma situação insustentável. O artista aponta como uma possível solução para esse polêmico conflito, é a participação mais efetiva dos agentes da arte dentro desses órgãos, assumindo papéis mais preponderantes e de decisão.

Já no contexto internacional do mundo das artes, segundo a observação de Sarah Thornton, há muito a universidade tem atuado como primeiro legitimador da carreira artística:

“desde a década de 70, o título de Mestre em Belas Artes se converteu em primeiro legitimador da carreira de um artista, seguido pelos prêmios e residências, a representação de um marchand primário, as resenhas e notas em revistas de arte, a inclusão em coleções privadas de prestígio, a validação do museu na forma de mostras individuais ou grupais, a exposição pública em bienais muito concorridas e, por último, a aceitação de sua obra na revenda, marcada por um forte interesse nas salas de leilões. Mais especificamente, os

títulos de universidades de prestígio se converteram em uma espécie de passaporte.”<sup>35</sup>

Todo esse caminho em direção às instituições parece ser fruto de um contexto de profissionalização do campo da cultura, provocado pela modificação das relações entre cultura e desenvolvimento, desde a percepção de deficiências de modelos de desenvolvimento baseados apenas em critérios econômicos, com a compreensão do papel preponderante da cultura não apenas como elemento acelerador do desenvolvimento econômico e social mas também como um fim em si mesma, importante na formação da identidade social. Essa nova compreensão tem levado, nos últimos anos, a uma situação de atualização das políticas culturais em nível nacional, mas cujos efeitos ainda são incipientes, diante de interesses econômicos de um mercado que tende a uma espetacularização dos artistas e das artes visuais. Há uma grande diferença – nem sempre considerada pelas ações propostas nas políticas culturais e nas ações das instituições públicas ou privadas –, entre a experiência da produção artística e a sua veiculação. Ressalta Fervenza que “veiculação e

---

<sup>35</sup> THORNTON, op.cit., p. 57. *“Desde la década del sesenta, el título de Master en Bellas Artes se ha convertido en el primer legitimador en la carrera de un artista, seguido por los premios y las residencias, la representación de un marchad primario, las reseñas y notas en revistas de arte, la inclusión en prestigiosas colecciones privadas, la validación del museo en la forma de muestras individuales o grupales, la exposición pública internacional en bienales muy concurridas y, por último, la aceptación de su obra en la reventa, marcada por un fuerte interés en las salas de subastas. Más específicamente, los títulos de universidades prestigiosas se han convertido en una especie de pasaporte.”*

experiência podem ser noções inter-relacionadas e gerar situações afins, mas elas não necessariamente se confundem ou coincidem.”<sup>36</sup>

Resta continuar a reflexão a partir desta visão do lugar e dos lugares da arte contemporânea, inserida no contexto da economia da cultura, considerando que a instituição não deve ser um fator excludente da espontaneidade na produção de arte, mas sim um lugar de fomento e enriquecimento desta produção, e constituir-se num lugar onde os eventos culturais não tomem o protagonismo dos verdadeiros acontecimentos de arte.

“ De fato, o museu contemporâneo não precisa mais *ser de seu tempo*, apenas, assim como as artes que acolhe não tem mais como ser *apenas de seu tempo* – não enquanto a dinâmica cultural maior da sociedade apresentar os traços atuais de interpenetração de tudo, das tendências, dos espaços e dos tempos. O nó górdio do museu e da arte contemporânea (a arte contemporânea, que não quis o museu mas que pede para entrar no museu, deve ter um lugar no museu? O museu deve abrigar a arte que se recusa verdadeiramente a ir para o museu? Para que um museu seja contemporâneo, que tipo de arte deve ter?) é cortado, assim, com espada. Vencendo, as poéticas do processo foram derrotadas. Derrotado, o museu venceu.”<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> FERVENZA, Helio. Considerações da arte que não se parece com arte. In **PORTO ARTE** v.I, nº1, junho 1990. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, 1990, p. 79.

<sup>37</sup> COELHO, Teixeira. **Guerras Culturais**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2000, p. 207.

### **3 CONHECENDO OS LUGARES DA ARTE CONTEMPORÂNEA EM PORTO ALEGRE**

Depois destas reflexões introdutórias, sucintas mas necessárias, sobre a arte contemporânea e seus lugares, pontuando algumas questões referenciais dentro do panorama teórico-conceitual, buscando contextualizar o sistema atual globalizado da arte onde a nossa realidade local se insere, passo agora a uma aproximação ao foco desta pesquisa, percorrendo alguns dos espaços expositivos de arte contemporânea em Porto Alegre.

Como a proposta deste trabalho é fazer um primeiro mapeamento das principais instituições e espaços expositivos de arte contemporânea em Porto Alegre, numa abordagem de reconhecimento da situação existente – em preparação para etapas posteriores desta pesquisa onde se dará o desenvolvimento e aprofundamento de questões mais específicas sobre os lugares da arte em nosso meio –, surge de início uma questão importante: a definição dos critérios de seleção dos lugares incluídos na pesquisa. Diante da necessidade de selecionar alguns espaços, pela impossibilidade de executar uma exaustiva catalogação, que englobasse todo e qualquer lugar que apresente exposições de arte contemporânea, a eleição dos espaços estudados foi feita a partir da sua identificação como lugares que já tem significação e reconhecimento dentro do circuito de artes da capital.

Este reconhecimento pode ser identificado na projeção e respeitabilidade que determinado espaço expositivo tem entre os próprios artistas, como lugar de desejo de exposição e legitimação de sua produção, ou pelo seu reconhecimento como instituição de arte por outras instituições e pelos demais atores do sistema (curadores, críticos, profissionais de museus e instituições da área da cultura), pelo destaque na mídia e o alcance que tem junto ao público, ou ainda pelas exposições que trazem ao nosso meio, funcionando como instrumentos sociais de disseminação da arte e da cultura: afinal, uma das principais funções dos museus e espaços expositivos é exatamente “apresentar a cultura material para ser vista”<sup>38</sup>.

As instituições e lugares destacados como objetos de estudo representativos para esta pesquisa, se não abrangem – como não seria possível neste tipo de pesquisa e nos prazos envolvidos – a totalidade dos espaços, com certeza constituem uma amostra significativa do que há de mais importante em termos de lugares onde a arte é apresentada em nossa cidade. Toda escolha tem a parcialidade de um ponto de vista, e implica na eleição de algo a ser destacado em detrimento de outro a ser descartado, ao menos da discussão *do* e *no* momento. Isso é característico da própria atividade crítica e curatorial. Tomando como dado que a não escolha já é uma escolha pelo pior<sup>39</sup>, destaco que o ponto de vista crítico

---

<sup>38</sup> HOOPER-GREENHILL, Eilean. **Museums and the Interpretation of Visual Culture**. London: Routledge, 2000, p. 14. “*One of the prime functions of the public museum is to present material culture to be viewed.*”

<sup>39</sup> “viver é fazer escolhas, que nos limitam a liberdade. Não decidir é já decidir pelo pior.” MARTINS FILHO, Yves Gandra. **Ética e Ficção**. De Aristóteles a Tolkien. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010, p. 141.

aqui é baseado em parâmetros institucionais acadêmicos, partindo de um lugar determinado dentro do sistema das artes – a Universidade.

Este olhar se constitui, por minha situação de vida e experiências pessoais, num olhar múltiplo que abrange o ponto de vista do artista e gestor cultural, além do teórico e do pesquisador, que busca ser aberto às manifestações culturais e sociais. É um olhar que compreende o lugar expositivo identificado com as práticas culturais específicas da Cultura Visual<sup>40</sup>, nas quais estão engajados os museus e outros espaços de exposição. Muitas das instituições pesquisadas contemplam também outros campos da cultura, não sendo exclusivamente lugares de exposição de arte. Considero que essa característica pode ser enriquecedora, embora possa por vezes causar desconforto em diversos agentes no campo das artes, ou, pior ainda, provocar confusão no público visitante, misturando os conceitos de cultura e artes, exatamente por apresentar outras mostras mais vinculadas com a cultura popular, com a etnografia ou cultura de massas como se fossem exposições de arte. Cabe também ao sistema de artes trabalhar para que esses conceitos sejam melhor identificados e os diálogos transversais estabelecidos.

---

<sup>40</sup> *“The concept of ‘visual culture’ allows the examination of all those signifying practices, representations and mediations that pertain to looking and seeing, and it allows an analysis that is not shaped in advance by the values of high culture. ‘Visual Culture’ as a concept and a methodology refuses to accept the distinction between high culture and mass culture.”* HOOPER-GREENHILL, op. cit., p. 14.

O aspecto positivo que vejo nessa abordagem da cultura visual está no fato de abrir as instituições e os espaços expositivos a práticas comprometidas não apenas com a disseminação dos valores dominantes, mas com a criação e manutenção de espaços onde códigos alternativos podem ser produzidos e colocados também à discussão, lugares onde a “evidência deixa de ser evidente”<sup>41</sup>, porque é contestada ou questionada pelos diversos atores sociais, dentro e fora das instituições. “A cultura visual trabalha através da teoria social da visualidade, focando sobre as questões do **que é feito visível, quem vê o quê, e como visão, conhecimento e poder estão interrelacionados.**”<sup>42</sup>

Examino os espaços expositivos de Porto Alegre, utilizando a chave do lugar – o **onde** – isso tudo acontece, acessar ao **que** é feito visível em nosso meio, por **quem** e em que **dimensões**, e as práticas sociais que acompanham a circulação da arte. “Se nem tudo que é museável é arte, a atual reflexão sobre o que consideramos arte hoje se encontra intimamente ligada à decisão de que coisa resulta digna de ser exposta, preservada e portanto legitimada, e o que não.”<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> Anotações da autora na Palestra **Arte, Museus, Política: uma tensão inevitável**, proferida por Benoit DE L'ESTOILE no Colóquio internacional de arte contemporânea e museus: Transversalidades Poéticas e Políticas, no Santander Cultural, em 2010.

<sup>42</sup> HOOPER-GREENHILL, op. cit., p. 14. (grifo nosso). “*Visual culture works towards a social theory of visibility, focusing on questions of what is made visible, who sees what, how seeing, knowing and power are interrelated.*”

<sup>43</sup> ARES, María Cristina. Lo Museable. In OLIVERAS, Elena. **Cuestiones de arte contemporáneo**. Hacia un nuevo espectador en el siglo XXI. Buenos Aires: Emecé Editores, 2008, p. 59. “*Si bien no todo lo museable es arte, la actual reflexión sobre qué consideramos arte hoy se encuentra íntimamente ligada a la decisión de qué cosa resulta digna de ser expuesta, preservada y por tanto legitimada, y qué no.*”

Enfim, compreender o que se constitui como lugar expositivo, como espaço de construção de sentidos, significados e conhecimento, frequentado pelos elementos que atuam no processo de legitimação da arte contemporânea: o artista [produtor], o crítico, assim como o curador [trabalha com a reapropriação das obras de arte e produções artísticas como objetos situados numa teia cultural<sup>44</sup>] e o público [que a recebe a seu modo]. São, pois, objetos desta análise os lugares expositivos que assim se caracterizam por ter a exposição como sua função principal – ou que esta esteja entre suas funções principais, como museus e instituições afins.

Num esboço inicial, pretendia organizar a apresentação dos espaços estudados agrupando-os segundo suas características afins, de porte ou de caráter (público|privado, espaços institucionais|acadêmicos, instituição museológicas ou culturais sem fins lucrativos|espaços comerciais, manifestações alternativas|periódicas). Acabei optando por uma forma de apresentação livre, sem buscar a separação em categorias estanques, diante da impossibilidade de classificações absolutas.

Estamos trabalhando num contexto atual de hibridismo cultural, do afrouxamento das categorias, de transversalidades entre as instituições que abrigam os espaços expositivos, de multiplicidade de papéis e diferentes modos de ação e posicionamento no sistema. Elas tem em comum acolher entre suas atividades principais exposições de arte

---

<sup>44</sup> GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. FABRIS, Annatereza (orgs.). **Os lugares da crítica de Arte**. São Paulo: ABCA, Imprensa Oficial do Estado, 2005, p. 41.



contemporânea e estar num mesmo lugar geográfico, a cidade de Porto Alegre. Mas, mesmo dentro do mesmo sistema de artes, transitam entre territórios, contextos, objetivos, modos e público diversificados. Enquanto a análise de um item agruparia um determinado número de lugares, induzindo a situá-las numa mesma categoria analítica, a observação de um outro item já agruparia um outro elenco de lugares.

Apresento a seguir os espaços selecionados e os dados obtidos até o momento. Pelas limitações dos prazos desta etapa da pesquisa, o recorte temporal se restringe aos anos de 2009 e 2010, mas por óbvio as informações relativas ao ano de criação e ao tempo que instituição está atuante serão de grande valia para ajudar a formar uma ideia mais clara e fundamentar as reflexões. Algumas instituições possuem diversos espaços expositivos, administrados por diferentes órgãos, e poderiam ser desmembradas em várias páginas, mas para não ampliar em demasia o número de espaços investigados, devido às limitações de tempo que disponho para esta etapa, realizei a coleta de dados referentes a alguns deles, ficando para etapas posteriores de desdobramento a relação completa dos espaços, bem como uma pretendida ampliação do universo da pesquisa.

A cada instituição é dedicada uma dupla de páginas. Na primeira página estão reunidos dados institucionais e dados do espaço expositivo, que permitem uma breve caracterização da instituição. Ressalto aqui que os textos de apresentação de cada espaço são destacados das publicações institucionais, principalmente os sites e blogs ou ainda

catálogos, folders e relatórios publicados. Dessa forma, não retratam uma análise da autora a respeito dos espaços, mas aportam a este estudo mais um interessante ponto de análise, trazendo o discurso que a própria instituição faz de si mesma, revelando a forma como se apresenta ao público e se coloca diante do sistema. Plantas baixas ou croquis com a metragem dos espaços expositivos, além de imagens dos interiores, logomarca e indicação quanto ao acesso a mídias sociais e demais aplicativos web completam as informações de identificação na primeira página. Na segunda página de cada instituição, são apresentados os dados referentes às exposições realizadas no período de 2009/2010, na ordem das mais recentes às mais antigas. Dados como título, curadoria, duração da mostra e artistas participantes serão aportados, também como pontos de partida para utilização em análises posteriores. Apresento os nomes dos artistas, quando é possível, como nos casos de mostras individuais ou com um número limitado de artistas. Quando não há divulgação individual dos artistas, ou no caso de serem muitos nomes, trabalhei apenas com o número de artistas. Nos casos em que esse dado não é divulgado com exatidão utilizo a indicação 'diversos'.

Diante da necessidade prática de estabelecer uma ordem de apresentação dos espaços, e da impossibilidade de *a priori* estabelecer a ordem por critérios passíveis de análises mais ou menos subjetivas, escolhi utilizar um critério de organização objetivo, a dimensão dos espaços expositivos: iniciando do maior até o menor, não considerando o porte da instituição como um todo, ou sua área total, destinada às diversas atividades, mas apenas o tamanho dos espaços expositivos.

## CENTRO CULTURAL USINA DO GASÔMETRO

Av. Pres. João Goulart, 551 - Centro  
90010-120 - Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone (51) 3289-8140 e 3289-8100  
[www2.portoalegre.rs.gov.br/smc](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc)  
[www.galeriadosarcos.blogspot.com](http://www.galeriadosarcos.blogspot.com)  
[www.galerialunara.blogspot.com](http://www.galerialunara.blogspot.com)  
[usina@smc.prefpoa.com.br](mailto:usina@smc.prefpoa.com.br)  
Visitação de terças a domingos, das 9h às 22h  
Entrada franca



O prédio da Usina foi construído em 1928. Em 1991 o Centro Cultural com área total de 18.000 m<sup>2</sup> foi aberto à população.

A Usina do Gasômetro vem se destacando com projetos continuados de formação de linguagem e com exposições incríveis todo o ano.

### **Espaços Expositivos do Centro Cultural Usina do Gasômetro**

#### Administração Direção da Usina do Gasômetro:

Térreo da Usina do Gasômetro - eventualmente utilizado para grandes exposições. Não-climatizado. Área: 517,5 m<sup>2</sup>

Espaço Vasco Prado - mezanino (2º andar)- eventualmente utilizado para grandes exposições. Não-climatizado. Área: 974,6 m<sup>2</sup>

#### Administração Coordenação de Cinema, Vídeo e Fotografia SMC:

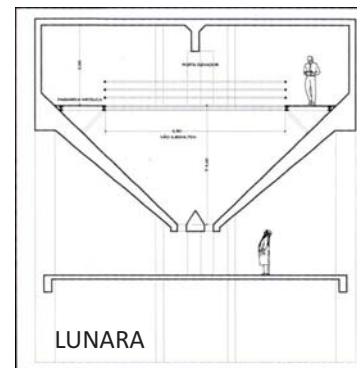
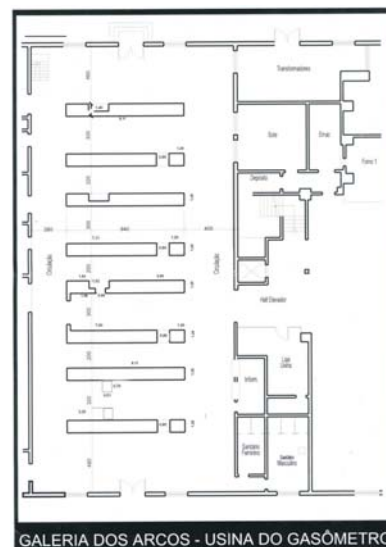
Galeria dos Arcos - térreo. Inaugurada em dez/1997, recebe exposições fotográficas permanentemente. Ocupação por editais anuais e convites. É um espaço para os fotógrafos locais, além de possibilitar a realização de mostras de grandes nomes da fotografia nacional e mundial. Área: 600m<sup>2</sup>

Galeria Lunara - tremonhas do 5º andar. Seduz pela sua peculiaridade arquitetônica e instigante atmosfera, condições muito propícias para abrigar trabalhos experimentais e investigativos. Ocupação por editais anuais e convites. Área: 100m<sup>2</sup>

#### Administração Coordenação de Artes Plásticas SMC:

Galeria Iberê Camargo - térreo. Climatizado. Expõe projetos do edital anual da CAP/SMC e exposições institucionais e projetos de intercâmbio. - Área: 121,36 m<sup>2</sup>

4º andar - Expõe projetos selecionados pelo edital anual da CAP/SMC. Não-climatizado. Área: 280 m<sup>2</sup>



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010\*

### GALERIA LUNARA COORD CINEMA VÍDEO FOT

PARAÍÇOS PERDIDOS SÉCULO XX - 25 de novembro/2010 a (não inf)	
SEÇÃO INVERTIDA	16 de setembro a 24 de outubro/2010
OCULTO	30 julho a 12 de setembro/2010
LUGAR NENHUM	18 de maio a 20 de junho/2010
CINE AGUA	8 de abril a 09 de maio/2010
CÉUS ARTIFICIAIS	11 de março a 4 de abril/2010
BASTA ESTE NADA	21 de janeiro a 28 de fevereiro/2010
DAILIES	14 de novembro/2009 a 17 de janeiro/2010
PORTRAITS	25 de setembro a 8 de novembro/2009
INEFÁVEL	7 de agosto a 2 de setembro/2009
O RISO E A MELANCOLIA	26 de junho a 26 de julho/2009
curadoria Bernardo de Souza e Mariana Xavier	
[MOVE_VERSÃO_2.0_PED]	21 de maio a 21 de junho/2009
STRICTLY	16 de abril a 17 de maio/2009
CONJUNTO(4)	13 de março a 12 de abril/2009
NUS	11 de dezembro/2008 a 1 de março/2009

### GALERIA DOS ARCOS TÉRREO – COORD CINEMA VÍDEO FOT

PARAÍÇOS PERDIDOS SÉCULO XX	25 de novembro/2010 a (não inf)
SHANGHAI	9 de setembro a 10 e outubro/2010
TRAN.S.VER	5 de agosto a 5 setembro/2010
TAPUMENS	24 de junho a 25 de julho/2010
SEM NOMES	14 de maio a 13 de junho/2010
ÁRVORES DO SUL	25 de fevereiro a 21 de março/2010
CEMITÉRIOS DA PROVÍNCIA	4 de dezembro/2009 a 20 de janeiro/2010
CORPOS EM TRÂNSITO	13 de agosto a 13 de setembro/2009
PANORÂMICA	8 de julho a 9 de agosto/2009
FOTOGRAFIAS	12 de maio a 21 de junho/2009
INVENTARIO	20 de novembro/2008 a 20 de janeiro/2009

## ARTISTAS

Coletivo Avalanche  
Bruno Borne  
Rochele Zandavalli  
Luísa Mello  
Nelton Pellenz e Dirnei Prates  
Diego Amaral e Tulio Pinto  
Eduardo Montelli, Juliano Ventura,  
Letícia Bertagna, Janaína Kremer  
Thomas Demand  
Cecil Beaton  
Maurício Ianês  
+8 artistas

Kátia Costa  
Jason Evans  
Luiz Roque e André Venzon  
Felipe Cama

Coletivo Avalanche  
Coletivo Baita-Profissional (15 fotóg)  
Bruna Conforte, Carolina Kazue, Elizabete  
Rocha, Julio Appel, Lívia Santos, Roberta  
Sant'anna, Simone Blauth, Vinicius Roratto,  
Walter Karwatzki  
Tarcisio Costa  
Walter Firmo  
Paulo Backes  
Bruno Barreto  
Ana Zveibil  
Alunos da FEEVALE, ESPM,  
UFRGS/Fabico (85 artistas)  
Bernhard Wicki  
Bruno Barreto

\* Apresentamos por amostragem o levantamento de dados da Galeria dos Arcos e da Galeria Lunara. Os demais espaços do Centro Cultural serão acrescentados em uma próxima etapa da pesquisa.

## SANTANDER CULTURAL – PORTO ALEGRE

Sete de Setembro, 1028 – Centro Histórico  
90010-191 - Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone (51) 3287-5940

scultura@santander.com.br  
www.santandercultural.com.br

Visitação de Terça a sexta, das 10h00 às 19h00  
Sábados, domingos e feriados, das 11h00 às 19h00.

Entrada franca



Fundado em 2001. Ocupa prédio histórico tombado.

“O Santander Cultural é uma instituição do Grupo Santander Brasil, formado pelos bancos Santander e Real, voltada à integração e à difusão da diversidade das linguagens e dos conteúdos artístico-culturais. Comprometida com a cultura contemporânea, com o conhecimento e com o desenvolvimento sócio-econômico, atua nos campos das artes visuais, música, cinema e reflexão.”

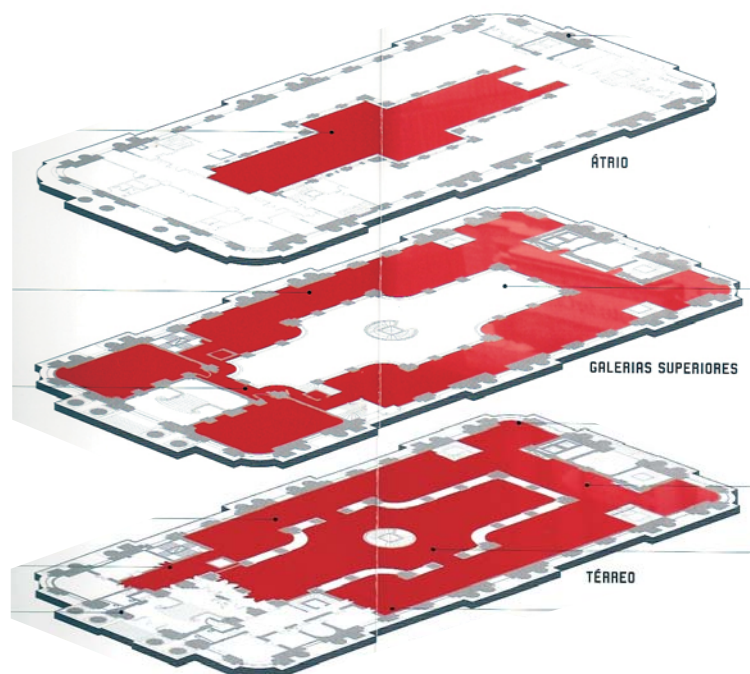
Atua por meio de “parcerias estratégicas com áreas de produção cultural brasileira e internacional”. Seleciona projetos e desdobra-se na realização de um extenso programa de atividades paralelas a cada mostra, utilizando as “múltiplas conexões” da “gestão cultural”, envolvendo educação, cultura, política e sociedade. O “compromisso com o contemporâneo e a irradiação da cultura” parte do “fio condutor” das artes visuais e provoca os debates do campo da reflexão e as ações educativas.

Dimensões dos espaços expositivos:

Total 1870 m<sup>2</sup>

Galerias do térreo e superiores 1445 m<sup>2</sup>

Grande Hall (térreo) 425 m<sup>2</sup>



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

ROBERT WILSON - VIDEO PORTRAITS  
parceria com o 17ª Porto Alegre Em Cena  
9 de setembro a 5 de dezembro/2010

HORIZONTE EXPANDIDO  
curadoria André Severo e Maria Helena Bernardes  
26 de maio a 15 de agosto/2010

PROJETÁVEIS - 7ª Bienal do Mercosul  
curador adjunto Roberto Jacoby  
16 de outubro a 29 de novembro/2009  
também expostas no site da Bienal  
[www.bienalmercosul.art.br](http://www.bienalmercosul.art.br)

REFLEXIO: IMAGEM CONTEMPORÂNEA NA  
FRANÇA  
curadora Ligia Canongia  
24 de abril a 24 de julho/2009

## ARTISTAS

Robert Wilson

Allan Kaprow, Ana Mendieta, Bas Jan Ader, Bruce Naumam, Chris Burden, Dan Graham, Dennis Oppenheim, Gordon Matta-Clark, Hélio Oiticica, Joseph Beuys, Marina Abramovic, Nancy Holt, Robert Smithson, Valie Export, Vito Acconci e Victor Grippo.

Alejandra Prieto e Nicolás Rupcich - Chile; Antoni Abad - Espanha; Cinthia Marcelle - Brasil; Renata Marquez e Wellington Caçado - Brasil; Fabiana de Barros - Brasil/Suíça; Fernando da Silva Pião - Brasil, Fernando Velázquez - Uruguai; Furallefalle - Iñaki Lopez Ordoñez e Vanessa Castro - Espanha; Grupo CDM - Centro de Desintoxicação Midiática - Ricardo Peruffo Mello, Eduardo Montagna da Silveira e Leonardo de Jesus Furtado - Brasil; Gustavo Marrone - Argentina; Karina Peisajovich - Argentina; Martin Kohout - República Tcheca; Oto Hudec - Eslováquia; Paul Matosic - Reino Unido; Ran Huang - China; Sara Wolfert e Mathias Tervo - Suécia; Shirin Sabahi - Irã; Terence Gower - Canadá; Tina Willgren - Suécia

Patrick Tosani, Catherine Rebois, Suzanne Lafont, Eric Rondepierre, Jean-Luc Moulène e Valérie Jouve

## MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI

Praça da Alfândega, s/n° - Centro  
90010-150 - Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone (51) 3227-2311 - Fax (51) 3221-2646  
museu@margs.rs.gov.br

Visitação de terças a domingos, das 10 às 19 horas.

Entrada franca

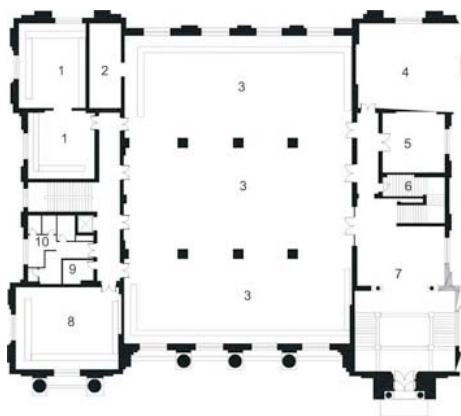


Fundado em 1954. Em 1978 vai para sua sede definitiva. Em 1997 passa a se denominar Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli.

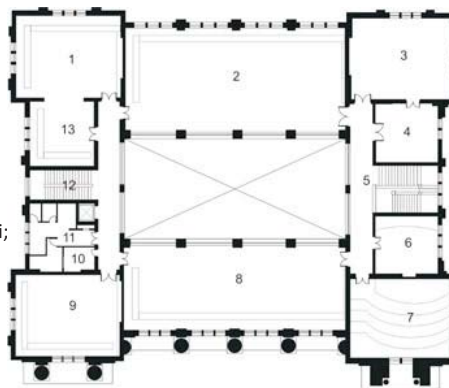
“O Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli é o principal museu de arte do Estado e um dos mais importantes do país. Seu acervo reúne mais de 2.800 obras de artistas nacionais e internacionais, compondo um panorama dos movimentos artísticos da arte brasileira ao longo do século XX e, sobretudo, das artes visuais no Rio Grande do Sul, desde os seus primórdios, no século XIX, até os dias atuais. O MARGS exerce uma função cultural preponderante no Estado. Articulado com outros museus do país, proporciona sustentação a projetos nacionais e internacionais. As grandes exposições tiveram início em 1999, após a restauração do prédio, realizada entre os anos de 1996 e 1997, patrocinada pelo Governo do Estado e Ministério da Cultura.”

Diretor: César Prestes / Núcleo de Exposições: coord. exposições Luciano da Costa Monteiro

Dimensões dos espaços expositivos: 1305 m<sup>2</sup> (longa duração 395m<sup>2</sup>; curta duração 910 m<sup>2</sup>)



- 1º Pavimento
- 1- Salas Negras;
  - 2- Cofre;
  - 3- Pinacotecas;
  - 4- Café;
  - 5- Loja;
  - 6- Sanitários;
  - 7- Saguão;
  - 8- Sala Berta Locatelli;
  - 9- Copa;
  - 10- Acesso



- 2º Pavimento
- 1- Sala Pedro Weingärtner;
  - 2- Galeria João Fahrion;
  - 3- Documentação e Pesquisa;
  - 4- Biblioteca;
  - 5- Saguão;
  - 6- Mini-auditório;
  - 7- Auditório;
  - 8- Galeria Iberê Camargo;
  - 9- Galeria Oscar Boeira;
  - 10- Copa;
  - 11- Sanitários;
  - 12- Acesso;
  - 13- Galeria Ângelo Guido

## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

GALERIA CAIXA BRASIL

5 a 27 de novembro/2010 (simultânea em 27 capitais brasileiras)

GUIGNARD E O ORIENTE: CHINA, JAPÃO E MINAS

de 15 de Setembro a 02 de Novembro de 2010

MODERNA PARA SEMPRE – FOTOGRAFIA MODERNISTA BRASILEIRA  
NA COLEÇÃO ITAÚ

Curadoria Iatã Canabrava / Parceria Itaú Cultural

27 de julho a 10 de outubro/2010

PORTINARI NA COLEÇÃO CASTRO MAIA

Curadoria Anna Paola Baptista

10 de julho a 29 de agosto/2010

PARTÍCULAS

20 de maio a 4 de julho/2010

AUGUSTO LUIZ DE FREITAS NO MARGS

28 de abril a 13 de junho/2010 / Parceria APLUB

PEDRO WEINGÄRTNER - 1853-1929 - UM ARTISTA ENTRE O VELHO  
E O NOVO MUNDO

Curadoria Ruth Sprung Tarasantchi

13 de abril a 13 de junho/2010

ACERVO PERMANENTE

11 de março a 30 de dezembro/2010

ACERVO MARGS - CONTEMPORÂNEOS DE TOMASELLI

03 a 28 de fevereiro/2010

EXPRESSÕES GRÁFICAS. MÉXICO CONTEMPORÂNEO

10 de dezembro/2009 a 17 de janeiro/2010.

Curadoria LLúvia Sepúlveda

MARIA TOMASELLI - MÁGICA DA SEMELHANÇA

Curadoria Denise Mattar

18 de dezembro/2009 a 28 de fevereiro/2010

MEU NOME É NINGUÉM

18 de dezembro/2009 a 28 de fevereiro/2010

QUERO OUTROS ESPAÇOS

15 de dezembro/2009 a 21 de fevereiro/2010

DESENHO DAS IDÉIAS (7ª BIENAL DO MERCOSUL)

16 de outubro a 29 de novembro/2009

ARTE NA FRANÇA - 1860-1960: O REALISMO

14 de julho a 30 de agosto/2009

Curadoria Eric Corne / coord Moacyr Kruchin

PAULO PORCELLA - MEIO SÉCULO DE ARTE

28 de abril a 31 de maio/2009

ACERVO APLUB

7 de abril a 14 de junho/2009

ACERVO PERMANENTE - 2009

SAGRADO CORAÇÃO, MISSÃO DE SÃO MIGUEL

22 de dezembro/2008 a 15 de março/2009

obs.: não estão computadas as exposições no Bistrô e no Café do MARGS

## ARTISTAS

Di Cavalcanti, Aldemir Martins, Djanira, Portinari, Glauco Rodrigues, Antonio Poteiro, Abelardo Zaluar, Tomie Ohtake, Francisco Rebolo, Cícero Dias, e outros.

Guignard e Zhang Daqian

26 artistas

Cândido Portinari

Martin Streibel

Augusto Luiz de Freitas

Pedro Weingärtner

Diversos

Iberê Camargo, Alice Bruggman, Alice Soares, Glauco Pinto de Moraes, Nelson Jungbluth, Magliani, Xico Stockinger, Paulo Chimenes, Gustavo Nakle, Milton Kurtz, Miriam Tolpolar, Anico Herskovitz, Marta Loguécio, Clara Pechanski, Brito Velho, Ana Alegria, Adelaide Tomaselli

43 obras/diversos

Maria Tomaselli

Lenir de Miranda

Heloisa Schneiders

diversos (40)

diversos

Paulo Porcella

diversos

diversos

Carlos Vergara



## FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO

Av. Pe. Cacique, 2000 - Praia de Belas  
90810-240 - Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone (51) 3247-8000

www.iberecamargo.org.br  
cultural@iberecamargo.org.br  
site@iberecamargo.org.br

Visitação de terças a domingos, das 12 às 19 horas,  
quintas até 21h.

Entrada franca



Fundação Iberê Camargo



A Fundação foi criada em 1995. Em maio/2008 inaugurou a nova sede.

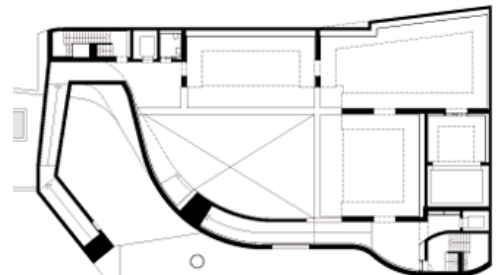
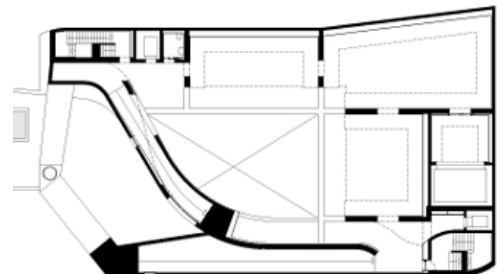
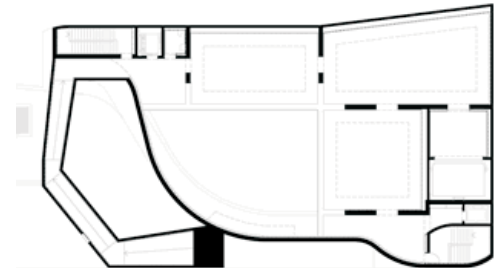
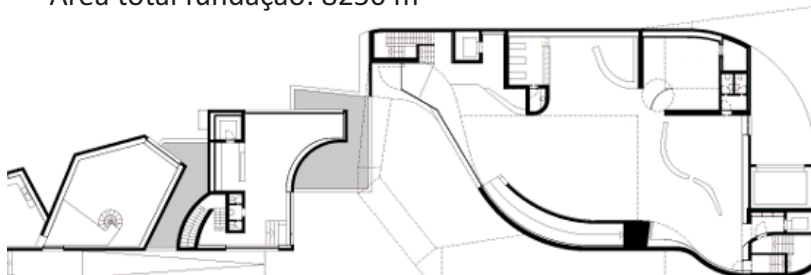
Tem como objetivo “preservar e divulgar a obra do prestigiado pintor brasileiro. Além de aproximar o público deste que é um dos grandes mestres da arte no século XX, a instituição procura incentivar a reflexão sobre a produção artística contemporânea. A cada ano, são organizadas mostras, oficinas, cursos, seminários, encontros com artistas e estudos diversos sobre a obra de Iberê Camargo e sobre questões ligadas à arte contemporânea. A idéia é disseminar não apenas o legado artístico e intelectual de Iberê Camargo, mas promover uma reflexão sistemática sobre a contemporaneidade e o fazer artístico.”

Superintendente Cultural: Fábio Coutinho

Dimensão do espaços expositivos: 1300 m<sup>2</sup>

9 salas de exposições em 3 pavimentos.

Área total fundação: 8250 m<sup>2</sup>



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

CONVIVÊNCIAS - 10 ANOS DA BOLSA IBERÊ CAMARGO

Curadoria: Jailton Moreira

11 de novembro de 2010 a 20 de fevereiro de 2011

IBERÊ CAMARGO: OS MEANDROS DA MEMÓRIA

(ACERVO) Curadoria: Jacques Leenhardt

2 de outubro de 2010 a 3 de abril de 2011

DESENHAR NO ESPAÇO - ARTISTAS ABSTRATOS DO BRASIL E

VENEZUELA NA COLEÇÃO PATRICIA PHELPS DE CISNEROS

Curadoria: Ariel Jiménez

30 de julho a 31 de outubro de 2010

O ALFABETO ENFURECIDO: LÉON FERRARI E MIRA SCHENDEL

Curadoria: Luis Pérez-Oramas

9 de abril a 11 de julho de 2010

PAISAGENS DE DENTRO - AS ÚLTIMAS PINTURAS DE IBERÊ CAMARGO

(ACERVO) Curadoria: Icleia Borsa Cattani

11 de dezembro de 2009 a 23 de setembro de 2010

CÁLCULO DA EXPRESSÃO

Curadoria: Vera Beatriz Siqueira

11 de dezembro de 2009 a 14 de março de 2010

DENTRO DO TRAÇO, MESMO (COLEÇÃO DO PROGRAMA ARTISTA

CONVIDADO DO ATELIÊ). Curadoria: Teixeira Coelho

10 de setembro a 29 de novembro de 2009

IBERÊ CAMARGO: UMA EXPERIÊNCIA DA PINTURA

(ACERVO) Curadoria: Virginia H. A. Aita

10 de setembro a 29 de novembro de 2009

DÉDALE - UMA FILME-INSTALAÇÃO DE PIERRE COULIBEU

Curadoria: Gaudêncio Fidelis

4 de junho a 30 de agosto de 2009

IBERÊ CAMARGO: UM ENSAIO VISUAL

(ACERVO) Curadoria: María José Herrera

21 de março a 30 de agosto de 2009

LUGARES DESDOBRADOS

Curadoria: Mônica Zielinsky

9 de dezembro de 2008 a 8 de março de 2009

IBERÊ CAMARGO – PERSISTÊNCIA DO CORPO

(ACERVO) Curadoria: Ana Maria Albani de Carvalho e Blanca Brites

3 de setembro de 2008 a 15 de março de 2009

IOLE DE FREITAS (PROGRAMA ÁTRIO)

Proposta Monica Zielinski, Paulo Sergio Duarte e Sonia Saltzstein

6 de agosto de 2008 a 8 de fevereiro de 2009

## ARTISTAS

Carla Borba, Cadu, Glaucis de Moraes, Iara Freiberg(SP), Letícia Cardoso(SC), Lia Chaia(SP), Marcelo Moscheta(SP), Marcos Sari, Marcius Galan(EUA-SP), Matheus Rocha Pitta(MG), Veronica Cordeiro, Ronald Duarte(RJ), Vijai Patchineelam(RJ), Wagner Malta Tavares(SP)

Ven: Gego, Alejandro Otero, Jesus Soto, Carlos Cruz-Diez, Brasil: Willys de Castro, Lygia Clark, Mira Schendel, Helio Oiticica, Hercules Barsotti e Judith Lauand.

Léon Ferrari e Mira Schendel

Iberê Camargo

Oswaldo Goeldi, Lasar Segall, Iberê Camargo

Alex Flemming, Amílcar de Castro, Anna Bella Geiger, Anna Letycia, Antonio Dias, Arthur Piza, Álvaro Siza, Cabelo, Caetano Almeida, Carlito Carvalhosa, Carlos Martins, Carlos Pasquetti, Carlos Vergara, Carlos Zílio, Carmela Gross, Claudio Mubarak, Cristina Canalle, Daniel Acosta, Daniel Senise, Darel Valença Lins, Eduardo Costa, Eduardo Sued, Elaine Tedesco, Elisa Bracher, Fábio Miguez, Jorge Machi, José Resende, Juliano de Moraes, Karin Lambrecht, Laura Andreato, Leon Ferrari, Lia Menna Barreto, Liliana Porter, Lucia Koch, Luiz Carlos Felizardo, Luiz Eduardo Achutti, Marco Buti, Maria Lucia Cattani, Mariannita Luzzati, Mario Carneiro, Mary Dritschel, Maurício Guillen, Miguel Rio Branco, Nelson Felix, Nelson Leirner, Pablo Chiuminatto, Paulo Brusky, Paulo Pasta, Regina Silveira, Ricardo Basbaum, Siron Franco, Tamara Andrade, Tomie Ohtake, Vera Chaves Barcellos, Walmor Correa e Waltércio Caldas

Pierre Coulibeuf

Iberê Camargo

Elaine Tedesco, Karin Lambrecht, Lucia Koch

Iberê Camargo

Iole de Freitas

## PAÇO MUNICIPAL

Praça Montevideu, 10 - Centro  
CEP 90010-170 Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (51) 3289-3616 e 3289-8127 (Setor de mostras e Exposições da CAP/SMC)  
mostras@smc.prefpoa.com.br  
visitação: segunda à sexta, das 9h às 12h e das 14h às 18h, sábados das 13h às 17h



O Paço Municipal de Porto Alegre é a sede da prefeitura, foi construído em 1898-9. Foi tombado pelo município em 1979. Passou por reformas para adaptação de diversos espaços internos para exposições de arte e para guarda do acervo artístico da prefeitura. Em 2008, as obras das Pinacotecas municipais que estavam no MARGS voltaram ao Paço Municipal.

Dimensões e usos dos espaços expositivos:

Porão - compõe-se de quatro salas para exposições. Espaço não-climatizado, períodos abertos mediante edital e através de convite. Área: 354,25 m<sup>2</sup>

Sala da Cadeia: 36,0 m<sup>2</sup> (6,0 x 6,0 m)

Sala das Colunas: 123,25 m<sup>2</sup> (8,5 x 14,5 m)

Sala de Acesso: 78,0 m<sup>2</sup> (6,5 x 12,0 m)

Sala da Escadinha: 117,0 m<sup>2</sup> (9,0 x 13,0 m))

Sala da Fonte (C2) - térreo. Espaço fechado, não-climatizado, possui sistema de iluminação dimerizado. Composta por quatro painéis de 3,30m x 2,80m cada e um painel de 3,30m x 2,40m. Períodos abertos mediante edital e através de convite. Área: 72,11 m<sup>2</sup>

Hall da escada (C6) - térreo. Pouco utilizado para exposições, somente através de convite. Espaço não-climatizado, possui um painel fixo de 3,0m x 5,4m. Área: 80,96m<sup>2</sup>

Sala Aldo Locatelli (C8) - térreo. Espaço fechado, não-climatizado, possui sistema de iluminação dimerizado. É composta por um painel fixo em L, de 3,30m x 17,3m e 3,30m x 6,2m, mais cinco painéis móveis de 3,30m x 2,8m cada e um painel móvel de 3,3m x 2,4m. É utilizado para projetos especiais e de intercâmbio institucional. Área: 194,48 m<sup>2</sup>

Os espaços são administrados pela Coordenação de Artes Plásticas da SMC de Porto Alegre - Setor de Mostras e Exposições.

# EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

## SALA DA FONTE

DIÁLOGOS AMPLIADOS	10 agosto a 18 setembro/2010
L'ARTE IN VESTE DA VIAGGIO	30 de junho a 24 de julho/2010
PELES	18 de maio a 19 de junho/2010
OLD COUNTRY	8 de abril a 8 de maio/2010
ACERVO 3D	18 de março a 1 de abril/2010
TUDO OU NADA	19 de janeiro a 27 de fevereiro/2010
MÉTRICAS	30 de novembro/2009 a 9 de janeiro/2010
MOTIVOS GAÚCHOS	14 de setembro a 10 de outubro/2009
JANELA PARA O CÉU	14 de agosto a 12 de setembro/2009
O PÃO NOSSO - LIVROS DE ARTISTA	2 de julho a 3 de agosto/2009
LITOGRAFIA PORTO ALEGRE/BUENOS AIRES	14 de maio a 27 de junho/2009
ILSA MONTEIRO	16 de abril a 2 de maio/2009
PRIMEIRA MARGEM ACERVO REVISITADO	21 de março a 5 de abril/2009
CERÂMICAS	18 de dezembro/2008 a 24 de janeiro/2009

## SALA ALDO LOCATELLI

PAULO FLORES	30 de novembro/2010 a 29 de janeiro/2011
ARTEFOTOGRAFIA	30 de setembro a 13 de novembro/2010
O FIM É O COMEÇO	19 de agosto a 18 de setembro/2010
PREMIADOS IV PRÊMIO AÇORIANOS	6 de julho a 14 de agosto/2010
INTIMAS IMPRESSÕES	30 de junho a 24 de julho/2010
O RETRATO	29 abril a 26 junho/2010
CIDADE IMAGINÁRIA	16 de março a 17 de abril/2010
SÓ DESENHOS	21 de janeiro a 6 de março/2010
RAYUELA	24 de novembro/2009 a 16 de janeiro/2010
PREMIADOS III PRÊMIO AÇORIANOS	6 de outubro a 21 de novembro/2009
TOTAL PRESENÇA	19 de agosto a 26 de setembro/2009
ANOTAÇÕES DO ESCULTOR	25 março a 26 de abril/2009
PREMIADOS II PREMIO AÇORIANOS	18 de dezembro/2008 a 24 de janeiro/2009
e GRUPO BODE PRETO	

## PORÃO

O LABIRINTO E A PÉROLA	4 de novembro a 4 de dezembro/2010
LINHAS DE ESPERA	23 de setembro a 23 de outubro/2010
IMPREGN-AÇÕES	3 de agosto a 18 de setembro/2010
INTERVENÇÕES INTERFERIDAS	18 de maio a 19 de junho/2010
LUGARES EM TRANSIÇÃO	19 de janeiro a 27 de fevereiro/2010
SUSTENTAÇÕES	24 de novembro a 21 de dezembro/2009
NOSSAS CRUZES	6 de outubro a 16 de novembro/2009
INFILTRAÇÃO	3 de setembro a 11 de outubro/2009
DUALIDADE Curadoria Ana zavadil	25 de agosto a 26 de setembro/2009
AÇO NO PAÇO	16 de julho a 15 de agosto/2009
IMAGEMIRAGEM	4 de junho a 4 de julho/2009
HOMENAGEM A CLAUDIO MARTINS COSTA	25 de março a 26 de abril/2009
ATELIER LIVRE/INSTITUTO DE ARTES	18 de dezembro/2008 a 24 de janeiro/2009

# ARTISTAS

Carlos Asp e Gerson Reichert  
Rosella Quintini e Mariiella Loro  
Jane Machado  
Renata De Bonis  
Acervo Pinacoteca 5 artistas  
Joubert Vidor  
7 artistas  
Diversos  
Luciano Laner  
Diversos  
12 artistas  
Ilsa Monteiro  
Diversos  
Bira Lacava

Paulo Flores  
Acervo Pinacotecas Municipais  
Vera Vildner  
Diversos  
Carine Betker  
Acervo Pinacotecas Municipais  
Paulo Chimendes  
Acervo Pinacotecas Municipais  
Ana Alegria  
Diversos  
Diversos  
Claudio Martins Costa  
Diversos

Mara Radé  
Rogério Severo  
Isabel Sommer  
Adriana Donato  
Lílian Santos Gomes  
4 artistas  
Ângela Pettini  
Diversos  
4 artistas  
Pedro Girardello  
4 artistas  
AEERGS 55 artistas  
Diversos

## CASA DE CULTURA MÁRIO QUINTANA CCMQ

Rua dos Andradas, 736 - Centro  
90020-004 - Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone (51) 3221-7147

ccmq@ccmq.com.br

Visitação de terças a sextas das 9h às 21h  
sábados e domingos das 12 às 21h.

Entrada franca



A CCMQ foi criada em 1983, e é uma instituição ligada à Secretaria de Estado da Cultura / Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Os espaços tradicionais da Casa de Cultura Mario Quintana estão voltados para o cinema, a música, as artes visuais, a dança, o teatro, a literatura, a realização de oficinas e eventos ligados à cultura.

Eles homenageiam grandes nomes da cultura do Estado do Rio Grande do Sul: Galeria Augusto Meyer, Espaço Vasco Prado, Espaço Maurício Roseblatt, Galeria Sotero Cosme, Galeria Xico Stockinger.

As salas expositivas voltadas às artes visuais da CCMQ são geridas pelo MAC/IEAVI.

As demais são geridas pelo Diretor da Casa, Luiz Armando Capra Filho.

Dimensão do espaços expositivos:

3 salas de exposições em 3 pavimentos.

Área total: 390 m<sup>2</sup> + hall/saguão

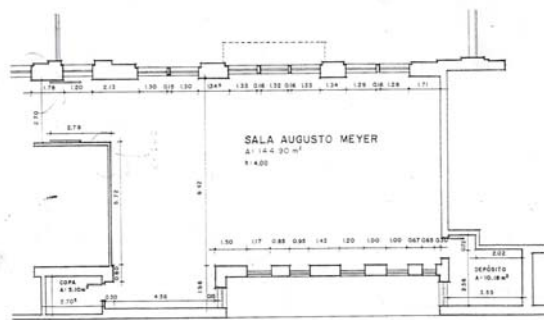
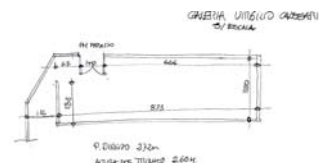
Galeria Augusto Meyer / 3º andar - 144,9 m<sup>2</sup>

Galeria Xico Stockinger / 6º andar - 215 m<sup>2</sup>

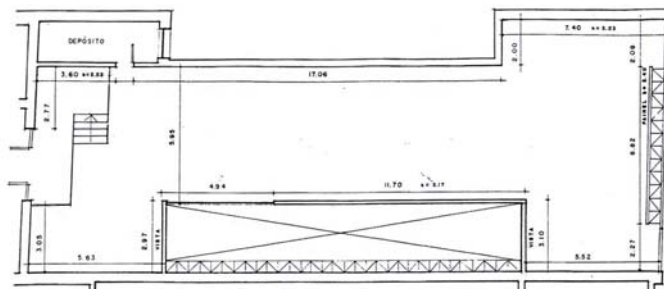
Fotogaleria Virgílio Calegari / 7º andar - 30 m<sup>2</sup>

Espaço Maurício Rosenblatt (3º andar/saguão),

Espaço Vasco Prado (6º andar/hall)



A sala Augusto Meyer possui 12 janelas de 103,5 x 203,5 cm e 1 painel de 220 x 110 cm.



GALERIA XICO STOCKINGER  
PÉ DIREITO: 3.30

## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### GALERIA AUGUSTO MEYER (3º andar)

#### COTIDIANO

18 de novembro a 20 de dezembro/2010

#### FORMAS PÉTREAS

Curadoria Renato Rosa

27 agosto a 26 de setembro/2010

#### MANDALAS CERAMICAS - Oficina Cerâmica CDE

6 de junho a 4 de julho/2010

#### SER FEMININO alunos UNIARTE/UNISC

22 abril a 23 maio/2010

#### RETROSPECTIVA HILDA MATTOS

Curadoria Décio Presser

1 a 6 de junho/2009

#### MÁSCARAS - CERÂMICAS DO CDE

3 de abril a 3 de maio/2009

#### NO CAMINHO DO MOUSE

6 de março a 5 de abril/2009

#### OCUPAÇÃO

21 janeiro a 19 de fevereiro/2009

### ESPAÇO MAURICIO ROSENBLATT (3º andar)

#### MODELO VIVO

14 janeiro a 28 março/2010

#### O LUGAR/O SUJEITO – LE LIEU/ LE SUJET

12 de maio a 1 de junho/2009

#### SESI DESCOBRINDO TALENTOS – ARTES VISUAIS 2009

17 de abril a 3 de maio/2009

#### MODELO VIVO

24 dezembro/2008 a 1 de março/2009

### ESPAÇO VASCO PRADO 6º andar

#### GRAVETOS ARMADOS – INTERVENÇÃO NA CASA

19 de outubro a 28 de novembro/2010

## ARTISTAS

Fernanda Bec, Helena Zorzi, Janaína Castoldi, Janete Nedel, Lidiele Berriel

Hidalgo Adams

Orient Suzana Gonzales Camposani

23 artistas Orient. Márcia Marostega e Eliana Baumhardt

HildaMattos

Diversos

Inês Rosenthal

diversos – artistas IA UFRGS

19 artistas - da oficina de modelo vivo

Jacques Lalanne(FR), Cláudio santana(BR), Pierre Gable (FR)

25 artistas

14 artistas - da oficina de modelo vivo

Antonio Augusto Bueno

Obs.: Devido ao elevado número de exposições e a falta de um registro adequado, considerando ainda diversas que não são de arte contemporânea, estão aqui indicadas as exposições que tiveram destaque na mídia e puderam ser localizadas através da publicação em sites. Os demais espaços da CCMQ estão apresentados na página do MAC

## MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL - MAC

Rua dos Andradas, 736 - Centro  
Casa de Cultura Mario Quintana - 2º andar  
90020-004 - Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone (51) 3221-5900  
mac@cultura.rs.gov.br  
macrs.blogspot.com  
Visitação de terças a sextas das 9h às 21h  
sábados e domingos das 12 às 21h.  
Entrada franca



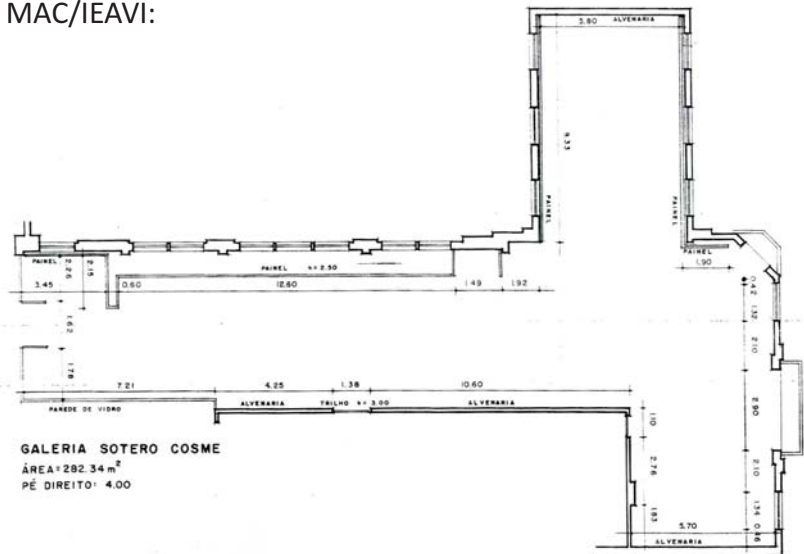
“O Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul - MAC, pertencente ao Instituto Estadual de Artes Visuais - IEAVI, foi criado pelo Decreto nº34.205 de 04 de março de 1992, órgão vinculado à Secretaria Estadual da Cultura.”

“O Museu de Arte Contemporânea tem por objetivo pesquisar, preservar e divulgar um acervo de arte contemporânea regional, nacional e internacional. O MAC também tem como atribuição desenvolver propostas educativas que visem a compreensão da arte contemporânea em suas várias modalidades.”  
A Administração do MAC/IEAVI se localiza na Casa de Cultura Mario Quintana e, considerando-se qualificação técnica especializada, a atual direção deste centro cultural considerou pertinente que as salas expositivas voltadas às artes visuais fossem gerenciadas pelo Museu de Arte Contemporânea.

As salas expositivas da CCMQ geridas pelo MAC/IEAVI:

- Galeria Augusto Meyer (3º andar)
- Galeria Xico Stockinger (6º andar),
- Fotogaleria Virgílio Calegari (7º andar)

Galeria do MAC - Galeria Sotero Cosme  
6º andar/CCMQ  
dimensão do espaço expositivo: 282 m<sup>2</sup>



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### GALERIA SOTERO COSME (6º andar)

CONTRASTES (acervo)

12 de novembro/2010 a 28 de fevereiro/2011

SALÃO DO JOVEM ARTISTA RBS

10 de dezembro/2008 a 11 de janeiro/2009

I

### GALERIA XICO STOCKINGER (6º andar)

O POTE PÓS-DESIGN

8 de dezembro/2010 a 23 de janeiro/2011

MNEMONIA

14 de outubro a 21 de novembro/2010

ARTE + ARTE ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS

org. Chico Lisboa

12 de agosto a 26 de setembro/2010

POEMAS DE WALDEREZ DE BARROS ILUSTRADOS EM 21 GRAVURAS

Coord. Iole Di Natale

31 de março a 16 de maio/2010

ARTE+ARTE O UNIVERSO PARA DESCOBRIR

org. Chico Lisboa

12 de agosto a 15 de outubro/2009

AVENTURA PICTÓRICA

Curadoria Ana Zavadil

18 de junho a 2 de agosto/2009

SALÃO DO JOVEM ARTISTA RBS

10 de dezembro/2008 a 11 de janeiro/2009

### FOTOGALERIA VIRGÍLIO CALEGARI (7º andar)

PROPOSTA DIFERENTES OLHARES [JABUTIPÊ

26 de novembro a 19 de janeiro/2010

VESTIGIOS URBANOS

19 de agosto a 19 de setembro/2010

ARTE [BELA] CONTEMPORÂNEA

20 de novembro/2009 a 3 de janeiro/2010

DESVIO PARA OLHAR

16 de dezembro/2008 a 1 de fevereiro/2009

## ARTISTAS

Diversos: Jailton Moreira, Gelson Radaelli, Nuno Ramos, etc.

80 artistas

(em seleção)

Alex Sevilla (EQU)

95 artistas

Ateliê Calcográfico Iole – 21 artistas

17 artistas

Celma Paese

80 artistas

Luciana Bauer, Pamela Ferrer e Roger Becker

Amanda Teixeira, Ananda Kuhn, Maílson Fantinel

Adriana Donato, Dânia Moreira, Raquel Lima e Giovana Ellwanger

Camila Schenkel e Julia Berenstein

Obs.: Devido ao elevado número de exposições e a falta de um registro adequado, considerando ainda diversas que não são de arte contemporânea, estão aqui indicadas as exposições que tiveram destaque na mídia e puderam ser localizadas através da publicação em sites. A Galeria Augusto Meyer está apresentada na página da CCMQ.



## ESPAÇO CULTURAL ESPM - RS

Rua Guilherme Schell, 268 - Santo Antônio  
90640-040 - Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone (51) 3218-1300

espaçocultural-rs@espm.br  
www.espm.br

Visitação de Segunda a Sexta, das 8 às 22h,  
sábados das 9 às 15h.

Entrada franca



O Espaço Cultural realiza mostras desde 2006.

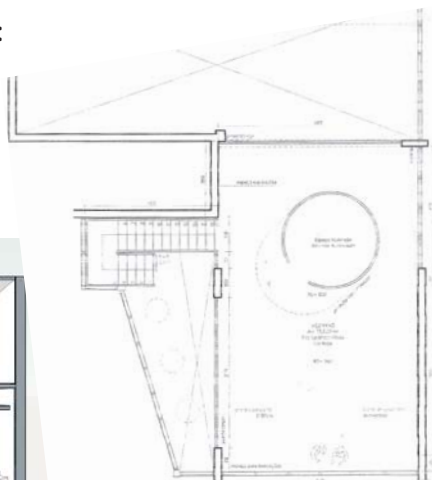
“Diferentes linguagens e formas de expressão se misturam no prédio da ESPM, o palco que a publicidade, a comunicação e os jovens talentos – inclusive os da casa – têm para mostrar seus trabalhos e suas novidades e para trocar informação. O espaço oferece encontros, exposições, fórum, mostras, noites de autógrafos, saraus, instalações de jovens artistas plásticos e fotógrafos e também trabalhos de alunos feitos nos cursos e mostras de temas afinados com a faculdade.”

Coordenação Profa. Cláudia Barbisan

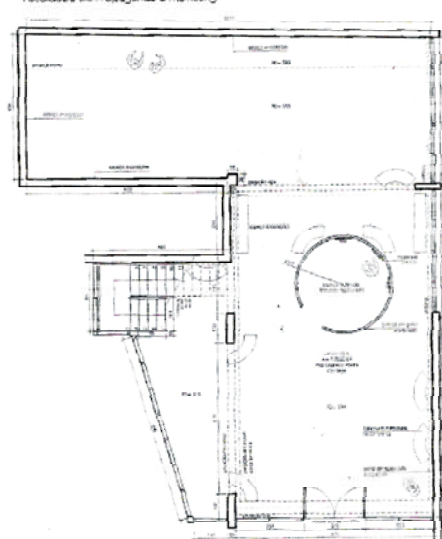
Dimensão do espaço expositivo:

170 + 75,5m<sup>2</sup>

2 salas de exposições (térreo  
+mezanino)



Centro Cultural ESPM  
Faculdade de Propaganda e Marketing



Layout Interno  
Renata Basso Tórnico - dec. 1/05

## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### EN ABYME

6 de outubro a 3 de dezembro/2010

### IMAGENS MARIONETÁVEIS

(mezanino)

6 de outubro a 5 de novembro/2010

### SINTAXE DA FIGURA 3 - ENSAIOS VISUAIS DE ANTONIO FELKL/2010

14 de agosto a 25 de setembro

### CÂMERAS DE CINEMA

(mezanino)

14 de agosto a 4 de setembro/2010

### MÓBILES

Org. Lílian Maus

5 de junho a 22 de julho/2010

### CAMPOS DE ACUMULAÇÕES PARTICULARES

Curadoria Amélia Brandelli

10 de abril a 27 de maio/2010

### ZONA DE INDETERMINAÇÃO

28 de novembro/2009 a 10 março/2010

### DESENHOS

24 de outubro a 21 de novembro/2009

### LINHAS DAS BORDAS PERIFÉRICAS DE CONTORNO

29 de agosto a 25 de setembro/2009

### ENTRE O TRAÇO E O ESPAÇO - QUATRO ILUSTRADORES E SEUS

PROCESSOS Curadoria Guilherme Dable

24 de junho a 15 de agosto/2009

### UM DIA ENTRE ABRIL E JUNHO

Curadoria Ana Zavadil

11 de maio a 6 de junho/2009

### DESENHOS DO ESPAÇO URBANO

(mezanino)

11 de maio a 6 de junho/2009

### VEM ME VER

3 de dezembro/2008 a 6 de março/2009

## ARTISTAS

Marilice Corona

Yara Baumgarten

Antonio Felkl

Sandro Dreher

Nelson de Magalhães

Adriane Hernandez, Ricardo Mello e Francis Silva

Clóvis Martins Costa, Elaine Tedesco, Lizângela Torres e Ricardo Cristofaro

Flávio Gonçalves

Rommulo Vieira da Conceição, Tiago Giora e Vânia Sommermeyer

Diego Medina, Fábio Zimbres, Indio San e Nik Neves

Ana Flores

Pedro Henrique Risse.

Cláudia Barbisan

## FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS FVCB

Administração e Centro de Documentação e Pesquisa  
Av. Julio de Castilhos, 159 / 6º andar 90030-131  
Fone: 51 3228 1445 info@fvcb.com / acervo@fvcb.com  
Sala dos Pomares/Reserva Técnica  
Av. Senador Salgado Filho, 8450  
Viamão – RS CEP 94440-000

Visitação: Sábados das 14 às 18 horas.  
segunda a sexta: sob agendamento  
Entrada franca



A FVCB surgiu em 2003. A Galeria Espaço 0 funcionou na antiga sede da Galeria Chaves em Porto Alegre de 2005 a 2008. O Centro de Documentação foi aberto ao público em 2008. A Sala dos Pomares, novo espaço expositivo, foi inaugurada em maio 2010 em Viamão.

“A Fundação Vera Chaves Barcellos – FVCB – é uma entidade cultural privada e sem fins lucrativos, que tem como missão a preservação, pesquisa e difusão da obra da artista Vera Chaves Barcellos, assim como o incentivo à criação artística e à investigação da arte contemporânea. Entre as metas da instituição estão a realização de uma programação regular de exposições, o estímulo à pesquisa, debates, seminários e projetos editoriais.

A programação conta com exposições regulares e gratuitas que trazem ao público sempre um novo olhar sobre o acervo da instituição. As mostras são acompanhadas de atividades paralelas, com o intuito de dar suporte ao debate da arte contemporânea. A Fundação dispõe ainda de um rico acervo documental sobre arte contemporânea, aberto à pesquisa pública em seu Centro de Documentação e Pesquisa, na região central de Porto Alegre.”



Direção Cultural Ana Maria Albani de Carvalho

Sala dos Pomares - áreas expositivas: 236 m<sup>2</sup>



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### PINTURA: DA MATÉRIA À REPRESENTAÇÃO

curadoria Mário Röhnelt

20 de novembro/2010 a abril/2011

### SILÊNCIOS E SUSSURROS

curadoria Vera Chaves Barcellos

29 de maio a 30 de outubro/2010

### IMAGENS EM MIGRAÇÃO (no MASP-SP)

Curadoria de Glória Ferreira

13 de agosto a 25 de outubro/2009

## ARTISTAS

Frantz, Mara Alvares, Regina Ohlweiler, Heloisa Schneiders da Silva, Carlos Wladimirsky, Ricardo Mello, Karin Lambrecht, Gisela Waetge, Marilene Burtet Pieta, Lenir de Miranda, Milton Kurtz, Alfredo Nicolaiewsky e Nelson Wilbert.

Adolfo Montejo Navas, Anna Bella Geiger, Bob Wilson, Cao Guimarães, Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Carmela Gross, Carmen Calvo, Christo, Domènec, Eduardo Kickhöfel, Elaine Tedesco, Enric Mauri, Fernando Alday, Frantz, Gisela Waetge, Guilherme Dable, Hannah Collins, Helio Ferverza, Perejaume, José Rufino, Lenora de Barros, Leopoldo Plentz, Lia Menna Barreto, Luiz Barth, Luiz Roque, Mara Alvares, Mário Röhnelt, Marlies Ritter, Margarita Andreu, Michael Chapman, Mira Schendel, Nazareno, Nick Rands, Patrício Farias, Paulo Vivacqua, Pep Admetlla, Rafael França, Regina Silveira, Rintaro Iwata, Rodrigo Braga, Rufino Mesa, Sean Scully, Sol LeWitt, Teresa Poester, Vera Chaves Barcellos

Vera Chaves Barcellos

## PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO INSTITUTO DE ARTES - UFRGS

Rua Senhor dos Passos, 248 1º andar Centro  
90020-180 - Porto Alegre - RS

(51) 3308 4302

iapin@ufrgs.br

www.artes.ufrgs.br

www.ufrgs.br/galeria

visitação segunda a sexta das 10h às 18h

Entrada Franca



PINACOTECA  
INSTITUTO  
DE ARTES  
UFRGS

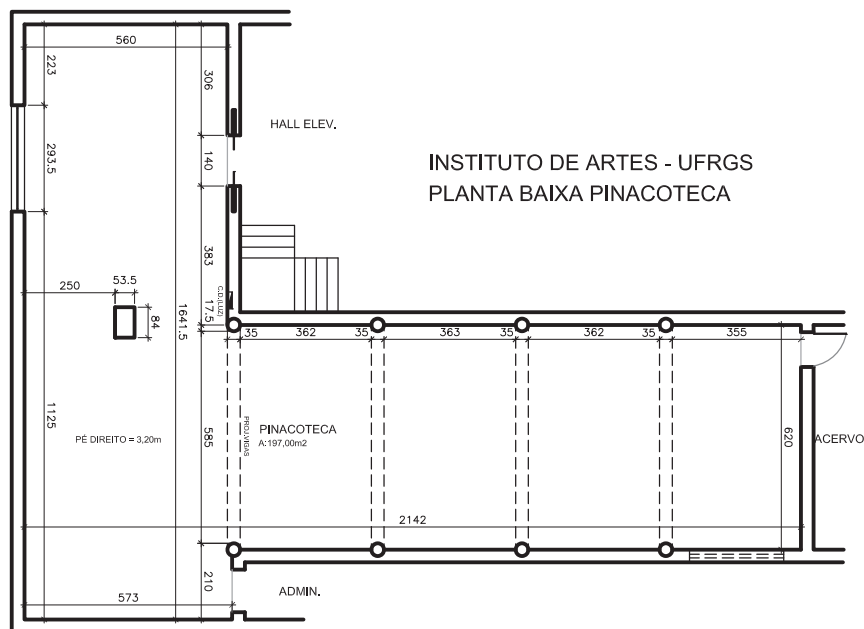


“A Pinacoteca Barão de Santo Ângelo é um órgão auxiliar do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, responsável pela conservação, restauração, ampliação e divulgação do patrimônio artístico e documental do Instituto, bem como pelo intercâmbio com a produção artística contemporânea. A Pinacoteca atua na promoção e apoio de exposições e eventos ligados ao ensino, pesquisa e extensão na área das Artes Visuais, através das disciplinas e projetos do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, com colaboração direta das Pró-Reitorias de Extensão e de Planejamento. Abrange quatro setores com atribuições específicas, mas complementares: Acervo, Galeria, Restauro, Arquivo Documental.”

A Pinacoteca foi ampliada e recebeu o nome atual em 1943, com a inauguração do novo prédio do Instituto de Belas Artes. Em 1992 foi reformada e re-inaugurada.

A Galeria da Pinacoteca é coordenada pela Profa. Dra. Ana Maria Albani de Carvalho

Dimensões do espaço expositivo:  
197 m<sup>2</sup>



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### MUSEU DO TRABALHO NO INSTITUTO DE ARTES

Curadoria Blanca Brites, Hugo Rodrigues, Paulo Gomes  
10 a 29 novembro/2010

### 9º VAGALUME – MOSTRA DE VÍDEO EXPERIMENTAL

Coordenação geral: Maria Lucia Cattani  
20 a 29 de outubro/2010

### ARTE CONTEMP. NO IA NOVA GERAÇÃO-2010/01MOD 2

Org. Ana Maria Albani de Carvalho  
29 de setembro a 14 de outubro/2010

### ARTE CONTEMP. NO IA NOVA GERAÇÃO 2010/01MOD 1

Org. Ana Maria Albani de Carvalho  
8 a 22 de setembro/2010

### IMAGENS E MEMÓRIA (histórico-documental) acervo

Curadoria: Ana Maria Albani de Carvalho  
11 a 27 de agosto/2010

### LOJA - Proponente: Regina Melim

2 de julho/2010

### ARTE CONTEMP. NO IA NOVA GERAÇÃO 2009/02 MOD 2

Org. Ana Maria Albani de Carvalho  
16 a 30 junho/2010

### ARTE CONTEMP. NO IA NOVA GERAÇÃO 2009/02 MOD 1

Org. Ana Maria Albani de Carvalho  
19 de maio a 7 de junho/2010

### 8º VAGALUME - MOSTRA DE VÍDEO EXPERIMENTAL

Coordenação geral: Maria Lucia Cattani  
25 de novembro a 4 de dezembro/2009

### PROJETOS DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS 2009/1

Coordenação geral: Ana Maria Albani de Carvalho  
21 de outubro a 20 de novembro/2009

### TOTAL PRESENÇA - PINTURA (acervo)

Curadoria: Blanca Brites  
19 de agosto a 23 de setembro/2009

### PROJETOS DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS 2008/2

Coordenação geral: Ana Maria Albani de Carvalho  
10 a 25 de junho/2009

### PONTOS DE CONTATO POINTS OF CONTACT

Curadoria Paul Coldwell e Maria Lucia Cattani  
19 de maio a 4 de junho/2009

## ARTISTAS

Alfredo Nicolaiewsky, Alice Brueggemann, Anna Letycia, Anico Herskovits, Antônio Gutierrez, Arlete Santarosa, Armando Almeida, Britto Velho, Bruno 9Li, Carlos Pasquetti, e outros (47 artistas)

(22 alunos +7 professores +1 artista convidada)

Ana Paula Tominori, BonGiovanni, Bruno Borne, Claudia Flores, Fernanda Bec, Jandora Jakobson, Katerine Bastezini, Krishna Daudt, Maisa Bonini Stolz, Marília Bianchini, Nathalia Garcia, Rebeca Biehl, Sabrina Riffel.(13 artistas)

Adreson, CaPucci, Helena de Nadal, Janaína Castoldi, Juliana Jardim, Laura Bortolazza, Lucas Strey, Luciana Gaiesky, Mayana Redin, Pilar Prado, Sheila Prade e Vera Rocha.(12 artistas)

diversos

(41 artistas)

Alexandre Nicolodi, Caroline Weiberg, Clarice Pereira, Cristiane Schmidt, Guilherme Dable, Gustavo Possamá, Janete Nedel, Jéssica Couto, Juan Corvalan, Liz Guerra, Mônica Sofia, Natália Rizzi, Rafael Pagatini, Regina Veiga, Túlio Pinto, Walter Tlajja (16 artistas)

Álvaro Vilaverde, Carolina Timm, Débora Balzan Fleck, Felp Castro, Glenda Soares, Ingrid Noal Schirmer, Joice Oliveira Martins, José Falcão, Lara Sosa, Manu Becker, Marcela Lirio Campo, Marcieli Míau, Sílvia do Canto, Thiago Esser, Valesca Ackermann (15 artistas)  
(alunos + professores + 1 artista convidado)

Amanda Oliveira, Ana Cláudia Ramgrab, Ana Cristina Winck, Andréa Martau, Ellen Ferrando, Helena Gastal, Iarema J. Mendonça, Jander Rama, Joubert Vidor, Léo(nardo) Pereira, Letícia Lampert, Letícia Nunes Lessa, Belém Adams, Maria Clara La Porta, Maria Cristina Dischinger, Ricardo C. Rocha, Roberto Muniz, Romano Corá, Sandra Menezes e Sandra Rybicki (20 artistas)

diversos

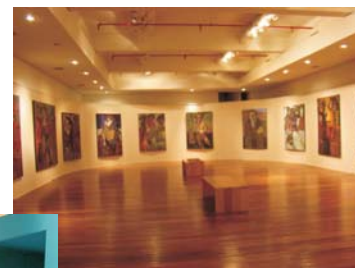
Angela Cagliari, Antônio Augusto Bueno, Bibiana de Araujo Santos, Brill Wolff, Cristiano Scotta, Denis Nicola de Souza, Denise Spier, Fernanda Martins Costa Lanes, Giana Kummer, Juliana Lima, Maria Alice Portela de Melo, Sol Casal, Mariana Konrad, Marilene Bordin, Pablo Ribeiro, Rodrigo Uriartt, Tomas Barth, Vânia Santos, Vivian Meirelles, Yuji Shinozaki Schmidt (20 artistas)

Maria Lucia Cattani, Maristela Salvatori, Sandra Rey, Paul Coldwell, Tim O'Riley, Jonathan Kearney

## CCCEV - CENTRO CULTURAL CEEE ERICO VERISSIMO

Rua dos Andradas, 1223 - Centro Cultural  
CEP 90020-008 Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (51) 3226-7974 e 32265342  
cultural@cccev.com.br  
www.cccev.com.br  
cccev.blogspot.com  
visitação: de terças a sextas, das 10h às 19h  
e sábados das 11h às 18h

Entrada franca

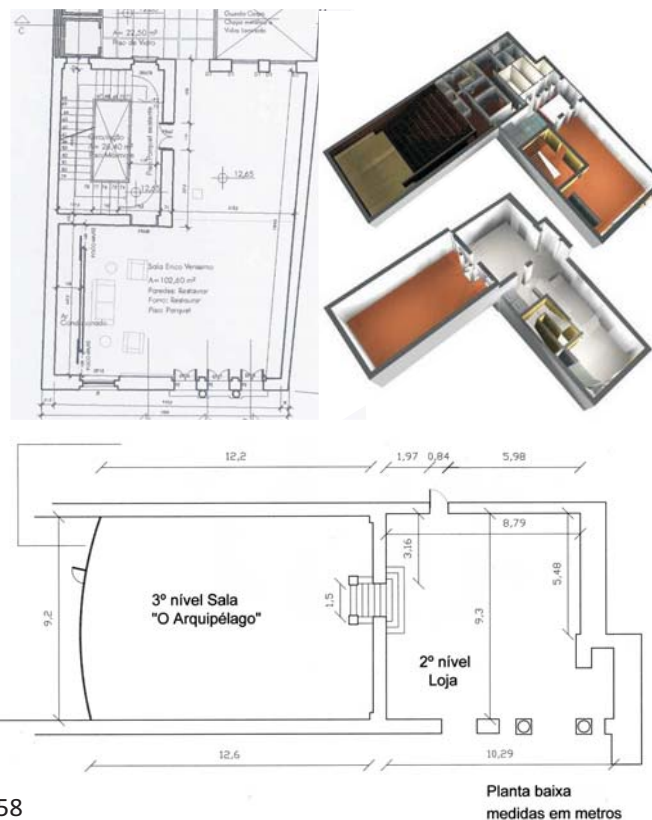


O Centro Cultural CEEE Erico Verissimo (CCCEV), inaugurado em 17 de dezembro de 2002, é o resultado da iniciativa do Grupo CEEE, patrocinador do projeto através da Lei de Incentivo à Cultura.

“Aberto todos os meses do ano, de terça à sábado, o Centro Cultural CEEE Erico Verissimo está voltado especialmente para às áreas da cultura relacionadas ao livro e à literatura. Porém, por estar situado no coração central da cidade, com estruturas raramente encontradas em Porto Alegre para exposições variadas e espetáculos de artes cênicas e música, recebe exposições de artes visuais de artistas consagrados, espetáculos, seminários, palestras, enfim, manifestações variadas da cultura.”

Coordenação Geral: Eunice Rezende  
Coordenação Atividades Culturais:  
Sabrina Lindeman

Dimensão espaços expositivos: 174m<sup>2</sup> (114 + 60 )  
em 2 salas principais: O Arquipélago (1º andar) e  
Sala Memorial Érico Veríssimo (3º andar)  
Área total do prédio 2775m<sup>2</sup>



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### SALA ARQUIPÉLAGO (1º andar)

MARIA INÊS RODRIGUES – PINTURAS Curadoria Helenice Porcella

18 de novembro/2010 a 29 de janeiro/2011

COMICS, MANGA & CO. NOVA CULTURA DE QUADRINHOS ALEMÃES

Parceria com Goethe Institut e 56ª feira do livro

26 de outubro a 15 de novembro/2010

EXPRESSÕES MISTURADAS Curadoria Alfredo Aquino

2 de setembro a 2 de outubro/2010

AOS GRANDES MESTRES – DANUBIO GONÇALVES Curad. Ediolanda Liedke

27 de julho a 28 agosto/2010

BRASIL - CAMISA BRASILEIRA Curadoria Alfredo Aquino

16 de junho a 24 de julho/2010

URBANO

27 de abril a 12 de junho/2010

UM OLHAR SOBRE O COTIDIANO DOS MBYA-GUARANI

16 de março a 24 de abril/2010

GRÁFICA GAÚCHA III - Curadoria Anico Herskovits

20 de outubro/2009 a 29 de janeiro/2010

POEMAS GRAVADOS II Curadoria Anico Herskovits

20 de outubro/2009 a 29 de janeiro/2010

BAGAGENS Org. Maria Rita Oficina Têxtil

4 a 25 de julho/2009

ICONOGRAFIA SUL-RIOGRANDENSE Curadoria Círio Simon

18 de março a 30 de maio/2009

### SALA MEMORIAL ERICO VERISSIMO (3º andar)

MATÉRIA COLORIDA

27 de outubro a 27 de novembro/2010

EXPRESSÕES MISTURADAS Curadoria Alfredo Aquino

2 de setembro a 2 de outubro/2010

ARTE IMORTALIZADA PELO SILÊNCIO Curadoria Luiza Fabiana de Carvalho

3 a 28 de agosto/2010

AVE, FLOR Curadoria Alfredo Aquino

22 de abril a 15 de maio/2010

CONTÊXTIL Realiz. Maria Rita Caminhos Cuturais

30 de março a 17 de abril/2010

TEMPO CONGELADO: IMAGENS DA DANÇA

17 a 28 de novembro/2009

São também utilizados para exposições de arte a sala O Retrato (4º andar), o Café Monjolo (Mezzanino) e a Vitrine (Hall térreo)

## ARTISTAS

Maria Inês Rodrigues

Diversos

Carla osório e Sergio Galiardi(SP)

Danúbio Gonçalves

Gilberto Perin

Beatriz Balen Susin

Antônio Carlos Cardoso

22 artistas

12 artistas

28 artistas

Plínio Bernhardt

Vinício Giacomelli

Geri Garcia

Laky Gatti

Anelise Scherer

8 artistas

Diversos (+9)



## LA PHOTO FOTO DESIGN GALERIA E ESPAÇO CULTURAL

Travessa da Paz, 44 Brique da Redenção  
CEP 90040-110 - Porto Alegre - RS - Brasil  
fone (51) 32216730 - (51) 97558191

galerialaphoto@gmail.com  
galerialaphoto.blogspot.com

Visitação terças às sextas das 11h às 19h.  
Sábados e domingos: das 10h30min às 15h.  
Entrada franca

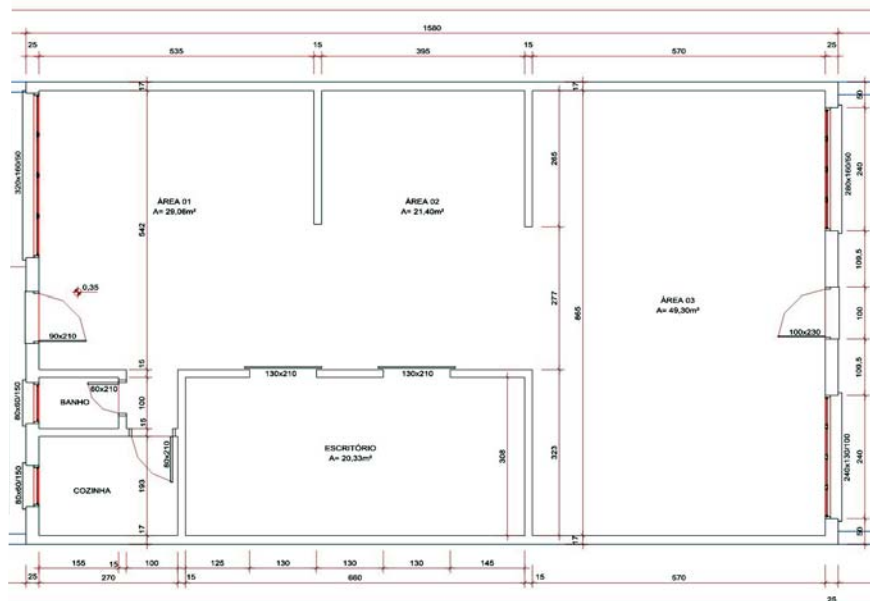


Fundada em novembro/2007.

“Situada no coração cultural de Porto Alegre, o Brique da Redenção, a La Photo Galeria e Espaço Cultural desenvolve um conceito multidisciplinar, ao buscar a interação da arte e outras disciplinas, integrando múltiplas mídias. Além das exposições, são desenvolvidas atividades paralelas como cursos, oficinas, palestras, ciclo de debates.” Apresentações de música, teatro e dança também fazem parte da programação, ao lado das artes visuais.

O espaço é coordenado pelas irmãs Magdalena Protskof Szabo e Regina Peduzzi Protskof.

Dimensões do espaço  
expositivo: 99 m<sup>2</sup>  
+ 125 m<sup>2</sup> (área externa)



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### ESTÁGGIO 2010

18 de novembro a 8 de dezembro/2010

### PAISAGEM IGNORADA

14 de outubro a 14 de novembro/2010

### POESIA SILENCIOSA

26 de agosto a 23 de setembro/2010

### ESCALA DE COR DAS COISAS

16 de dezembro/2009 a 28 de janeiro/2010

Financ. FUMPROARTE

### FOTOENSAIO

02 a 30 de setembro de 2009

### SOMBRAS DA CIDADE

curadoria de Dione Veiga Vieira

16 a 30 de maio/2009

Financ. FUMPROARTE

## ARTISTAS

Vera Wildner, Ainez Aranha Rosito, Angela Ognibeni, Ana Luíza Mähler, Carlota Keffel Garcia (Loti), Clara Serrano, Eliana Moreschi, Ivete Angelina Battastini, Karin Erica Brass, Luzia Fabrício, Lucy Wainberg, Leonor Pinto Moura, Leda Zimmermann, Maria do Horto Bastos Kuhn, Myriam Vasconcellos, Maria Marques Mason, Mariana Geiss Sperotto, Maria Stela Jacob Saldanha, Roseli Becker, Vitoria Davoglio Ribas.

### Arlete Santarosa e Marli Amado de Araújo

Convidados: Ana Aita, Ana Zavakil, André Venzon, Angelo Chemello, Arminda Lopes, Bina Monteiro, Beth Gloeden, Bea Balen Susin, Chico Baldini, Clara Pechansky, Claudia Stern, Eda Lani Fabris, Eliane Santos Rocha, Ena Lautert, Flávio Mônaco, Ivanez Pereira de Oliveira, Lília Manfroi, Luis Flavio Trampo, Marco Antonio Spassal Penha, Marcos Sanches, Niura Legramante Ribeiro, Mariana Amado de Araújo Satler, Renato Malcon, Rosana Almendares, Tania Couto, Vera Pellin, Vera Souza, Vera Thomas, Zetti Neuhaus, Zorávia Bettiol.

### Caco Maciel



### Letícia Lampert

Coletivo ARDECIDADE - Artur Costa, Camila Schenkel, Rodrigo Uriartt e Sol Casal

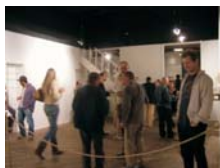
### Adriana Donato

## MUSEU DO TRABALHO

Rua dos Andradas, 230 Centro  
90020-000 - Porto Alegre - RS - Brasil  
(51)3227 5196 Fax (51)3228 0840  
museu@museudotrabalho.org  
www.museudotrabalho.org  
www.museudotrabalho.blogspot.com  
visitação: terça a sábado das 13h30min às 18h30min e  
Domingos e feriados, das 14h às 18h30min.  
Entrada franca



## MUSEU DO TRABALHO



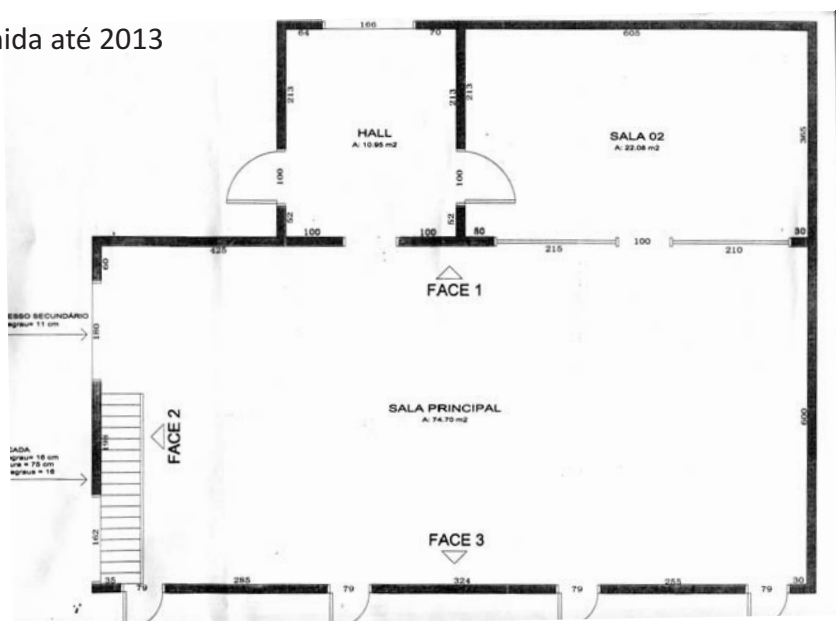
Fundado em 7 de dezembro de 1982. A sala de exposições inaugurou em 1987.

Museu do Trabalho é “um espaço alternativo, independente e ativo”. A sede, então “provisória, nos galpões situados no início da Rua da Praia, de propriedade da Marinha do Brasil”, tornou-se permanente. Hoje a entidade aguarda a regularização da documentação da Marinha para entrar com o projeto de captação de recursos junto a leis de incentivo para a reforma do Museu.” Em 1987 em um dos galpões anexos ao museu, montou-se o Teatro do Museu do Trabalho” e também, por iniciativa de alguns artistas, entre eles Danúbio Gonçalves, teve início “o que viria ser um dos mais amplos e completos ateliers de gravura do estado”. “O setor de Artes Plásticas do museu compreende a Sala de Exposições, as Oficinas e os Consórcios de Gravuras e Esculturas.”

A agenda de exposições já está preenchida até 2013

Dimensões espaço expositivo: 97m<sup>2</sup>  
(sala principal- 75 m<sup>2</sup>+ sala 2- 22 m<sup>2</sup>)

Coordenador do Museu:  
Hugo Gustavo Gusmão Rodrigues  
Assistente: Juliana Costa  
Estagiários da Museologia/UFRGS  
(p/ o acervo)



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

DISPOSITIVOS SÔNICOS

26 de outubro a 24 de dezembro/2010

TRAMAS DIÁRIAS

25 de agosto a 17 de outubro/2010

CIDADE VAZIA

30 de junho a 15 de agosto/2010

MOMENTOS DE LAZER EM UMA PRISÃO SEM MUROS

28 de abril a 20 de junho/2010

QUE ISTO FIQUE ENTRE NÓS

4 de março a 18 de abril/2010

10.357 KM EM LINHA

28 de outubro a 29 de novembro/2009

T.D.U.E.P.U.R.C # 3 Riozinho

Projeto integrado à 7ª Bienal de Artes do Mercosul

16 de setembro a 18 de outubro/2009

ESTUDOS DE AMPLITUDE E OUTROS GESTOS

9 de junho a 19 de julho/2009

CAMPOS E ANTENAS

Individual da artista premiada no salão A Novíssima  
Geração (2008).

14 de abril a 31 de maio/2009

## ARTISTAS

Chico Machado

Lílian Maus.

Alex Sernambi.

Alex Hornest.

Claudia Barbisan.

Teresa Poester.

Uruguai: Coord. Francisco Tomsich e Martín Verges, Marcelo Rilla, Guillermo Stoll. Brasil: Cláudia Hameski, Federico Stunz, Guilherme Moojen, Nathalia Garcia e Fernanda Manéa.

Gabriel Netto.

Talita Hoffmann.

## CULTURAL GALLERY OF ARTS DANTE SFOGGIA - ICBNA

Rua Riachuelo, 1257- 6º andar - Centro  
CEP 90010-271 Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3025.0600

[www.culturanoocultural.com.br](http://www.culturanoocultural.com.br)

Visitação: segunda a Sexta, das 14h às 18h

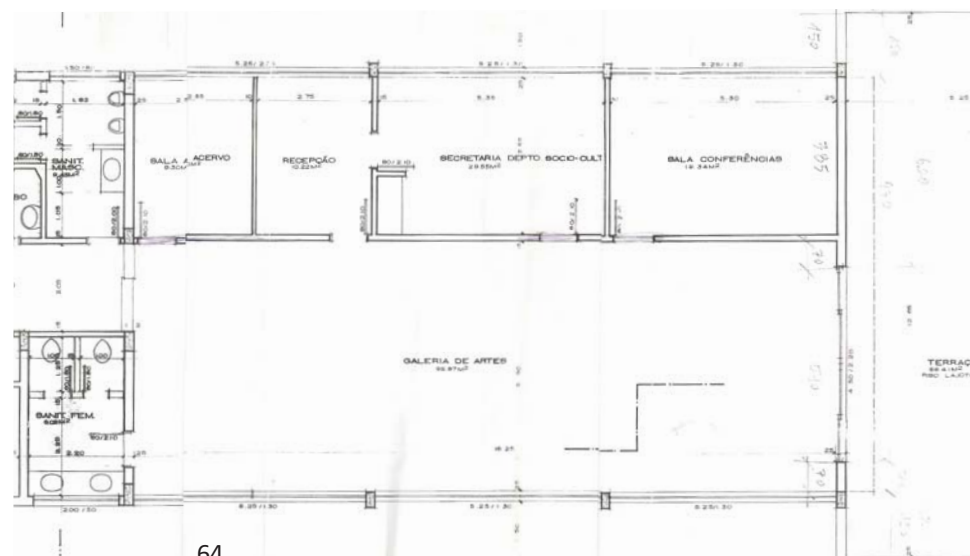
Entrada franca



A Cultural Gallery of Arts Dante Sfoggia foi inaugurada em 1947. A Galeria passou por reforma e foi reinaugurada em abril de 2009.

“Considerada a galeria de arte privada mais antiga do estado. (...) É reservada a exposições temporárias com ênfase na difusão de obras de artistas regionais e norte-americanos.” (hagah)

“Seus eventos marcaram época pois nela foram expostas obras de grandes nomes da arte local, nacional e internacional.” Recentemente, em 2009, o projeto “A atemporalidade da gravura” teve destaque na movimentação da galeria, apresentando o universo desta técnica secular e sempre atual, dando espaço a artistas gaúchos que dedicam-se à gravura.



Dimensão espaço expositivo: 96 m<sup>2</sup>

Responsável pelo espaço expositivo:  
Diretora Cultural Liana Timm

## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### DESENHOS E PINTURAS

6 a 27 de outubro/2010

### EX CORDE

curadoria Dânia Moreira

1 a 27 de setembro/2010

### MINIART FACES - COLEÇÃO D

coord. Proj Miniart Clara Pechansky/Apoio Chico Lisboa

28 de junho a 30 de julho/2010

### ENTRE-LINHAS

Curadoria Ana Zavadil

27 de abril a 18 de maio/2010

### AQUARELAS

6 a 20 de abril/2010

### PEDAÇO DE MIM

16 de novembro a 15 de dezembro/2009

### GRAVURA, A COLEÇÃO DO AMADOR

Curadoria Cacao Praetzel - col. Renato Rosa

5 de outubro a 03 de novembro/2009

### OBRA GRÁFICA

8 a 29 de setembro/2009

### CÓDIGO PESSOAL

28 de julho a 25 de agosto/2009

### POÉTICA: METAL

9 de junho a 10 de julho/2009

### TRINTA ANOS DE MIM MESMO

28 de abril a 29 de maio/2009

## ARTISTAS

João Luiz Roth

Raquel Lima

184 artistas (108 assoc. da Chico Lisboa)

Antônio Augusto Bueno, Claudia Hamerski, Fabriano Rocha, Gustavo Rigon, Rogerio Livi, Rosali Plentz, Yuji Schmidt, Sérgio Mischral

Edgar do Valle

Míriam Tolpolar

Diversos

Marta Loguércio

Eliane Santos Rocha

Clara Pechansky

Wilson Cavalcanti

## GALERIA BOLSA DE ARTE

Rua Quintino Bocaiúva, 1115  
90440-051 - Porto Alegre - RS  
FONE/FAX +55 (51) 3332.6799 3331.6459  
bolsadearte@bolsadearte.com.br  
www.bolsadearte.com.br

Visitação: de segunda à sexta, das 10h às 19h,  
sábados, das 10h às 13h30  
Entrada franca



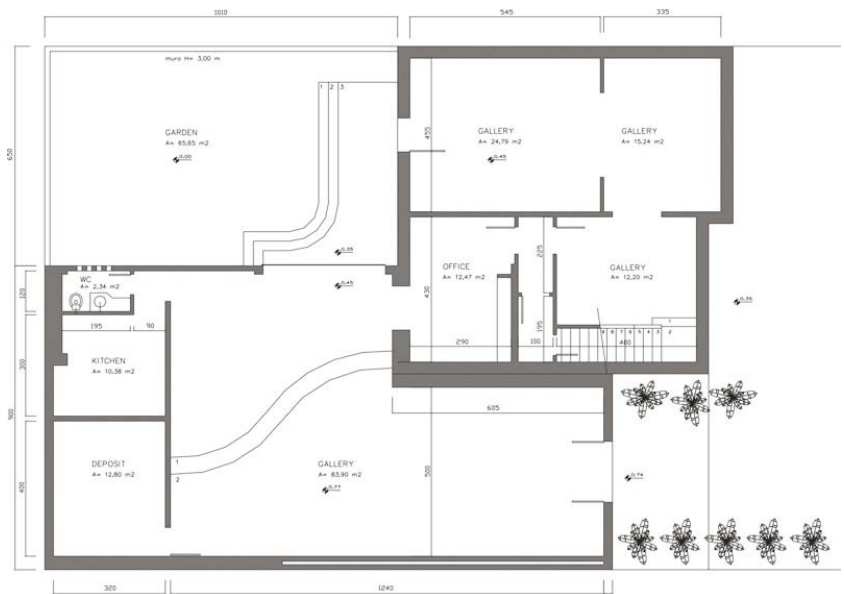
Fundada em 1980.

“Galeria multidisciplinar em Porto Alegre.”

“Trabalhando com arte contemporânea desde então, a Galeria representa alguns dos mais importantes nomes no mercado de arte do Brasil, mas sempre com a preocupação de abrir espaço para jovens talentos. Através destes 28 anos de existência, com mais de 200 exposições, a galeria é ativamente participante de feiras de arte.” (artnet.com)

Responsável pela galeria: proprietária  
Marga Pasquale

Dimensões do espaço expositivo: 84m<sup>2</sup>



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### PENSAMENTOS

14 de outubro a 16 de novembro/2010

### CONFESSO QUE VIVI

9 de setembro a 9 de outubro/2010

### SINTAXE DA FIGURA 2

Ensaio visual de Luiz Antonio Felkl

28 de julho a 28 de agosto/2010

### REGINA SILVEIRA

25 de maio a 3 de julho/2010

### VALDIR CRUZ

19 de abril a 20 de maio/2010

### TO NA LONA

09 de março a 10 de abril/2010

### FIGURAS

5 de novembro a 3 de dezembro/2009

### DE POLLOCKOW A DÉJÀ VU

24 de setembro a 31 de outubro/2009

### MUNDOS PARALELOS

12 de agosto a 5 de setembro/2009

### JOGO DO BARÃO FALSAS POLARÓIDES COMPLEXOS, ETC

8 de julho a 8 de agosto/2009

### A IDEIA DE HISTÓRIA (OU PEQUENOS CONTOS SOBRE A AUTONOMIA DA PAISAGEM)

28 de maio a 4 de julho/2009

### MARLIES RITTER

10 de março a 4 de abril/2009

## ARTISTAS

Saint Clair Cemin

Patrício Farias

Luiz Antonio Felkl

Regina Silveira

Valdir Cruz

Maria Tomaselli

Marcos Chaves

Nelson Leirner e Fernando Ribeiro

Marina Camargo

Carlos Pasquetti

Denise Gadelha

Marlies Ritter



## FUNDAÇÃO CULTURAL E ASSISTENCIAL ECARTA

Av. João Pessoa, 943 - Centro Histórico  
90040-000 - Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone (51) 4009.2970

galeriadearte@fundacaoecarta.org.br  
www.fundacaoecarta.org.br

Visitação de terças a sextas, das 10h às 19h,  
sábados das 10h às 20h, domingos das 10h às 18h.

Entrada franca



ECARTA  
FUNDAÇÃO CULTURAL E ASSISTENCIAL

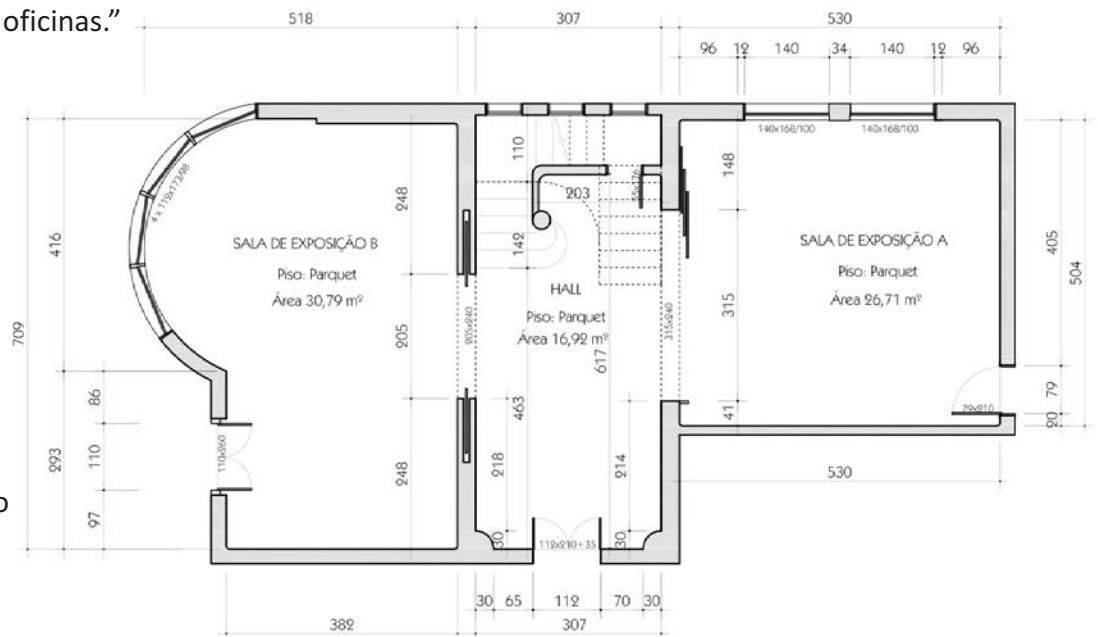


Criada em 2003, a Fundação iniciou as atividades na sede atual em 2005 com a inauguração da Galeria, primeiro projeto cultural e âncora da Instituição.

“A Fundação Ecarta é um presente dos professores do ensino privado do RS a toda a sociedade gaúcha. Seu nome, ECARTA, foi construído pelas iniciais das atividades que pretende desenvolver: Educação, Cultura, Arte, Recreação, Tecnologia e Assistência. Tem como missão, a promoção das atividades voltadas à qualificação da educação e a ampliação dos espaços e das oportunidades de acesso à arte, à cultura e a recreação, assim como iniciativas de caráter assistencial.” A Galeria “se ocupa especialmente da arte contemporânea produzida no Rio Grande do Sul. Além de mostras, o espaço conta também com circuitos de debates e oficinas.”

Gerente artística  
Gabriela Motta

Dimensões do espaço  
expositivo: 65m<sup>2</sup>



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### ERA UMA VEZ UM DESENHO

Curadoria Gabriela Motta

20 de novembro/2010 a 20 de janeiro/2011

### HORIZONTE DE EVENTOS

Curadoria Fernanda Albuquerque

2 de outubro a 14 de novembro/2010

### NOTAÇÕES PICTÓRICAS

(edital 2010)

21 de agosto a 25 de setembro/2010

### MARCAÇÕES

Curadoria Míriam Tolpolar

17 de julho a 15 de agosto/2010

### EN PASSANT (edital 2010)

12 de junho a 11 de julho/2010

### CONVIVÊNCIA ESPACIAL

Curadoria Gabriela Mota

20 de março a 23 de abril/2010

### PEQUENA DISTÂNCIA

22 de novembro/2009 a 15 de janeiro/2010

### SOBRE

Curadoria Isabel de Castro

13 de outubro a 15 de novembro/2009

### COLETIVO [COLETIVOS]

Curadoria Amelia Brandelli

12 de setembro a 11 de outubro/2009

### REUNIÃO

Curadoria Silvia Livi

9 de agosto a 6 de setembro/2009

### CONTEMPORÂNEOS EM SANTA MARIA

Curadoria Nara Cristina Santos e Paulo Gomes

5 de julho a 2 de agosto/2009

### ENTRETANTOS

Curadoria Ana Zavadil, org. Ana Flores

31 de maio a 28 de junho/2009

### CONVERSAS GRAVADAS

Curadoria Anico Herskovits

25 de abril a 24 de maio/2009

### A ARTE MURAL

21 de março a 19 de abril/2009

## ARTISTAS

Elida Tessler, Fernando Lindote, Gisela Waetge, Jailton Moreira, Maria Lucia Cattani

Wagner Malta Tavares, Gilberto Mariotti, Leticia Ramos, Maíra Dietrich, Michel Zózimo, Túlio Pinto, Cristiano Lenhardt e Fernanda Gassen

Mariana Silva da Silva e Fernanda Gassen

Susel Neubarth, Marcelo Monteiro, Inói Varela, Raquel Lima e Jane Machado

Eduardo Montelli, Isabel Ramil e Juliano Ventura

Luiz Roque, Marcos Sari, Marina Camargo, Romy Pocztaruc e Stela Terra

Glaukis de Moraes, Mariana Silva da Silva e Mariane Rotter. Artista convidada Aillen Lambert

N.a.i.p.e - Ana Paula Tomimori, Fernanda Bec, Lara Sosa, Laura Bortolazza, Mariana Konrad e Thaís Leite

Adreson, Ana Ledur, Dânia Moreira, Kátia Costa, Tereza Mello, Yara Baugarten

Selir Straliozzo e Rogério Livi

Denis Siminovich, Janaína Falcão, Luciano Santos e Nara Amelia Mello

Bando de barro - Alexandra Eckert, Antonio Augusto Bueno, Ana Flores, Claudia Flores, Eloísa Tregnago, Lia Freitas, Mariana Canepa, Marianita Linck, Marilene Maran, Nico Giuliano, Odete Calderan, Rejane Berger, Simone Nassif e Tânia Resmini

Vera Chaves Barcelos, Maria Inês Rodrigues, Danúbio Gonçalves, Mara de Carli, Miriam Tolpolar e Marcos Sanches

NPM (18 artistas)

## GOETHE-INSTITUT - INSTITUTO CULTURAL BRASILEIRO-ALEMÃO

Rua 24 de Outubro, 112 - Independência  
CEP 90510-000 Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (51) 2118-7800  
info@portoalegre.goethe.org  
www.goethe.de/portoalegre  
Visitação: Segunda a sexta, das 10h às h  
Entrada franca



GOETHE-INSTITUT  
PORTO ALEGRE



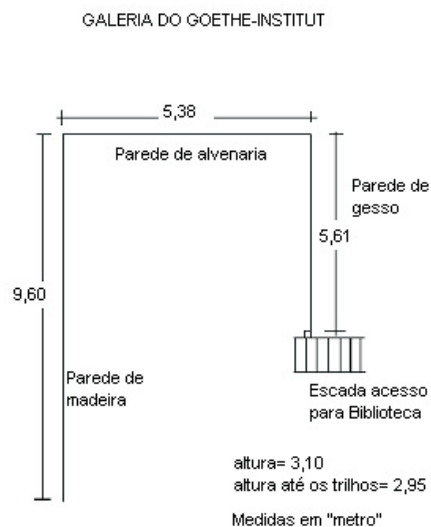
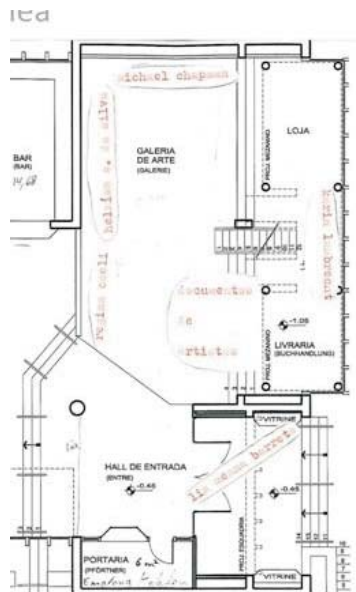
O Instituto Goethe foi fundado em 1955.

“O Goethe-Institut Porto Alegre está instalado em sede própria do governo alemão e conta com um auditório multifuncional dotado de palco, piano de concerto e equipamento de tradução simultânea, além de um espaço para exposições, salas de aula e biblioteca. Sua colaboração ativa a todos os aspectos da vida cultural da cidade torna o Goethe-Institut um centro de eventos cobiçado também pelos nossos parceiros.”

“Visando a incentivar, difundir e integrar as manifestações de artistas plásticos contemporâneos” desenvolve o projeto Concurso de Artes Plásticas, iniciado em 1999/2000, que em 2010 chega a sua XI edição.

Dimensão espaço expositivo:  
50m<sup>2</sup> + possibilidade de  
expansão (hall/bar)

Assistente de Programação Cultural  
Adair Gass



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

BRUMAS\*

18 de novembro a 11 de dezembro/2010

MARCOS BUENOS\*

21 de outubro a 14 de novembro/2010

PAISAGEM PRAGMATICA\*

23 de setembro a 16 de outubro/2010

ATRAVÉS\*

19 de agosto a 15 de setembro/2010

VOCÊ QUE FAZ VERSOS

14 de maio a 12 de junho/2010

ÓRBITAS DOS ANOS 80 - MEMÓRIA E ATUALIDADE

17 de novembro a 9 de dezembro /2009

lançamento Catálogo 10 anos do Concurso de Artes Plásticas

TRAJETÓRIAS ORTOGONAIS / DIVERSÃO SEM FIM\*\*

20 de outubro a 12 de novembro/2009

INDIVIDUAÇÃO\*\*

23 de setembro a 17 de outubro/2009

REGISTROS, DESENHOS E FOTOGRAFIAS\*\*

29 de julho a 22 de agosto/2009

CASASUBU

18 de novembro/2008 a 6 de março/2009

\*Selecionados 2010 XI Concurso de Artes Plásticas

\*\*Selecionados 2009 X Concurso de Artes Plásticas

## ARTISTAS

Rafael Pagatini

Marcos Sari

Adauany Zimovski

Amelia Brandelli

Walmor Correa

Gisela Waetge, Karin Lambrecht, Lia

Menna Barreto, Mauro Fuke,

Michael Chapman, Heloisa da Silva

e Regina Coeli.

Leonardo Fanzelau e Túlio Pinto

André Favilla(SP)

Lisa Mangussi

Vera Chaves Barcellos



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### OS PÁSSAROS

3 a 24 de novembro/2010

### UNIVERSO COLORIDO

4 a 27 de outubro/2010

### LÚDICA SUBVERSÃO

1 a 22 de setembro/2010

### CORRENDO RISCOS

4 a 25 de agosto/2010

### IN/NY

7 a 28 de julho/2010

### OBJETOS E DESENHOS

17 de julho/2010 noite única

### PINTADO

2 a 30 de junho/2010

### TEMPENSARES

5 a 26 de maio/2010

### NOVA DIMENSÃO

7 a 28 de abril/2010

### FOTOGRAFIAS

10 a 31 de março/2010

### ReVer 09

13 de janeiro a 26 de fevereiro/2010

### QUATRO POR QUATRO curadoria Ana Zavadil

25 de novembro a 19 de dezembro/2009

### ROUPAS E CORES

21 de outubro a 14 de novembro/2009

### FONTE

23 de setembro a 10 de outubro/2009

### EM PROCESSO curadoria Ana Zavadil

26 de agosto a 12 de setembro/2009

### VESTÍGIOS/REGISTROS

29 de julho a 15 de agosto/2009

### PINTURA

1 a 18 de julho/2009

### SOMBRAS DO COTIDIANO curadoria Paulo Amaral

3 a 30 de junho/2009

### DESENHAR BORDANDO

29 de abril a 18 de maio/2009

### BABEL

25 de março a 18 de abril/2009

### ACERVO

2 a 20 de março/2009

### ReVer 08

14 de janeiro a 15 de fevereiro/2009

## ARTISTAS

Raul Cassou

Solange Caldas

Sandra Lages

Simone Bernardi

Guilherme Herz

Fernando Duval

Elton Manganelli

Lucy Wainberg

Marlene Kozicz

Juliana Lima

Amarilli Boni Licht, Umbelina Barreto, Flávio Morsch, Cláudia Hamerski, Gilmar Carneiro, Rogerio Severo, Antonio Henriques, Ainez Aranha Rosito, Maurício Aurvalle, Heloisa Fedrizzi Petry, Ana Flores, Eloisa Tregnago, Lia Freitas e Simone Nassif.

Ana Flores, Eloisa Tregnago, Lia Freitas e Simone Nassif

Ainez Aranha Rosito

Umbelina Barreto, Flávio Morsch

Cláudia Hamerski Interferências de Rafael Araújo e Rafael Lima Melnitzki

Rogerio Severo e Heloisa FedrizziPetry

Gilmar Carneiro

Maurício Aurvalle

Amarilli Boni Licht

Antonio Henriques

Diversos

Gustavo Rigon, Sérgio Rodriguez, Marlene Kozicz, Ricardo Camilo, Laura Castilhos, Rosali Plentz, Adauany Zimovsky, grupo Prima Idea, Rodrigo Pecci, Elton Manganelli e Carlota Garcia.

## ATELIER SUBTERRÂNEA

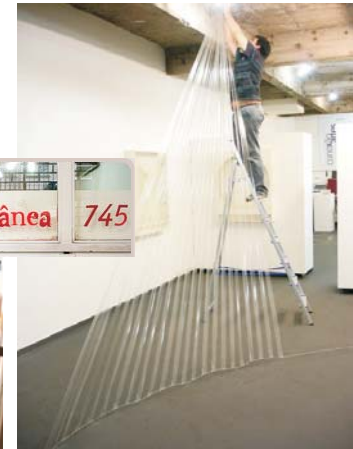
Av. Independência 745/subsolo  
90035-076 Porto Alegre - RS - Brasil

Fone (51)  
contato@subterranea.art.br

www.subterranea.art.br

Visitação de segunda a sábado, das 14h00 às 19h00

Entrada franca



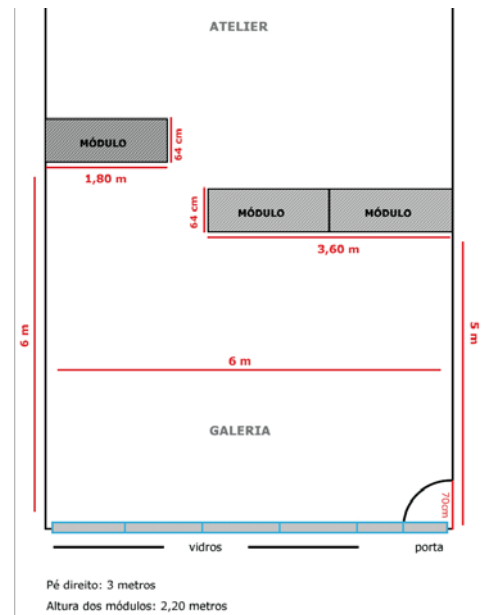
O Atelier Subterrânea surgiu em 2006, com os artistas Gabriel Netto, Jorge Soledar e Túlio Pinto

É formado por um grupo de jovens artistas interessados em promover, discutir e pensar a produção contemporânea e seus caminhos, utilizando o espaço expositivo do atelier para a constituição de diálogos entre diferentes gerações. “É um espaço independente de Artes Visuais em Porto Alegre. Além de local de trabalho dos artistas que o integram, é também um lugar aberto ao trânsito e diálogo de pessoas interessadas em arte. A proposta da Subterrânea é auxiliar artistas contemporâneos na execução de projetos artísticos, através da concessão de espaço físico para a realização de mostras, cursos e eventos diversos como: palestras, diálogos, lançamentos de livros e experimentações gerais em arte.”

Além de ser um “laboratório” dos artistas que integram o atelier, este espaço está aberto a propostas artísticas diversas. O espaço expositivo do Atelier Subterrânea está voltado à “socialização de projetos em artes visuais de caráter experimental e que tenham um canal estreito de circulação em Porto Alegre. O objetivo da sala expositiva é divulgar experimentos em artes visuais, promovendo o intercâmbio entre artistas e público.”

Todos os integrantes do atelier são responsáveis pela escolha das mostras e eventos realizados, aprovados conjuntamente em votação. A partir de 2010 começam a assinar individualmente a sua organização.

Dimensões espaço expositivo: 36m<sup>2</sup>



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### TRANSPASSES \*

org. James Zortéa

28 de outubro a 27 de novembro/2010

### ARPARADORES \*

org. Túlio Pinto

16 de setembro a 16 de outubro/2010

### PEQUENOS FORMATOS 2010 (4ª edição)

12 de agosto a 4 de setembro/2010

### TRAVELING : ATELIER \*

org. Lilian Maus

8 a 31 de julho/2010

### DIÁLOGO DE PINTURA

org. Gabriel Netto

27 de maio a 26 de junho/2010

### PESSOAL: LÍNEAS Y CAMADAS

22 de abril a 22 de maio de 2010

### BALANÇO GERAL

25 de março a 17 de abril/2010

### VOCÊ ESTÁ AQUI

3 a 10 de dezembro/2009

### ATELIÊ SUBTERRÂNEA 2009

7 a 21 de novembro/2009

### O TEMPO CONTAMINADO/EL TIEMPO CONTAMINADO

curadoria Dione Vieira (Bra) e Sergio González V. (Chi)

17 de setembro a 17 de outubro/2009

### INIMIGOS

6 de agosto a 5 de setembro/2009

### PAISAGENS IMPROVÁVEIS

18 de junho a 18 de julho/2009

### PEQUENOS FORMATOS 2009 (3ª edição)

7 de maio a 6 de junho/2009

### LUIZ ROQUE: FILMES

18 a 24 de abril/2009

### PELE DE BONECA

12 de março a 10 de abril/2009

## ARTISTAS

Giancarlo Lorenci e Rodrigo John

BonGiovanni

Adauany Zimovski, Arthur Chaves, Cadu, Cildo Meireles, Edith Derdyk, Fábio Zimbres, Flávio Gonçalves, Gabriel Netto, Guilherme Dable, James Zortéa, Lia Menna Barreto, Lilian Maus, Marcelo Amorim, Rodrigo Lourenço e Túlio Pinto.

Hélio Ferverza

Alvaro Seixas/Rafael Alonso

Melina Berkenwald (Argentina), Gerardo Pulido (Chile), Tomás Rivas (Chile) e Rommulo Conceição (Brasil).

Raul Mourão (RJ)

Shima (SP)

Adauany Zimovski, Gabriel Netto, Guilherme Dable, James Zortéa, Lilian Maus e Túlio Pinto

Fabio Del Re, Lenir de Miranda, Richard John(Br)  
Antonia Cafati, Antonia Cruz, Macarena Fernández e María Jesús Olivos (Chile)

Gil Vicente(PE)

Amélia Brandelli e Evandro Machado

Beto Roma, Bruno Teixeira, Clarice Pereira, Denise Gadelha, Diego Amaral, Dione Veiga Vieira, Fernando Lindote, Gerson Derivi Marques, Helena de Nadal, Hélio Ferverza, Lilian Maus, Lucia Laguna, Luiza Baldan, Marcos Chaves, Mário Fontanive, Mauro Fuke, Nuno Ramos, Raul Krebs, Rodrigo Pecci, Rommulo Conceição, Tiago Giora, Tula Anagnostopoulos e Vania Sommermeyer

Luiz Roque

Lia Menna Barreto



## ESPAÇO CULTURAL CHICO LISBOA

Travessa Venezianos, 19 - Cidade Baixa  
90050-370 - Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone (51) 3224.6678

chicolisboa@terra.com.br  
www.chicolisboa.com.br  
associaçãochicolisboa.blogspot.com

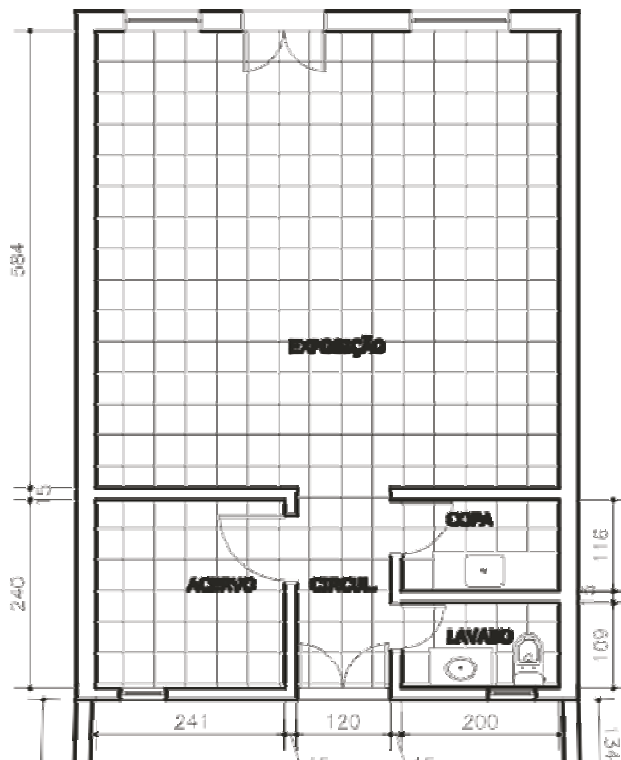
Visitação: segunda a sexta, das 14h às 18h  
Entrada franca



“A Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, fundada em 1938, é uma das mais antigas entidades culturais em funcionamento no Estado, tendo por finalidade promover as artes visuais e defender os interesses de seus associados perante a sociedade.” A sede na Travessa Venezianos foi inaugurada em dezembro de 2004.

A Chico Lisboa conta com quase 500 artistas associados. Para participar dos eventos e exposições promovidos pela associação, todos os participantes devem ser associados. A sala de exposições é coordenada pelo Departamento Cultural, que elabora o projeto anual de exposições, posteriormente aprovado pela Diretoria. As curadorias são feitas por convidados, a não ser nos eventos da casa. Atualmente está sendo dada uma ênfase maior a parcerias com outras instituições culturais do meio e intercâmbios com Universidades do interior, proposta de Ana Zavadil.

Dimensões espaço expositivo: 33m<sup>2</sup>



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

### OUTROS LUGARES - PORTO ALEGRE

Curadoria Ana Maria Albani de Carvalho  
16 de outubro a 12 de novembro/2010

### OUTROS LUGARES - PELOTAS

Curadoria Adriane Hernandez e Angela Raffin Pohlmann  
11 de setembro a 8 de outubro

### OUTROS LUGARES - SANTA MARIA

Curadoria Nara Cristina Santos  
7 de agosto a 3 setembro/2010

### OUTROS LUGARES - CAXIAS DO SUL

Curadoria Maria Galvani e Guadalupe Bolzani  
19 de junho a 16 de julho/2010

### OUTROS LUGARES - FEEVALE

Curadoria Alexandra Eckert e Clóvis Martins Costa  
15 de maio a 11 de junho/2010

### OUTROS LUGARES (Itinerante)

Curadoria Alexandra Eckert, Mara Galvani, Nara Cristina Santos, Angela Raffin Pohlmann, Ana Albani de Carvalho  
10 abril a 7 de maio/2010

### REFLEXOS CONTEMPORÂNEOS - A PAISAGEM E O OBJETO\*

Curadoria Ana Zavadil, Eduardo Vieira da Cunha, Jaqueline Joner, Niura Legramente Ribeiro, Vera Pellin  
16 de setembro a 30 de outubro/2009

### REFLEXOS CONTEMPORÂNEOS - A FIGURA\*

Curadoria Ana Zavadil, Eduardo Vieira da Cunha, Jaqueline Joner, Niura Legramente Ribeiro, Vera Pellin  
23 de julho a 4 de setembro/2009

### FEIRA DE ARTE NA TRAVESSA

7 de junho/2009

### PORTO ALEGRE É 10

25 de março a 24 de abril/2009

### ACERVO 20 X 20

janeiro e fevereiro/2009

## ARTISTAS

Ana Cristina Winck, Denis Nicola e Júlia Berenstein

Adeline Duarte, Erika Romaniuk, Iná Eloísa Grabin, Karen Campos, Luana Alt, Mariza Fernanda, Natália Hax, Rogério Frank, Thiago Araújo, Thiago Reis

Anelise Witt, Carlos Donaduzzi, Claudia Loch, Claudia Schulz, Fernando Codevilla, Karine Perez e Kelly Wendt

Andréia Padilha, Cassiano Renosto, Crísthian Cajé, Evenir Comerlato, Flávio Drum, Josias Silveira da Silva, Marcos Clasen, Patrícia da Costa, Paulo Vega Jr., Tânia Silvestre

Amanda Borges, Anita Porto, Carmen Salazar, Claudete Mattos, Dulce Unterleider, Flávio Pacheco, Isabel Sommer, Paula Cardoso, Rogério Severo

Carmem Salazar, Isabel Sommer, Evenir Comerlato, Tânia Silvestre, Carlos Donaduzzi, Karine Perez, Dani Moraes, Bianca Dornelles, Ana Cristina Winck, Denis Nicola

Dânia Moreira, Dirnei Prates, Fernanda Chemale, Graça Marques, Letícia Lampert, Lílian Santos Gomes, Maria Eunice Araújo, Neide C. Pinto, Rogério Livi, Sílvia Giordani, Vera Reichert, Vitor Butkus

Carolina Kazue, Clara Figueira, Denise Helfenstein, Elizabete Rocha, Evenir Maria Comerlato, Gustavo Diehl, Julio Appel, Karine Perez, Maristela Wink, Mônica Spohn, Simone Blauth, Sol Casal, Tiago Coelho  
diversos

60 associados

diversos

## JABUTIPÊ

Rua Cel. Fernando Machado, 195 - Centro

CEP 90010-321 Porto Alegre – RS – Brasil

Fone: (51) 9196-4860

antonioaugustobueno@yahoo.com.br

www.jabutipe.com.br

antonioaugustobueno.blogspot.com

visitação: em períodos de exposições, de terças a sábados, das 15h às 19h.

Fora de período de exposições e para visitas em grupo, com agendamento.

Entrada franca



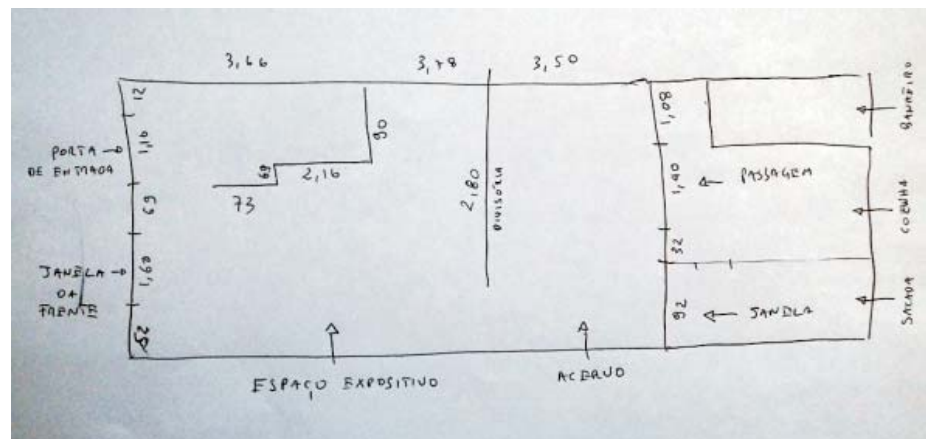
O artista iniciou os trabalhos para a montagem do atelier em jan/2009. O espaço foi inaugurado oficialmente em 24 de outubro de 2009 com a abertura da 1a. exposição.

“O Jabutipê está situado em uma antiga casa do Centro Histórico de Porto Alegre, que foi restaurada com o objetivo de se transformar em atelier. Em um andar está montado o atelier propriamente dito – um espaço de produção – de ‘mão na massa’. Além de disponibilizar espaço para produções em desenho, pintura e escultura, está equipado com forno para queima de cerâmica e vidro, e também prensas para gravuras em metal e xilogravura. Este espaço está aberto para cursos, e disponível para outros artistas realizarem trabalhos. No outro andar, o espaço expositivo, uma galeria que prioriza a mostra de trabalhos de jovens artistas, assim como a exposição do que está sendo produzido nas oficinas do atelier. O Jabutipê também está aberto a bate papos e outras propostas, ou seja, é um espaço dinâmico que tem a intenção de que, com o passar do tempo e de pessoas, ele mesmo passe a sugerir novas atividades.”

Dimensão espaço expositivo:  
30m<sup>2</sup> (+acervo 14m<sup>2</sup>)

Artista/proprietário:  
Antônio Augusto Bueno

Colaboração nos textos críticos:  
Ana Zavadil



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

MAMILOS IN MEMORIUM  
cerâmica, fotografia e utensílios  
6 a 26 de novembro/2010

PROJETO DIFERENTES OLHARES  
(mostra no site - jabutipe.com.br)  
Outubro/2010

DE FORA PARA DENTRO  
28 de agosto a 18 de setembro/2010

GRAVETOS ARMADOS  
trabalho em processo  
10 a 31 de julho/2010

PROJETO DIFERENTES OLHARES  
(mostra no site - jabutipe.com.br)  
Junho/2010

DUPLAS PONTAS PONTAS DUPLAS  
15 de maio a 05 de junho/2010

(IN)TENSÕES  
proposta “Junto à janela”  
20 de março a 10 de abril/2010

INTERVENÇÕES SIMULTÂNEAS: PAISAGEM / IN ARQUITETURA  
proposta “Junto à janela”  
28 de novembro a 19 de dezembro/2009

NOVOS DESENHOS NO NOVO ATELIER  
24 de outubro a 21 de novembro/2009  
(inauguração oficial do espaço expositivo)

## ARTISTAS

Carusto Camargo

Pamela Ferrer

Kelly Wendt

Antônio Augusto Bueno

Luciana Bauer

Yara Baungarten e Rodrigo dMart

Simone Rocha da Conceição

Fernada Manéa

Antônio Augusto Bueno

## STUDIO CLIO INSTITUTO DE ARTES E HUMANISMO

Rua José do Patrocínio, 698  
90050-002 - Cidade Baixa - Porto Alegre - RS  
Fone: 51 3254.7200 Fax 3254.7215

[www.studioclio.com.br](http://www.studioclio.com.br)

Visitação Segunda a Sexta das 9h às 19h  
Entrada franca



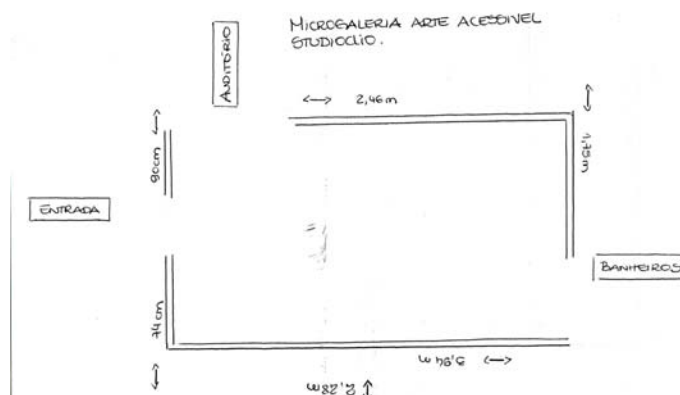
A Micro galeria Arte Acessível, como o próprio StudioClio, inaugurou em 2005.

“O StudioClio é uma experiência de conhecimento e imaginação.”

“O StudioClio complementa e enriquece a paisagem cultural de Porto Alegre com uma agenda de atividades originais e de alto nível em todos os campos da arte e do humanismo, com ênfase na memória cultural. Ele nasceu para ser um instituto transdisciplinar, aberto ao diálogo e à interação entre pessoas, épocas, gêneros e disciplinas, desburocratizado, acessível e confiável. Ele dinamiza a vida acadêmica e promove a criação artística. Mantemos permanentemente linhas de pesquisa e o diálogo com institutos, artistas e pesquisadores, bem como uma atenção para com o cenário transdisciplinar internacional. As finalidades de gestão são a manutenção da alta qualidade de curadoria, a permanente renovação da programação e a sustentabilidade social e econômica.” (Francisco Marshall)

Curadoria da Microgaleria Arte Acessível:  
Blanca Brites e Leandro Selister

Dimensões do espaço expositivo: 9m<sup>2</sup>



## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

MICROGALERIA ARTE ACESSÍVEL

curadoria Blanca Brites e Leandro Selister

### INTERIORES

6 de novembro a 23 de dezembro/2010

### HABANA BLUES

13 de setembro a 3 de novembro/2010

### BABEL

26 de julho a 28 de agosto/2010

### FACES PERDIDAS

14 de junho a 26 de julho/2010

### MAPAS IMAGINÁRIOS

26 de abril a 28 de maio/ 2010

### DOSES DE MEMÓRIA

15 de março a 19 de abril/2010

### IN SUSPENSO

25 de outubro a 18 de dezembro/2009

### DÜRER, MITO E IMAGINAÇÃO

19 de setembro a 16 de outubro/2009

### LINHAS EM TRANSPARÊNCIA

9 de agosto a 11 de setembro/2009

### SERÁ QUE ELES TAMBÉM FORAM À LUA?

21 de junho a 30 de julho/2009

### SOB MEDIDA

16 de março a 24 de abril/2009

### FLORAS

6 de dezembro/2008 a 4 de março/2009

## ARTISTAS

Rafael Pagatini

Ana Alegria

Frantz

André Venzon

Graça Marques

Adriana Daccache

Marta Penter

Albrecht Dürer

Marília Bianchini

Emilia e Tomohiro Ehara

Eleonora Fabre

Roseli Jahn

O Projeto Quadro Branco (no café do Studio) tem curadoria do Museu do Trabalho

O StudioClio ainda apresenta Projetos Especiais como as intervenções urbanas na fachada “As quatro estações do ano”, ou “Macro-micro”, de Leandro Selister.

## FUNDAÇÃO BIENAL DE ARTES VISUAIS DO MERCOSUL

Rua Bento Martins, 24 sala 1201 - Centro  
CEP 90010-080 - Porto Alegre - RS - Brasil  
fone +55 (51) 3254-7500

contato@bienalmercosul.art.br



Visitação Mostras: terças a domingos das 9h às 21h

Entrada franca



“Criada em 1996, a Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul é uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, que tem como missão desenvolver projetos culturais e educacionais na área de artes visuais, adotando as melhores práticas de gestão e favorecendo o diálogo entre as propostas artísticas contemporâneas e a comunidade.”

“Nos anos ímpares, a Fundação promove o evento Bienal do Mercosul, reconhecido como o maior conjunto de eventos dedicados à arte contemporânea latino-americana no mundo, oportunizando o acesso à cultura e à arte a milhares de pessoas, de forma gratuita. A Bienal do Mercosul coloca o Brasil como referência internacional nas artes visuais e, através da arte, promove a integração dos países que fazem parte do Mercosul.

Ao longo de sua trajetória, a Fundação Bienal do Mercosul sempre teve como missão a ênfase nas ações educativas e os seguintes princípios norteadores: foco na contribuição social, buscando reais benefícios para os seus públicos, parceiros e apoiadores; contínua aproximação com a criação artística contemporânea e seu discurso crítico; transparência na gestão e em todas as suas ações; prioridade de investimento em educação e consolidação da Bienal como referência nos campos da arte, da educação e pesquisa nessas áreas.”

Espaços expositivos: Armazéns do Cais do Porto  
Av. Mauá, 1050 (A3 e A4)

Santander Cultural  
R. Sete de Setembro, 1028

Curadores Gerais da 7ª Bienal:  
Victoria Noorthoorn e  
Camilo Yañez

MARGS Museu de Arte do Rio Grande do Sul  
Praça da Alfândega, s/nº

## **EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009 7ª BIENAL**

**16 de outubro a 29 de novembro/2009**

ABSURDO

Armazéns do Cais do Porto

ÁRVORE MAGNÉTICA

Armazéns do Cais do Porto

BIOGRAFIAS COLETIVAS

Armazéns do Cais do Porto

DESENHO DAS IDEIAS

Margs

FICÇÕES DO INVISÍVEL

Armazéns do Cais do Porto

PROJETÁVEIS

Santander Cultural

TEXTO PÚBLICO

Base nos Armazéns do Cais do Porto

### **PROGRAMAS**

EDITORIAL

PEDAGÓGICO

RADIOVISUAL

### **ARTISTAS**

13 artistas

11 artistas

8 artistas

38+2 artistas

14 artistas

24+11 artistas

17 artistas

15 artistas

36 artistas

157 artistas



## BIENAL B

Porto Alegre - RS

Contato: Isabel de Castro Fone (51) 3239-9921  
Asses. Imprensa: Liane Strapazon (51) 9129-8924  
www.bienalb.org

visitação de 21 de outubro a 20 de dezembro/2010  
cfe. horários dos espaços expositivos

Entrada Franca



# 3ª BIENAL B



“Há três edições, um grupo em torno de 250 artistas coordenados (nestas duas últimas edições, por mim e, na primeira, por Gaby Benedyct) heroicamente, oferecem suas obras à exposição em diversos espaços de Porto Alegre. Ponto positivo.

Há três edições, uma média de 30 espaços, públicos e privados, abre suas portas e abriga grupos de artistas, que fazem uma proposta artística apropriada para cada lugar escolhido, possibilitando a abertura e oxigenação do ambiente cultural e artístico da nossa cidade. Ponto positivo.

Há duas edições fomos indicados e, no ano passado, fomos agraciados com o IV Prêmio Açorianos, na categoria Projeto Alternativo de Artes Visuais – 2009. Ponto positivo.

Há três edições, não temos patrocínio de nenhuma empresa, não recebemos dinheiro. Apesar de termos tido o benefício da Lei Rouanet em 2009 e 2010, nenhuma das empresas consultadas se interessou (!)(!)(!). Nós temos 30 pontos de venda na cidade, na linguagem de marketing... Ponto nebuloso.

A minha pergunta é: - Até quando seremos ignorados? Ponto muito claro!”

Isabel de Castro - Coordenadora e curadora Geral da 3ª Edição.

Curadores Convidados: Ana Zavadil e Krauz

Site: Adreson

Dimensões dos espaços expositivos: variáveis cfe. a exposição



Nesta pesquisa consideramos apenas a terceira edição da bienal, lançada em 2010. A edição anterior ocorreu em 2009, no período de setembro a dezembro.

## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2010

EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2010			ARTISTAS
VIDAS EXPANDIDAS	05 a 31 de outubro	CCMQ-Esp.Maurício Rosenblatt	3
INTIMIDADES	21 de outubro a 26 de novembro	Arquivo Público Estadual	5
BANDO DE BARRO	29 de novembro a 31 de janeiro/2011	Sala João Fahrion - UFRGS	36
O LIVRO DAS TENTAÇÕES	21 de outubro a 26 de novembro	Arquivo Público Estadual	Grupo IO
EMPILHÁVEIS III	22 de outubro a 11 de novembro	Espaço IAB	21
A COR COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA	23 de outubro a 10 de novembro	Nieto Galeria	3
E OS ÁGUIAS POUSARAM NA BIENAL B – GR 1	24 de outubro a 25 de novembro	Sede AGUIA	15
DO AZUL AO MARROM	25 de outubro a 15 de novembro	Agência de Leilões Esp. Cultural	3
IMAGENS ANCESTRAIS	26 de outubro a 11 de dezembro	Museu Júlio de Castilhos	
PORTA-RETRATOS	3 a 30 de novembro	TCE RS	24
JE LE SAIS PAR COEUR	27 de outubro a 15 de dezembro	La Galerie Aliança Francesa	8
OS HEREGES E AS NAÇÕES DESUNIDAS	4 de novembro a 15 de dezembro	FACED UFRGS	4
SUPERFÍCIE	5 a 12 de novembro	Assembléia Legislativa	9
PINTURAS ENCONTRADAS	9 de novembro	Casa dos Bancários	3
PROJETO CIRCULAR NA 3ª BIENAL B	1 e 2 27 de nov	Teatro de Câmara Tulio Piva	33
{( VAZIO ) }	26 e 27 de novembro	Galeria Arte&fato	3
ESTÉTICA DE RODOVIÁRIA	23 e 24 de novembro	Rodoviária de Porto Alegre	3
O FIO CONDUTOR DA DIVERSIDADE	11 de novembro a 4 de dezembro	Atelier Cubo4	7 atelier cubo4
FRAGMENTOS E REFLEXOS	12 de novembro	Recanto Europeu Parque Farr.	6
URBANIDADES	26 de outubro a 11 de dezembro	Museu Julio de Castilhos	4
COTIDIANO	18 a 20 de dezembro	Sala Augusto Meyer CCMQ	5
BALA SEM DOCE	20 de novembro	ARTEMIM	4 Paralelo 29
QUADROS POR QUADRA	19 de novembro a 3 de dezembro	Instituto NT de Cinema e Cultura	
E OS ÁGUIAS POUSARAM NA BIENAL B – GRUPO 2	28 novembro	Sede AGUIA	
REVELAÇÕES - O OBJETO DE IDENTIDADE	2 de dezembro	Paulo Capelari Galeria de Arte	
CONSTRUÇÕES	17 de novembro a 15 dezembro	Espaço Alternativo Ateleir Livre	6
FERRO E FOGO	28 de outubro	Atelier Ferro e Fogo	5

## DESVENDA - FEIRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Travessa Venezianos, 30 - Cidade Baixa  
90050-370 - Porto Alegre - RS - Brasil  
desvenda@gmail.com  
desvenda.wordpress.com

Visitação: no primeiro domingo de cada mês, das 16h às 22h e em eventos especiais  
Entrada franca



A primeira Desvenda aconteceu no dia 7 de dezembro/2008 no espaço da Travessa Venezianos, contando com cerca de 40 artistas e 100 obras à venda.

“Um espaço específico para o artista contemporâneo divulgar e comercializar o resultado de sua pesquisa em arte. Esta é a premissa que define a Feira Desvenda.

A Feira Desvenda é uma iniciativa de artistas/produtores de Porto Alegre e pretende ser um espaço para o desenvolvimento de atividades de integração, de troca e de construção coletiva entre artistas. A feira propõe a comercialização de obras de arte por preços acessíveis e/ou com a compra parcelada. Para os organizadores, ações conjuntas entre artistas que facilitem a aquisição de objetos desvinculados de modismos e tendências de decoração, além de divulgar junto a um público heterogêneo as variadas manifestações artísticas produzidas atualmente, também colabora para a formação de novas coleções particulares, e, conseqüentemente, lança a possibilidade de ampliação de um mercado específico.

DESVENDA PERMANENTE: Para que as atividades não se reduzam ao momento da feira, colocaremos no ar um sítio/blog que funcionará como um catálogo de vendas on-line de todas as obras/artistas que participarem da feira.” O blog tem atualmente obras de 127 artistas.

Dimensões espaço expositivo: em aberto

Organizador: Rodrigo Lourenço

## EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

INTERCAMBIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA SANTA MARIA

21 a 27 de novembro/2010 Porto Alegre x Santa Maria

DESVENDA ESPECIAL NO FESTIVAL DE ARTE - CMC

4 a 8 de outubro/2010 Intercâmbio Porto Alegre x Recife

DESVENDA NO SESC

3 a 30 de setembro/2010

DESVENDA

6 de junho/2010

DESVENDA NO 61º SALÃO DE ABRIL / FORTALEZA

16 de abril/2010

DESVENDA DE PÁSCOA

4 de abril/2010

DESVENDA

7 de março/2010

1a. DESVENDA DE 2010

7 de fevereiro/2010

DESVENDA ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO

6 de dezembro/2009 Intercâmbio São Paulo

DESVENDA NO MEMORIAL CASA DO LEITE

24 de novembro/2009

DESVENDA

8 a 22 de novembro/2009

DESVENDA

4 de outubro/2009

DESVENDA

13 de setembro/2009

DESVENDA ESPECIAL

2 a 9 de agosto/2009 Intercâmbio Curitiba/Porto Alegre/Rio de Janeiro

DESVENDA

5 de julho/2009

DESVENDA

7 de junho/2009

DESVENDA

3 de maio/2009

DESVENDA DE PÁSCOA

5 de abril/2009

DESVENDA

1 de março/2009

DESVENDA

1 de fevereiro/2009

DESVENDA INAUGURAL

4 de janeiro/2009

## ARTISTAS

Adauany Zimovsky Ana Paula Tomimori  
Adreson Adriana Aranha Adriana Xaplin  
Alessandra Pohlmann Aline Daka Alya Neri Ana  
Thompson Flores Ananda Kuhn André Malinski  
André Venzon Andréa Lopes Da Silva Angela  
Cagliari Antônio Augusto Bueno Augusto Lima  
Bebel Abreubeth Mello Betina Frichmann  
Bruna Pedrosa Camila Mello Camila Schenkel  
Caren Czerwinski Carine Betker Carlinhos  
Rodrigues Carlos Asp Carlos Cardoso Carmen  
Krauspenhar Christel Kam-mone Clarissa  
Cestari Cláudia Fontana Claudia Hamerski  
Cláudio "dimas" Celestino Daiana Schröpel  
Daniela Adams Dayene Mari Denis Nicola Denis  
Siminovich Diego Amaral Diego Bachmann  
Marcelo Donadussi Eduardo Montelli Eduardo  
Uchoa Eladia Martín Ena Lautert Fernanda  
Barroso Fernanda Bec Fernanda Soares  
Fernanda Manéa Fernando Rosenbaum Flávia  
Giroflai Fernando Peres Filé De Peixe Fred  
Duarte Yara Baurgarten Gaa Pas Gabriel Netto  
Gabriela Zilli Gaby Benedict Gerson Reichert  
Glaé Eva Macalós Helena De Nadal Humberto  
Dutra Inara Vidal Passos Ingrid Noal Schirmer  
Juan Parada Júlia Berenstein Juliana Lima  
Juliana Scheid Kátia Costa Leandro Machado  
Leandro Michels Leisi Moraes Leopold Kunrath  
Letícia Lampert Lia Braga Lílian Santos Gomes  
Lívia Santos Lucas Strey Luciano Montanha Luís  
Drum Mabel Fontana Magna Sperb Manoel  
Veiga Manuela Eichner Marcelo  
Monteiro Marcieli Compagnon Mayana Redin  
Mariana Xavier Marcio Rivera Marcio Schenkel  
Marcos Fioravante Mariza Fischer Mastrey  
Michal Kirschbaum Michele Philomena Miriam  
Scott Fontoura Nathália García Nicole Lima  
Paula Langie Paulo Chimendes Paulo José  
Frydman Paulo Moretto Pedro Alice Pedro  
Gonzalez Pierre Lapalu Priscilla Zanini Rafa Éis  
Rimon Guimarães Roberto Bitencourt Rodrigo  
Braga Rodrigo Lourenço Rodrigo Pecci Rodrigo  
Uriartt Romy Pockstaruk Sandro Ka Sol Casal  
Solange Caldas Suzana Azevedo Susy Rolland  
Swami Silva Talitha Bueno Motter Tatiana Móes  
Thais Leite Treze Numa Noite Valesca Kuhn  
Vinicius Stein Zupo (127 artistas)

## TV AZUL AZUL PRODUTORA GALERIA

R. Lima e Silva, 04 - Centro  
90050-100 - Porto Alegre - RS  
Fone: (51) 8154-8037



www.tvazul.com.br  
benedyct@gmail.com



A TV AZUL é uma emissora on line. A AZUL PRODUTORA iniciou as atividades em 2008.

“Por motivação própria, a TV AZUL se compromete em transmitir uma programação qualificada, especializada no campo das artes visuais, assim como em sua diversidade de hibridismos e transdisciplinaridades.

A programação da TV AZUL é uma seleção de vídeo-registros captados e editados por Gaby Benedyct, orientados para a difusão da informação em linguagem coloquial, buscando uma edição crítica e divertida quanto informativa.

Existe também uma seleção de artistas convidados que são colaboradores da TV AZUL, gentilmente compartilhando sua produção em vídeo conosco, cujos créditos são colocados no texto que acompanha as imagens.”

A TV AZUL funciona com uma filmadora não profissional Sony, uma câmera Ciphershot Sony e um laptop de boa capacidade - equipamento amador, produz material com boa qualidade para a internet, que exige baixa resolução. A edição é feita com Vegas e Windows Movie Maker. A conexão é Netvirtua e a ferramenta Google Analytics é utilizada para avaliar os sites. Criação e administração: Gaby Benedict.



## VÍDEOS DE EXPOSIÇÕES ARTE CONTEMPORÂNEA 2009/2010

- Atelier Subterrânea, Giancarlo Lorenci, Rodrigo John
- Trampo, Galeria Fita Tape
- La Photo, Arlete Santarosa e Marli de Araújo
- Alex Sevilla, Galeria Xico Stockinger, CCMQ  
Produção: www.babilonica.com
- PRAGMÁTICA, Adauany Zimovski Instituto Goethe  
Imagens: Gaby Benedyct e Adauany Zimovski.  
outubro/2010
- HORIZONTE DE EVENTOS, fundação ECARTA  
curadora Fernanda Albuquerque, outubro/2010
- Pinturas de Gelson Radaelli
- Dione Veiga e Krauz, Galeria Gestual, set/2010
- DESENHANDO NO ESPAÇO, Fundação Iberê  
Camargo, curador Ariel Jiménez. Apresentação dos  
espaços pedagógicos por Luciano Montanha e Juliana
- BABEL, Frantz, na visão da menina Nicole e sua mãe  
Silvia
- Fragmentos da conversa do artista Frantz, StudioClio,  
setembro/2010, mediação de Paula Ramos, em função  
de sua exposição Babel.
- BonGiovanni na Subterrânea
- Augusto Lima e Juliana Scheid no Gasômetro  
agosto/2010.
- 19º Salão da Câmara
- Kelly Wendt, Jabutipê
- MEMÓRIA, DA ABSTRAÇÃO À MATÉRIA, Ingrid Noal,  
galeria Iberê Camargo - Usina do Gasômetro,
- NOZ NA FITA, comemorando novo endereço da  
galeria Fita Tape na José Bonifácio, 485, Bom Fim  
Participação especial de Tatata Pimentel
- PEQUENOS FORMATOS, Subterrânea, Depoimentos  
de Lilian Maus e Adauany Zimovski
- Amélia Brandelli, Instituto Goethe
- ECARTA, Fernanda Gasse e Mariana Silva da Silva
- Galeria dos Arcos do Gasômetro, coletivo de  
fotografia, apresentação de Walter Karwatzki
- EMPILHÁVEIS, apresentação de Kátia Costa, Galeria  
Modernidade, Novo Hamburgo. Filmado em um único  
plano seqüência, agosto/2010
- ESPAÇOS COMPARTILHADOS, Gerson Reichert, Túlio  
Pinto e Guilherme Dable, Galeria Gestual, julho/ 2010
- Denis Siminovich, Galeria Iberê Camargo do  
Gasômetro, térreo
- PAINT FUTURE, térreo do Gasômetro
- super Expo de Fotos, curadoria de André Venzon,  
Galeria NY, rua Nova York 54
- PANORÂMICA PINHOLE - A TV AZUL conversa com os  
artistas Luciano e Rodrigo, SESC, junho/julho 2010
- Alex Sernambi, Museu do Trabalho, junho/julho  
2010
- DESENHOS, Luisa Gabriela, saguão do Instituto de  
Artes da UFRGS
- ÍNTIMAS IMPRESSÕES, Carine Betker, Paço  
Municipal, julho/2010
- PONTAS DUPLAS, Yara Baungarten e Rodrigo D´Mart,  
Jabutipê, maio/2010
- KONFRARIA KVALETE, 1ª ed., CCMQ, 12 de  
junho/2010
- ENTRE-LINHAS, ICBNA, curadora Ana Zavadil
- Graça Marques, Studio Clio, maio 2010
- CONVOCATÓRIA DE ARTE, Kátia Costa, Atelier Plano  
B, 3ª edição
- Raul Mourão na Subterrânea, abril/2010
- coletiva org. André Venzon, NY Gallery, abril/2010
- ACERVO 20 X 20 Chico Lisboa, Clube União,  
abril/2010
- Léon Ferrari e Mira Schendel, Fundação Iberê  
Camargo, abril/2010
- Claudia Barbisan, Museu do Trabalho, abril/2010
- STREET ART, Gasômetro, julho/2009
- Túlio Pinto, Galeria Iberê Camargo, Usina do  
Gasômetro, junho/2009
- Adriana Donato, Galeria La Photo, abril/2009



#### 4 TRAÇANDO CONEXÕES | RELAÇÕES | ANÁLISES

Para conhecer os espaços expositivos de uma cidade, é preciso também percorrê-los, vivenciá-los. Observar a maneira sutil como vão adquirindo um caráter próprio com o passar do tempo, como se adaptam e se transmutam, de acordo com as mostras que acolhem, por vezes numa quase metamorfose. Ou, por outro lado, como permanecem rígidos e impávidos cubos brancos buscando uma neutralidade impossível<sup>45</sup>, diante de uma arte que já não aceita mais desvincular-se de um contexto. Se os espaços expositivos estão sujeitos a toda essa alternância constante, uma vez que na museologia contemporânea já não tem sentido se falar mais em “exposição permanente”, os espaços de arte contemporânea – e por decorrência os aqui analisados – passam o tempo todo por situações-limite, se estão dispostos a realmente acolher “arte contemporânea”, tem que assumir o fato de serem também lugar de experimentação, de desenvolvimento de processos artísticos, de interação.

É interessante observar como algumas galerias se transformam e se transfiguram a cada mostra, enquanto outros espaços optam por uma formatação mais rígida, dando menos lugar à ousadia e ao experimento. Vale observar que as decisões sobre como expor o

---

<sup>45</sup> “Chegamos a um ponto em que primeiro vemos não a arte, mas o espaço em si. Vem à mente a imagem de um espaço branco ideal que, mais do que qualquer quadro isolado, pode constituir o arquétipo da arte do século XX; ele se clarifica por meio de um processo de inevitabilidade histórica comumente vinculado à arte que contém.” O’DOHERTY, Brian. **No Interior do Cubo Branco**. A ideologia do Espaço da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 3.



seu trabalho não estão [somente] nas mãos dos artistas, mas também se dão em função das opções curatoriais, da forma de seleção e dos objetivos da instituição que escolhe – ou é escolhida – pelo artista como canal de difusão de seu trabalho e comunicação com o público. Considerável também para essas decisões, e para o próprio desenvolvimento dos processos criativos, é o peso das questões orçamentárias das exposições, dos custos acarretados pelas necessidades especiais das obras e dos artistas com trabalhos não convencionais, que para algumas instituições são insustentáveis e portanto transferidos à responsabilidade do artista.

É o que normalmente observamos no nosso contexto de Porto Alegre: onde os custos das exposições e qualquer alteração no espaço expositivo ficam por conta dos artistas – como geralmente nos espaços dependentes de verbas públicas, como as galerias da CCMQ, o MAC, a Pinacoteca do IA, as galerias comerciais e espaços institucionais como a Fundação Ecarta –, as paredes brancas aparecem como um reflexo do enxugamento dos custos de produção, mais por praticidade que por uma opção conceitual pelo ‘cubo branco’.

Já em espaços que contam com verbas de patrocinadores ou captados por projetos aprovados em Leis de Incentivo à Cultura – como no Santander Cultural e mostras da Bienal do Mercosul, as manipulações e interferências nos espaços são muito mais presentes. Já no caso da Fundação Iberê Camargo, a força da arquitetura de Álvaro Siza e o conceito implícito na sua concepção é um pouco mais decisivo na forma de ocupação dos espaços, apesar da

maior liberdade com as verbas. Isso não quer dizer que, mesmo em espaços sem recursos, não sejam apresentadas mostras que os transformem de maneira notável, na medida do possível, por um esforço dos artistas em desenvolver seus trabalhos diferenciados e pelo apoio dos responsáveis.

Para compreender o papel dos lugares de exposição, dentro de um sistema complexo como é o sistema das artes, é preciso tentar entrar um pouco mais nas entranhas dos seus bastidores, tentar ver um pouco mais do que querem mostrar. Os discursos se constroem e são divulgados através da fala institucional, das pessoas, dos materiais institucionais, dos sites, dos *releases*, da publicidade – ou da ausência dela[s]. Nas páginas dedicadas à caracterização das instituições, optei pela transcrição dos discursos oficiais, da divulgação que fazem de si mesmos, para trazer à reflexão o questionamento da imagem que as próprias instituições querem passar ao público em geral e ao sistema de artes mesmo.

Alguns se apresentam um tanto ufanistas, como o MARGS, e destacam sua condição histórica, como por exemplo a galeria do Cultural, enquanto a maioria faz um discurso ‘politicamente correto’, utilizando largamente conceitos e lugares-comum aceitos no meio artístico. Os espaços fundados por artistas, como o Subterrânea e o Jabutipê, enfatizam sua intenção de ser lugar de experimentação. Por sua vez, espaços ligados à instituições com ênfase em áreas afins, como o Espaço Cultural da ESPM, já se preocupam em fazer a

divulgação institucional do espaço como mais uma das vantagens encontradas pelos alunos da instituição.

É preciso também analisar os dados obtidos, recolher dados ainda não colecionados, olhar atentamente o material disponível e trabalhar com fatores que nem sempre são passíveis de tabulação. Além disso, há que se considerar o fato de que os dados apresentados em sites ou mesmo materiais de divulgação impressos nem sempre são fidedignos, estando muitas vezes desatualizados, incompletos ou mesmo superestimados.

Isso tudo acrescido ao fato de que temos que levar em consideração as diferenças abissais que existem entre os elementos dessa corrente: existem ‘elos’ robustos, poderosos – mas que também tem as fragilidades ou os ônus próprios da sua condição<sup>46</sup>, como a Fundação Iberê Camargo e o Santander Cultural –, e outros cuja força ou grandeza é só aparente, e não resistem a um questionamento acadêmico-intelectual mais profundo – é o caso das grandes instituições históricas, geralmente públicas, que se mantêm oscilando, através das diferentes administrações, entre momentos de maior superficialidade na busca de prestígio e sustento através de ações de efeito junto à mídia e ao público em geral<sup>47</sup>, e

---

<sup>46</sup> Muitas instituições são mantidas por empresas que pensam seus espaços culturais prioritariamente como negócio, com a administração vinculada diretamente à diretoria de marketing, cobrando metas financeiras e apoiando projetos oriundos de outras dimensões além da estritamente cultural, trabalhando com ênfase no marketing empresarial (venda de imagem/produtos da empresa mantenedora), e menos no marketing cultural da instituição (difusão dos produtos culturais).

<sup>47</sup> O grande desafio enfrentado atualmente *“se trata de una aposta comercial que implica lograr que los establecimientos culturales públicos sean rentables, em la medida en que un requerimiento cada vez más frecuente es el funcionamiento con*

momentos em que a preocupação se volta às questões artísticas e culturais propriamente ditas, e é feita a opção por uma programação que envolva atividades de maior alcance social e de desenvolvimento da cultura e do conhecimento. Outros ‘elos’ são demasiadamente pequenos, e praticamente subsistem por força das capacidades individuais e tenacidade dos administradores responsáveis pelos espaços expositivos, sustentados por motivações também idealistas, uma vez que não lhes é cobrado pela instituição um retorno maior, e suas despesas e projetos são modestos e a longo prazo: funcionam quase como projetos de vida, como é o caso do Museu do Trabalho. Outros misturam condições financeiras e idealismo, como por exemplo a FVCB.

Em Porto Alegre encontramos todas essas espécies de lugares, que se propõem a acolher, estimular, qualificar, difundir, democratizar, comercializar, sustentar, defender, viver de arte contemporânea. Estes lugares têm uma gama de características próprias que os tornam semelhantes e partícipes de um mesmo sistema, mas ao mesmo tempo diferenciam-se como um organismo, cada qual cumprindo a sua função dentro do todo, cada qual com seu peso no circuito, como instância de legitimação.

---

*recursos propios*”. HEINICH, Nathalie. **La Sociología del Arte**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002, p. 55. Em nosso caso, como a condições sociais e o projeto de democratização da cultura impedem a manutenção pela cobrança de ingressos, a solução disponível em nosso meio passa pela obtenção de parcerias e investidores, o que exige a realização de projetos de grande visibilidade na mídia.

Na primeira tabela reuni os dados que podem dar uma caracterização inicial aos lugares, como seu caráter público ou privado, comercial ou não, sua localização geográfica, a dimensão dos espaços expositivos, que via de regra observa-se que corresponde ao porte das instituições. Optei por estabelecer a ordem de apresentação a partir desta última, iniciando do maior ao menor (procurando não considerar o tamanho da instituição com todas as suas atividades, mas apenas a dimensão física dos espaços expositivos).

A tabela segue apresentando os dados quantitativos das exposições realizadas nos espaços no recorte temporal abrangido pela pesquisa – 2009 e 2010 – resumindo a formatação coletiva ou individual e indicando o número de artistas que tiveram seus trabalhos expostos neste período.

Anotei ainda dados sobre a duração das exposições, registrando o número médio de dias que as mostras estiveam em exibição nos espaços, bem como a existência ou não de eventos paralelos a elas. Neste último item, devido à variedade de instituições e exposições constantes do universo da pesquisa, utilizei como critério a existência contínua de atividades envolvendo as exposições e seus artistas. A dimensão destes eventos paralelos difere muito de lugar para lugar, mas considerei a existência de um interesse da instituição em promover sempre acompanhando a exposição alguma espécie de evento, abrangendo debates, oficinas, encontros com os artistas. Foram considerados como a indicação ‘sim’ nos casos de haver desde pelo menos um encontro com o(s) artista(s) em todas as exposições, até os

sofisticados programas contínuos de eventos paralelos às exposições desenvolvidos pelos profissionais especializados responsáveis pelos setores educativos de instituições como o Santander Cultural e a Fundação Iberê Camargo.

Foi indicada a 'não' existência de eventos paralelos quando estes não acontecem ou ocorrem esporadicamente, não sendo pensada na instituição como uma atividade contínua e indispensável do âmbito expositivo.

TABELA 1\_a

	<b>NOME DA INSTITUIÇÃO</b>	<b>CARÁTER INSTITUIÇÃO</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>M<sup>2</sup> ESPAÇOS EXPOSITIVOS</b>
1	Centro Cultural Usina do Gasômetro	Pública - municipal	Centro Histórico	2595
2	Santander Cultural	Assoc civil s/fins lucrativos	Centro Histórico	1870
3	Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli	Pública - estadual	Centro Histórico	1305
4	Fundação Iberê Camargo	Fundação	Praia de Belas	1300
5	Paço Municipal	Pública - municipal	Centro Histórico	702
6	Casa de Cultura Mário Quintana – CCMQ	Pública - estadual	Centro Histórico	390 +2halls
7	Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul	Pública - estadual	Centro Histórico	282
8	Espaço Cultural ESPM	Privada - ESPM	Santo Antônio	245,5
9	Fundação Vera Chaves Barcellos – FVCB	Fundação/priv s/fins lucr	Centro+Viamão	236
10	Pinacoteca Barão de Santo Ângelo – UFRGS	Pública - federal	Centro Histórico	197
11	Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo – CCCEV	Privada - Grupo CEEE	Centro Histórico	174
12	Galeria La Photo	Privada - comercial	Farroupilha	99 +125ext
13	Museu do Trabalho	Assoc civil s/fins lucrativos	Centro Histórico	97
14	Gallery of Arts Dante Sfoggia – ICBNA	Privada - ICBNA	Centro Histórico	96
15	Galeria Bolsa de Arte	Privada - comercial	Floresta	84
16	Fundação Ecarta	Fundação - SINPRO	Centro Histórico	65
17	Instituto Goethe	Privada-ICBA/Goethe Institut	Independência	50
18	Galeria Arte & Fato	Privada - comercial	Bom Fim	36,5
19	Atelier Subterrânea	S/ PJ própria	Independência	36
20	Chico Lisboa	Assoc civil s/fins lucrativos	Cidade Baixa	33
21	Jabutipê	S/ PJ própria	Centro Histórico	30
22	Studio Clio	Instituto - privado s/fins lucr	Cidade Baixa	9
23	Fundação Bienal do Mercosul	Fundação/priv s/fins lucr	Centro Histórico	variável
24	Bienal B	S/ PJ própria	diversos	variável
25	Desvenda Feira de Arte	S/ PJ própria	Cidade baixa	-
26	Azul Produtora Galeria / TV Azul	S/ PJ própria	Internet	-

TABELA 1\_b

EXPOSIÇÕES 2009			EXPOSIÇÕES 2010			DURAÇÃO (média dias)	EVENTOS PARALELOS	
COLETIVAS	INDIVIDUAIS	Nº ARTISTAS	COLETIVAS	INDIVIDUAIS	Nº ARTISTAS			
3	10	105	7	6	46	37	sim	1
2	-	33	1	1	17	75	sim	2
5	3	~140	4	5	+80	a 300/t 53	sim	3
2	5	63	4	2	30	a 180/t 100	sim	4
15	7	~200	7	12	~70	35	alguns	5
5	2	+60	4	2	+60	33	não	6
5	1	+100	6	1	~150	47	não	7
2	4	11	2	5	12	46	sim	8
-	-	-	2	-	59	150	sim	9
5	-	+80	8	-	+180	18	sim	10
4	1	72	3	9	+20	40	não	11
1	1	5	2	2	24+30conv	29	alguns	12
1	3	12	-	5	5	45	sim	13
1	5	5+	2	3	11+184miniart	26	não	14
1	5	7	-	6	6	31	não	15
8	-	60	6	-	28	33	sim	16
2	3	12	-	5	5	32	sim	17
5	6	~35	1	10	24	23	não	18
4	4	42	4	3	26	24	sim	19
5	-	85+	6	-	49	34	sim	20
-	2	2	1	6	8	24	sim	21
-	6	6	-	6	6	41	não	22
7 + 3progr	-	~343	-	-	-	44	sim	23
-	-	-	30	-	~250	54 (total)	sim	24
13	-	127	8	-	127	1	alguns	25
1	2	+5	24	15	+200	-	-	26



## Localização dos espaços expositivos

É notável, e de certa forma compreensível, que a imensa maioria das instituições elencadas encontra-se no centro da cidade, mais precisamente no centro histórico<sup>48</sup>. As exceções a destacar são a Fundação Iberê Camargo, no final do Bairro Praia de Belas, o Espaço Cultural da ESPM no Bairro Santo Antônio, e a Fundação Vera Chaves Barcellos, em Viamão, cidade limítrofe da capital. No caso da galeria da ESPM, é instalado em um dos prédios da Faculdade, o que lhe propicia toda a infra-estrutura necessária em termos de segurança (a localização do espaço dispensa a presença de um funcionário próprio, uma vez que se encontra junto à portaria de acesso do prédio da ESPM e fica constantemente aberto à visita, sob vigilância do funcionário da recepção), manutenção, visibilidade, horários de funcionamento ampliados e a garantia de um público constante formado pelos alunos e professores da Escola que por ali transitam diariamente. Note-se ainda que fisicamente o espaço é limitado por grandes esquadrias de vidro transparente, que transformam o espaço numa vitrine permanente.

---

<sup>48</sup> Denominação oficializada pela Lei 10.364, em 22/01/2008. A partir de agosto/2008 os correios passaram a utilizar esta nova forma de nomear a área central de Porto Alegre, onde está cerca de 80% do patrimônio tombado no município. Observa-se que a maioria das instituições ainda não explora esse atrativo na sua divulgação (à exceção das que tem mais efetivo o seu marketing institucional).

A Fundação Iberê Camargo teve o novo prédio<sup>49</sup> instalado em área cedida pela administração pública, em um local que é cartão postal da cidade, e teve essa condição em muito aumentada pela presença do prédio, que é um importante monumento arquitetônico de destaque internacional, desde o projeto premiado, concebido pelo arquiteto português Álvaro Siza. Este local não se caracteriza por ser uma área de trânsito de pedestres, e não é bem servido de transporte público, o que dificulta a chegada do público flutuante ou ocasional, que freqüenta normalmente os museus e centros culturais localizados no centro da cidade, por onde passa diariamente e nos finais de semana em busca de entretenimento.

Mas apesar do mito de que a Fundação está fora do circuito do centro histórico e por isso não teria os níveis de visitação condizentes ou esperados, os números (a Fundação é um dos poucos espaços de Porto Alegre que realiza um controle efetivo do número de visitantes) contradizem essa impressão: em outubro de 2010 a instituição recebeu seu visitante número 200.000, desde a inauguração maio de 2008. O setor educativo tem o agendamento de visitas totalmente preenchido, a não ser em alguns horários específicos no início ou final do dia, que não são muito procurados, e não tem como ampliar o número de pessoas atendidas por motivos físicos (o espaço de exposição não comporta a recepção de mais grupos ao mesmo tempo de forma adequada). A Fundação dispõe de ônibus especial para transporte de grupos de escolares para as visitas agendadas junto ao projeto educativo.

---

<sup>49</sup> E sua antiga sede já não se encontrava no centro da cidade, mas localizava no bairro Nonoai, na zona sul, na última residência /atelier do artista.

Já a Galeria Bolsa de Arte está em endereço nobre, próximo ao centro mas não **no** centro, e, como é próprio para uma galeria comercial, está instalada junto aos seus freqüentadores ou prováveis consumidores do seu produto. Destaca-se ainda, com relação à localização dos espaços na geografia urbana, a situação da Fundação Vera Chaves Barcelos, que tem sua sede e arquivos de documentação no centro de Porto Alegre, e sua sala de exposições em Viamão – e tem se utilizado de parcerias com instituições localizadas no centro de Porto Alegre para eventos paralelos, nos quais é oferecido transporte especial para a visita à exposição.

Os demais espaços que não se localizam no centro têm suas instalações nos bairros contíguos, de “fácil” acesso, se considerarmos as condições de Porto Alegre, cujo “centro” não é geométrico – e está localizado numa ponta que se projeta no rio em direção ao oeste, expandindo-se a partir daí para o leste em forma de leque –, e cujo sistemas de transporte público e privado e o sistema viário estão longe de ser considerados satisfatórios. Neste aspecto, a falta de estacionamentos é quase sempre mais um problema a ser administrado.



Mapa de localização das instituições

## **Exposições: número, quantidade de artistas, duração**

A função primeira de todos os lugares analisados aqui é a exposição de arte – e arte contemporânea, cujas definições já citamos anteriormente, restando que se refere à produção entre meados do século passado até a arte que está sendo produzida hoje. Os objetos de análise estão destacados em função dessa atividade de espaço de exposição, e uma primeira abordagem dos dados levantados nos dá uma perspectiva de análise no que tange à quantidade de exposições. Podemos relacionar o número de exposições com a tipologia (individual ou coletiva – considerando aqui coletiva quando tem obras de dois ou mais artistas) e portanto com o número de artistas envolvidos.

Observa-se que um maior número de exposições não significa mais ação, maior evidência no sistema ou espaço para a divulgação do trabalho de um maior número de artistas. Na tabela e nas listagens de exposições apresentadas anteriormente, vemos que as mostras coletivas caracterizadas por um grande número de obras e artistas tendem a distorcer os resultados numéricos.

Por exemplo, as exposições coletivas organizadas pela Chico Lisboa em parceria com outras galerias, como os projetos Miniart na Cultural Gallery ou Arte+Arte na CCMQ, tem como característica a inclusão de todos os associados em dia com a anuidade que se inscreverem para participar – o que funciona também como forma de fidelização e garantia da manutenção da entidade, que obtém seu sustento através da verba de contribuição dos

associados e outros eventos beneficentes<sup>50</sup>. Também crescem a contagem do número de artistas que têm sido exibidos no circuito de exposições de Porto Alegre as grandes mostras coletivas promovidas pelas instituições de grande porte, que apresentam, na maioria das vezes, artistas de fora, ou ainda exposições de acervo (exceto na Fundação Iberê Camargo, cujo acervo se concentra num só artista: os demais acervos constituídos na cidade têm por característica a pluralidade de artistas).

As coletivas dos formados no curso de Artes Visuais, realizadas a cada semestre na galeria da Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS, também incrementam os números totais. Percebe-se também uma tendência ao surgimento de exposições de coletivos ou artistas que se reúnem apenas para uma determinada exposição, sendo que lugares como a Ecarta dão preferência explícita à seleção de grupos, ainda que pequenos, para as suas mostras.

Ao refletirmos sobre essa tendência, essa preferência pelos coletivos ou mostras coletivas, percebemos que estes não necessariamente existem compartilhando as mesmas motivações. Em alguns casos, como as mostras dos formandos da UFRGS, trata-se de uma solução prática, uma vez que a utilização da galeria para mostras individuais de todos os

---

<sup>50</sup> Como a coletiva beneficente 20 x 20, promovida anualmente pela Chico Lisboa na Galeria Bolsa de Arte, que tem apresentado em média 200 artistas, que doam uma obra para ser vendida em leilão de parede por R\$ 100,00. Na tabela, esta mostra não está computada na contagem dos artistas apresentados pela Galeria, pois haveria uma descabida distorção do resultado – que passaria de 6 artistas para 206. No caso da Miniart e Arte+Arte, o número de artistas está apresentado em separado na planilha.

artistas graduados a cada semestre (como exigiria a igualdade de acesso aos espaços na universidade pública) fica inviabilizada pela agenda de eventos que a galeria deve comportar. Em outros casos, a preferência por exposições coletivas pode estar refletindo a tendência, que vem se consolidando já a algum tempo, de organização dos artistas em parcerias para projetos temporários por afinidades ou, ainda, em coletivos de trabalho, como forma de superar, através da colaboração mútua, as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, do financiamento para a execução dos projetos, da manutenção dos ateliers e espaços de trabalho, e da necessidade de uma maior interação dos artistas entre si.

Por outro lado, a atuação dos curadores dos espaços ou curadores independentes pode se mostrar de forma mais contundente nas exposições coletivas, que exigem essa figura do curador especialmente na função de construir a narrativa e alinhar o fio condutor entre as obras e as produções de diferentes artistas. Mas em alguns espaços, como o Instituto Goethe, por exemplo, as exposições selecionadas no concurso em 2010 foram todas propostas individuais. Também no Museu do Trabalho observamos essa predominância de exposições de um único artista.

Os eventos periódicos, como as Bienais ou ainda as feiras e mostras alternativas caracterizam-se também pela abertura a uma grande quantidade de artistas. No caso da Bienal B, como a criação e produção das exposições está a cargo dos artistas e os espaços

são escolhidos livremente (em média 30 espaços, públicos e privados, com exposições coletivas), o número de participantes é expressivo (atingindo cerca de 250 artistas nesta última edição de 2010, a terceira realizada), e o evento é significativo como espaço aberto especificamente ao artista local, tendo surgido como um contraponto à Bienal do Mercosul.

É interessante, como observa Gaby Benedyct, criadora do evento e organizadora da primeira edição, verificar que quantitativamente as possibilidades de espaços expositivos que se abrem à proposta crescem diariamente, “sejam espaços institucionais legitimados pelo circuito ou os alternativos, instituídos pelos próprios artistas.” Quanto aos aspectos qualitativos, nota-se que muitos espaços públicos passam por “graves problemas de manutenção e articulação”. A artista comenta ainda que a Bienal B foi criada com um conceito de liberdade e inovação, não para reproduzir os modelos vigentes, mas para ser um espaço onde o artista “deve assumir o seu protagonismo, ir à luta por seu público corpo a corpo e acreditar em ações localizadas.”<sup>51</sup>

Exatamente nesse ponto centraram-se as críticas à organização da 3ª edição da Bienal B, em 2010, por instituir edital com possibilidade de inscrição somente de coletivos, curadoria de seleção e outras exigências, aproximando-se de certa forma aos modelos existentes de acesso aos outros salões e editais de ocupação de espaços expositivos. E é

---

<sup>51</sup> “Para uma Bienal diferente é necessário atitudes diferentes. Se o artista entra para a Bienal B esperando que as coisas aconteçam sem que ele ponha a mão na massa da divulgação e da construção de diálogo com o público, ele vai se frustrar.” Depoimento de Gaby Benedyct à autora em outubro/2010.



notável que, embora tenha conseguido aprovar projeto e obter o benefício da Lei Rouanet, não conseguiu fazer a captação dos recursos. É um fato cujas causas merecem uma melhor reflexão. Como a Bienal B está em andamento, somente posteriormente teremos distanciamento para avaliar os resultados do evento e suas perspectivas de continuidade. O certo é que marcou de alguma forma a cena das artes em Porto Alegre e tem reunido um grande número de artistas.

Por sua vez, a Bienal do Mercosul tem abrangência muito mais ampla, uma vez que está inserida no circuito internacional de Bienais, mas a presença de artistas brasileiros é significativa<sup>52</sup>. Apesar das queixas constantes quanto ao pouco espaço oferecido ao artista local (de Porto Alegre ou do Rio Grande do Sul) na Bienal, mostras e atividades desenvolvidas dentro do projeto pedagógico com inscrição livre para seleção de trabalhos e residências artísticas abriram mais espaço à participação de artistas locais.

As instituições que se caracterizam por poucas exposições ou muitas exposições nem sempre têm os mesmos objetivos ou motivos. Verifica-se que existem e convivem duas posturas, duas propostas: menor número de exposições com mais tempo, como no Santander, FVCB, ou ainda ESPM e Museu do Trabalho, ou maior rotatividade de exposições

---

<sup>52</sup> As mais de 300.000 pessoas que visitaram a 7ª bienal em 2009 puderam apreciar 7 exposições, o projeto pedagógico, o programa editorial e de comunicação, o sistema de rádio e diversos programas culturais dentro e fora dos espaços expositivos. Participaram 338 artistas de 29 países, sendo cerca de 180 brasileiros, além dos participantes das residências e outros eventos educativos.

por um período menor, como a Artefato e o Jabutipê. O discurso simplificado de que mais exposições promovem um maior intercâmbio entre os artistas e o público não se sustenta quando consideramos que, quando se adota a estratégia de oferecer exposições mais longas com coletivos, abrangemos um grande número de artistas.

No entanto, há a questão de que, nas mostras coletivas, temos uma pequena pincelada do trabalho do artista, geralmente uma obra, o que não seria suficiente para conhecê-lo, mas apenas para despertar a curiosidade a respeito de seu trabalho. Algo diferente ocorre quando se trata de coletivos, nos quais a obra é o conjunto das produções dos componentes em relação.

Um outro aspecto a destacar a respeito da quantidade de exposições é o fato de que muitos lugares expositivos não mantêm uma frequência constante de visitação e a grande movimentação se dá nos *vernissages*, que são verdadeiros momentos de encontro e confraternização da comunidade artística local. Uma rápida observação dos livros de assinaturas de visitantes das exposições (que por vezes são as únicas, mas quase nunca corretas, fontes de informação registrada sobre esse dado) nos revela essa realidade. Assim sendo, mais exposições = mais *vernissages* = maior movimentação de público é uma equação que funciona para muitos dos pequenos e médios espaços expositivos de Porto Alegre. E neste aspecto, exposições coletivas tem a vantagem de multiplicar a frequência de público, pois esta é potencializada pelas redes de relacionamento dos artistas participantes.

Ainda podemos refletir sobre os intervalos entre as exposições, os tempos destinados às montagens e reorganização dos espaços, a cedência de espaços expositivos para outras atividades. Inúmeras instituições não preenchem todo o tempo disponível com exposições, optando por um calendário mais folgado e mesclando com outros eventos culturais e em parcerias com outras instituições e eventos da cidade. Outras seguem um caminho mais individualizado, com uma programação cheia em função da ocupação máxima de sua capacidade expositiva – o que varia muito de acordo com as condições específicas de cada lugar, como o seu agenciamento de verbas e as possibilidades da equipe que opera o espaço.

Ficam então as questões: Faz-se poucas exposições porque se tem poucos recursos? Porque se quer ter qualidade e não quantidade? Seria desejável termos exposições que permaneçam por mais tempo para que a afluência de público seja maior, de forma que possam ser melhor fruídas, que a exposição possa ser visitada mais de uma vez? E o que faz com que a exposição tenha grande afluência de público? O investimento na qualidade ou a publicidade? Os exemplos estudados nos dão pistas para respostas que revelam diferentes enfoques, e resultados também diferenciados. A afluência de público escolar nas instituições que tem seus projetos educativos voltados a este público ampliam os números e distorcem os resultados, em relação àquelas que direcionam seus eventos prioritariamente ao público do próprio sistema das artes, interessando-se pela frequência dos pares na exposições. O fato é que muito se ouve entre os freqüentadores de espaços expositivos que não houve

tempo para se visitar tal e qual exposição, mesmo considerando-se que Porto Alegre tem uma agenda de eventos bem mais restrita que capitais outras capitais brasileiras, como São Paulo, por exemplo – se bem que fica difícil traçar paralelos entre situações tão diferenciadas de população e renda.

No âmbito das galerias comerciais, a rotatividade das mostras é indispensável para a circulação de clientes e incremento das vendas. No âmbito das grandes instituições que trabalham com mega-exposições, todo o aparato e investimento – financeiro e logístico – mobilizados com um evento de grande porte só se viabiliza com a contabilidade de números expressivos de público, uma vez que os patrocinadores exigem este retorno.

Ao examinarmos os dados referentes à quantidade de artistas participantes das mostras em relação ao tamanho dos espaços expositivos, pensamos no espaço físico que o artista **necessita** para apresentar o seu trabalho em comparação ao que efetivamente **dispõe**, e o que é mostrado, e de que forma se consegue fazê-lo. Isso é extremamente variável, tanto quanto inúmeros são os modos de manifestação da arte contemporânea, desde o espaço necessário em uma parede para expor um tradicional quadro de porte médio até as instalações e outras formas que necessitam de muito mais espaço para acontecer no mundo. As limitações aos artistas na maioria dos espaços oferecidos em nosso meio são grandes, e os números fazem pensar: por exemplo, como comparar os 1870m<sup>2</sup> do Santander, utilizado para 33 artistas durante todo o ano de 2009 e 17 artistas em 2010, com

outros espaços, como os modestos 33 m<sup>2</sup> da Chico Lisboa, que abrigou obras de 85 artistas em 2009 e 41 em 2010. Ou com a galeria da Pinacoteca do IA, que tem os seus 197 m<sup>2</sup>, repartidos, a cada ano, entre mais de 50 de alunos formados, além do restante da programação (mostras de vídeo experimental, do acervo e outras). Entrecruzando ainda esses dados com outros elementos da questão, como o prazo médio de duração das mostras, encontramos situações de muito espaço e muito tempo para alguns poucos artistas, contrastando com a situação inversa em outros. E encontramos também situações intermediárias, onde espaços médios acolhendo mostras individuais por um período médio de 45 dias.

Enfim, as reflexões se expandem *ad infinitum* como as possibilidades de cruzamento dos dados e referências com outras informações, propondo outras comparações – entre situações que são muitas vezes ‘incomparáveis’ –, como os dados de público visitante, que, por exemplo no Santander, em algumas exposições, chega a uma média de 1200 pessoas por dia. Afinal, quais seriam os números desejáveis? Não temos a definição de um parâmetro ideal ou padrões para analisar estas variáveis, não há algo que garanta, por si só, o status de um lugar. Percebemos que o reconhecimento, a credibilidade e peso que o lugar expositivo ocupa no sistema provem muito mais do equilíbrio das variáveis na busca de situações que favoreçam o artista, a produção e a comunicação da arte, enquanto que deficiências ou limitações graves de algum espaço podem ser superados por um ótimo desempenho em outros itens.

Nesta etapa da pesquisa não entrei nos detalhes de dados a respeito dos artistas – currículos, formação, tempo de carreira –, mas ao percorrer os convites e as listagens dos artistas participantes das exposições, no registro da quantidade em cada mostra, pude verificar que os artistas locais em sua imensa maioria, e notadamente os mais jovens, têm passagem por instituições de ensino superior de arte, destacando-se os alunos do Instituto de Artes da UFRGS, seja da graduação ou da pós-graduação.

Também é efetiva a presença de egressos de outras instituições de ensino superior de arte ou áreas afins, tais como design, arquitetura ou comunicação. Em nosso meio, o artista simplesmente autodidata ou sem formação não é a regra, mas a exceção. Quando nos detemos a observar as instituições que tem por ênfase a abertura de espaços a novos artistas, como o Museu do Trabalho, os espaços expositivos experimentais, como o Jabutipê, ou ainda os lugares criados por iniciativa de artistas, como a Subterrânea, há uma presença maciça de artistas com formação universitária e de exposições geradas a partir de – ou sendo os próprios – projetos de pesquisa. Isto contribui sem dúvida para o fortalecimento do sistema, pois, pelo menos é o que se espera, artistas com formação institucional devem estar mais preparados para lidar com as questões problemáticas de suas carreiras e com a nem sempre tranqüila relação com o sistema existente.

TABELA 2\_a

	<b>NOME DA INSTITUIÇÃO</b>	<b>CURADORIA</b>	<b>VERBAS/fonte de recursos</b>
1	Centro Cultural Usina do Gasômetro	Dir/CAP/CoordVideo	Estado/Capt. Projetos Culturais
2	Santander Cultural	Superint/Conselho	Santander/Capt.Proj. Culturais
3	Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli	Direção/Convidados	Estado/Capt. Projetos Culturais
4	Fundação Iberê Camargo	Conselho/Sup. Cult	Cap. Projetos Culturais/Patroc.
5	Paço Municipal	CAP-SMC	Prefeitura/Projetos
6	Casa de Cultura Mário Quintana – CCMQ	Dir/IEAV-MAC/Conv	Estado/Patroc. Banrisul/Proj
7	Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul	Dir/Convidados	Estado/Patroc. da CCMQ
8	Espaço Cultural ESPM	Coord/Convidados	ESPM
9	Fundação Vera Chaves Barcellos - FVCB	Pres/Cons/Dir/Conv	Fund/Captação Projetos Cult.
10	Pinacoteca Barão de Santo Ângelo – UFRGS	Coord/ Convidados	UFRGS
11	Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo – CCCEV	Coord/Convidados	CEEE/Projetos
12	Galeria La Photo	Proprietárias	Taxa ocup. / %vendas
13	Museu do Trabalho	Coordenador Museu	Consórcios / oficinas / teatro
14	Gallery of Arts Dante Sfoggia – ICBNA	Dir. Cultural / Conv	ICBNA
15	Galeria Bolsa de Arte	Proprietária	Taxas / % vendas
16	Fundação Ecarta	Ger.Artística / Conv	SINPRO/RS
17	Instituto Goethe	Dir/Prog.Cult./Conv	Gov.Alemão/Patrocinadores
18	Galeria Arte & Fato	Proprietário	% vendas
19	Atelier Subterrânea	Artistas-prop/convid	Captação proj. cult/ações exp.
20	Chico Lisboa	Dir. Cultural / Conv	Anuidades associados
21	Jabutipê	Artista-proprietário	Recursos próprios PF artista
22	Studio Clio	Curadores	Ações Inst/Parcerias/Vendas
23	Fundação Bienal do Mercosul	Dir/Cons/Convidado	Patroc. / Captação Proj Cult
24	Bienal B	Organizadoras	Artistas/ não obteve patroc.
25	Desvenda Feira de Arte	-	-
26	Azul Produtora Galeria/TV Azul	Administradora	Pessoais

TABELA 2\_b

RECURSOS ESPAÇO EXPOSITIVO	MATERIAL EDUCATIVO / CONVITE / CATÁLOGO	
variável cfe. a coordenação a que está vinculada	não produz mat. educativo/fornece convites	1
disponíveis/providenciados cfe.necessidade dos projetos	rico material educativo/catálogos/impressos e mídias	2
disponíveis/providenciados cfe.necessidade dos projetos	não produz mat. educativo/catálogos cfe. projetos	3
disponíveis/providenciados cfe.necessidade dos projetos	rico material educativo/catálogos/impressos e mídias	4
painéis/apoio montagem	fornece convites / divulgação coord.eventos	5
variável cfe. a administração a que está vinculada	não produz mat. educativo	6
apoio montagem	não produz mat. educativo	7
3 computadores / projet. e demais equip. fornec. ESPM	não produz mat. educativo/ fornece convites	8
disponíveis/providenciados cfe.necessidade dos projetos	produz material apoio/catálogos/demais mídias	9
01 projetor e 01 DVD/apoio montagem	catálogos UNIARTE	10
apoio montagem	não produz mat. Educativo / cfe. projeto	11
área externa	cfe. projetos / patrocínios / financ. pelo artista	12
montagem/abertura	convites (artistas convidados) / divulgação site	13
apoio montagem/adesivos	convite virtual	14
providenciados cfe. necessidade dos projetos	não produz mat. educativo / cfe. projeto	15
abertura	convites	16
providenciados cfe. necessidade dos projetos	produz material apoio/catálogos/demais mídias	17
03 módulos/montagem	não produz mat. educativo /convite virtual	18
03 módulos	divulgação site / + cfe. projeto captação	19
01 TV e 01 DVD/montagem	convites	20
abertura	texto crítico / divulgação no site	21
montagem básica/abertura/equip. vídeo/som	convite virtual / divulgação site/info	22
providenciados cfe. necessidade dos projetos	rico material educativo/catálogos/impressos e mídias	23
cfe. a instituição que acolhe a mostra	por conta dos artistas	24
-	divulgação blog	25
1 filmadora/1 máq. fotográfica/01 notebook	textos public. no site	26

Obs.: Todos os espaços utilizam seus *mailings/sites/blogs* para a divulgação das exposições atuais.



## **Espaços expositivos: materialidade e recursos**

Quanto à configuração física dos espaços expositivos, as salas que encontramos em Porto Alegre apresentam-se como ambientes normalmente despojados, de formas simples, com tratamento das paredes com algum tipo de revestimento especial (para suportar as furações e outras intervenções necessárias para expor as obras de parede ou fixação de outros tipos de obras), o piso normalmente acompanhando o restante da edificação onde se encontram, ou seja, o modelo de paredes e forro brancos e piso em tacos de madeira é muito recorrente, principalmente quando o espaço expositivo está em uma edificação mais antiga (como na Ecarta ou Pinacoteca do IA). Já nas edificações mais novas (como a Fundação Iberê e o Instituto Goethe), ou quando houve reforma ou restauração (como em algumas salas na CCCEV), a opção é para os pisos preferencialmente mais neutros, ainda que seja utilizada a madeira ou laminado. O sistema de iluminação especial para a exposição normalmente é singelo e está acrescentado de forma independente, com o uso elementos móveis, que permitem a adaptação às diversas necessidades de cada mostra.

Lembrando o já apontado problema das generalizações e as disparidades entre as instituições analisadas, podemos dizer que muitos dos espaços disponibilizados para exposições, mesmo que tenham um bom conceito dentro do meio artístico, ainda não oferecem maiores recursos aos artistas. Na maioria dos lugares, qualquer equipamento ou elemento necessário para as montagens, seja tecnológico ou não, tem que ser

providenciado pelo artista – principalmente quando a iniciativa pela exposição é dele. Normalmente não há equipamentos disponibilizados pela instituição e não há verbas desse tipo de despesa, como aluguel de equipamentos de projeção ou iluminação especial – não é o caso da galeria da ESPM, que é um exemplo positivo no que se refere a essa questão, pois dispõe de equipamentos próprios do espaço expositivo, e ainda utiliza, quando necessário, equipamentos solicitados à Escola.

A situação muda bastante no caso do convite ter partido da coordenação do espaço, e em muitos casos, a instituição, mesmo que disponha de recursos limitados, trata de assumir as despesas especiais em função do interesse em apresentar determinado artista ou exposição e assim também valorizar seu espaço – é também um equilíbrio de interesses. Este panorama de escassez de recursos ocorre na maioria dos lugares na esfera pública e é conhecido por toda a sociedade, devido à divulgação por meio dos veículos de comunicação, sendo um assunto recorrente na mídia. Normalmente, não há verbas consideráveis, ou suficientes, destinadas à cultura, para a manutenção dos espaços de museus e centros culturais, equipes e infraestrutura – então muitos itens são constantemente transferidos para o artista, que arca com o ônus, como se fosse o único interessado em fazer existir a exposição.

Quanto às instituições particulares, observa-se que a realização dos eventos é proporcional ao potencial de recursos disponibilizados para esta atividade – que em alguns

casos é mínimo (só garante uma simples recomposição da sala ao seu estado normal, anterior à exposição), e do interesse que tem em investir na existência e consolidação do seu espaço de exposições. Isso varia de acordo com a importância que o espaço deve ter como alavancador das outras atividades culturais do lugar – seja pelo afluxo de público, seja pela divulgação dos eventos na mídia, e a possibilidade de marcar a imagem do lugar como referência em termos de arte e cultura na cidade, na região, enfim, no sistema global das artes e da cultura.

A situação fica mais favorável quando a exposição está organizada com recursos captados em leis de incentivo à cultura, do âmbito federal, estadual ou municipal, pois os orçamentos aprovados incluem todos os itens necessários para o bom andamento dos trabalhos, e a captação deve cobrir todas as despesas. Isso ocorre tanto quando as exposições são de iniciativa dos artistas, que buscam mecanismos como o Fumproarte para viabilizar suas exposições, como quando são promovidas pelas instituições. Grandes instituições como a Fundação Iberê Camargo e Santander trabalham com toda a sua estrutura financiamento baseado na captação de recursos de seus patrocinadores através da renúncia fiscal, não só para os espaços expositivos, mas para os seus eventos e projetos culturais.

## **Aspectos curatoriais, ação educativa e comunicação**

Quanto aos aspectos curatoriais, também é bastante diversa a forma de condução e da programação nos espaços da cidade. Em espaços menores a médios se desenvolve com um caráter maior de personalidade, centrado na atuação dos responsáveis pela coordenação dos espaços expositivos, que, uma vez designados pela direção da instituição para a condução das atividades, na maioria das vezes tem total independência na gestão dos seus projetos curatoriais. Aparecem assim dois papéis de curadoria, que em muitos casos podem estar concentrados na mesma pessoa: o curador do espaço e o curador da exposição propriamente dita. O primeiro trata de estabelecer os critérios de seleção do que é apresentado, o perfil do espaço e o enfoque desejado. Relaciona-se com os artistas e outros curadores, estabelece parcerias com outras instituições e dá andamento aos projetos curatoriais – que envolvem exposições e as atividades correlatas – com o forte cunho pessoal. O segundo, o curador da exposição, ou é convidado pelo responsável do espaço a criar uma mostra dentro das linhas gerais da proposta do lugar, ou vem acompanhando o trabalho dos artistas ou grupos selecionados e atua na formatação das exposições propriamente ditas.

Quando o porte da instituição é maior, normalmente há mais instâncias envolvidas nas decisões curatoriais, sendo constituídos conselhos curatoriais que tomam as decisões que vão definir a linha de atuação da instituição, propondo seus projetos, eventos e ações

culturais, ou aprovando projetos recebidos de terceiros. Os espaços privados grande porte tem seus objetivos e projetos curatoriais voltados à inserção no sistema de artes num âmbito internacional. O MARGS, por ser instituição pública, assim como a CCMQ, se mantém um pouco mais vinculado aos aspectos da cultura regional – além de desenvolver uma série de outras atividades de cunho local na instituição, é um reflexo das políticas governamentais na área da cultura.

Há também alguns lugares que se caracterizam pela condução coletiva dos espaços expositivos, onde todos do grupo ou uma equipe específica discute e decide conjuntamente os ‘destinos’ do espaço, escolhendo as propostas que serão desenvolvidas no próximo período, como é o caso do Atelier Subterrânea e da Chico Lisboa. Os espaços que carecem de um projeto curatorial mais organizado e desenvolvem seus trabalhos dentro de uma linha menos firme, conduzida mais ao sabor das oportunidades que aparecem do que de uma intenção potencial de ativação cultural e instrumento de reflexão, tendem a perder o seu prestígio dentro do sistema. Não há mais lugar para o curador “entendido como um mero organizador de exposições, como tem sido amplamente empregado, entendido e praticado”, como explica Cristina Tejo, mas sim para “o indivíduo com capacidade crítica de reposicionar

o nosso entendimento sobre a arte num *tour de force* intelectual, espacial e visual”<sup>53</sup>. Onde isso falta no sistema das artes, salta-nos aos olhos.

Da mesma forma se destaca no meio a atuação de instituições que desenvolvem, em consonância com a programação de exposições, uma gama de ações, geralmente denominadas projetos educativos ou pedagógicos<sup>54</sup>. Com equipes organizadas, numerosas e atuantes, ou com a ação de apenas um ou mais dedicados condutores da proposta educativa do lugar, uma grande parte dos espaços expositivos desenvolve como atividade rotineira, acompanhando as exposições, um trabalho de construção de conhecimento além da exposição, promovendo atividades paralelas que propiciem um melhor conhecimento a respeito do que está sendo mostrado. O contato do artista com o público, debates e atividades educativas acontecem em quantidade significativa, embora nem sempre a presença de público corresponda às intenções dos promotores. Mais uma vez, faço o registro que é difícil comparar um programa educativo de Instituições como o Santander Cultural, a Fundação Iberê Camargo, a Fundação Vera Chaves Barcelos, com as tímidas

---

<sup>53</sup> TEJO, Cristina. Não se nasce curador, torna-se curador. In RAMOS, Alexandre Dias (org.). **Sobre o Ofício do Curador**. Porto Alegre: Zouk, 2010.

<sup>54</sup> Esta nomenclatura por vezes induz o público em geral a uma compreensão indevida das questões desenvolvidas pelos setores educativos, como ‘coisa de criança, para escolares’, pois traz conotações que remetem a um antigo modelo de ensino vertical, onde a relação de produção de conhecimento se dava de ‘cima para baixo’, um modelo de frequência à museus e exposições para apreender um conhecimento processado, decodificado e transmitido ao público, que hoje já está superado, embora ainda permaneça em vigência em muitas instituições museológicas. “Talvez a mais significativa mudança que ocorreu não foi na natureza dos museus, mas no conceito de educação” HEIN, Hilde S. **The Museum in Transition. A Philosophical Perspective**. Washington: Smithsonian Books, 2000, p. 116. “*Perhaps the most significant change that had occurred was not in the nature of musums, but in the concept of education.*”

iniciativas dos pequenos lugares que promovem encontros em todas as exposições. Cada um cumpre um papel diferente no sistema.

Assim como diferem também as condições no que se refere ao material que acompanha as exposições e o material de divulgação em geral. Hoje, com o auxílio de equipes de profissionais especializados, verbas previstas nos projetos textos, tem havido um impulso na qualidade dos catálogos, publicações e material educativo produzido. Se até pouco tempo os catálogos só podiam ser produzidos com imagens referenciais de outras obras dos artistas, pouco trazendo dos aspectos específicos da exposição<sup>55</sup>, hoje já podemos contar com a produção de catálogos lançados na abertura das mostras onde já aparecem imagens das obras no espaço expositivo, constituindo um registro de maior qualidade e fidedignidade sobre a exposição e dando maior destaque à realidade do espaço expositivo. Isto já é uma realidade em nosso meio, como acontece na Fundação Iberê Camargo. Este, assim como o Santander Cultural e a galeria da Pinacoteca do IA (via projeto Uniarte/Departamento de Difusão Cultural/Pró-Reitoria de Extensão/UFRGS), são

---

<sup>55</sup> “Catálogos eram pobres registros de exposições porque eles eram normalmente produzidos semanas antes da abertura; e os críticos contemporâneos geralmente descreviam exposições de uma perspectiva subjetiva, estando mais interessados num julgamento genérico do que num relatar em detalhes.” GRASSKAMP, Walter. To Be Continued: Periodic Exhibitions (Documenta, for example) *In Tate Papers*, Landmark Exhibitions Issue, 12, Autumn 2009. Disponível em <<http://www.tate.org.uk/research/tateresearch/tatepapers/09autumn>> acesso em 20.ago.2010. “*Catalogues were poor records of exhibitions then because they were normally produced weeks before the opening; and contemporary critics generally described exhibitions from a subjective perspective, being more interested in judging in general than in reporting in detail.*”

extremamente cuidadosos com a produção dos catálogos, que deve seguir um modelo específico de projetográfico, correspondendo a uma identidade visual da instituição.

Quanto aos textos, críticos ou de apresentação, há muito estão incorporados como elementos indispensáveis acompanhando as exposições, pela maior facilidade técnica e barateamento deste tipo de recurso. Título da exposição e breve texto adesivados na parede hoje fazem parte do modelo de produção de qualquer exposição com uma montagem minimamente profissional.

Incomodado com o modelo abstrato de muitos textos que rotineiramente acompanham as exposições, geralmente constando de uma teorização sobre as obras, o artista ou sua trajetória, o Jabutipê estabeleceu uma substituição do texto curatorial pelo formato de texto crítico a respeito da exposição, privilegiando o ponto de vista do crítico observador, a partir da experiência no espaço expositivo: o combinado é que os textos de cada mostra sejam elaborados somente a partir da visita à exposição montada, e que o foco seja a crítica da exposição. A comunicação se faz através da publicação no site do atelier. E por falar em site, é evidente a adesão dos participantes do sistema – artistas e instituições – aos meios tecnológicos disponíveis através da publicação de documentos, fotos e divulgação e, bem importante, registro de eventos nas mais variadas mídias sociais, blogs, sites, flickr, facebook, twitter, etc. A facilidade de manejo e a gratuidade de grande parte da tecnologia disponível em termos de comunicação fazem com que passe a ser



incorporada pelo meio artístico, proporcionando também na arte a agilidade de comunicação e as trocas que nossa sociedade já se acostumou a utilizar cotidianamente. E a Internet globaliza essa comunicação, permitindo que com a mesma facilidade acessemos a uma exposição na Europa ou Estados Unidos, e conhecer o que está em exibição na Saatchi e Bial B. Mas, apesar disso, é importante ressaltar que muitos ainda não utilizam bem essa poderosa ferramenta, seja por motivos institucionais – o controle dos sites institucionais é grande e está centralizado em uma instância superior e distante da realidade e necessidades locais (como o Santander Cultural e a ESPM), ou por falta de interesse ou condições dos funcionários responsáveis.

Hoje a exposição não é mais um ato isolado, talvez não seja nem mesmo o principal, mas um dos itens de um conjunto de ações desenvolvidas nos espaços expositivos. Hooper-Greenhil afirma que:

“no museu modernista expor era a maior forma de comunicação (...) No pós-museu, a exposição se tornará uma entre muitas outras formas de comunicação. A exposição formará parte de um núcleo de eventos que terão lugar antes e depois da mostra ser montada. (...) A produção de eventos e exposição como processos dinâmicos conjuntos permite a incorporação no museu de muitas vozes e muitas perspectivas.”<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> HOOPER-GREENHILL. Eilean. **Museums and the Interpretation of Visual Culture**. London: Routledge, 2000, p. 152. *“In the modernist museum display is the major form of communication. (...) In the post-museum, the exhibition will become one among many other forms of communication. The exhibition will form part of a nucleus of events which will take place both before and after the display is mounted. (...) The production of events and exhibitions as conjoint dynamic processes enables the incorporation into the museum of many voices and many perspectives.”*

Em nosso meio, esta consciência vem aos poucos tomando corpo. E se as instituições existentes não propiciaram esses espaços, mais abertos a esse processo dinâmico conjunto entre expor e discutir, experimentar, polemizar e partilhar experiências para todos os artistas, mas apenas para um seleto grupo de elite, a forte demanda de uma produção jovem acaba por canalizar-se na abertura de diversos espaços ditos alternativos. Como produção artística, ação efetiva e iniciativa dos próprios artistas, diversos espaços expositivos têm surgido em Porto Alegre a partir de *ateliers* que são pensados como atelier-galeria, espaços múltiplos onde os processos acontecem, são mostrados e discutidos. Alguns permanecem por um tempo e encerram as atividades, outros vem construindo uma história mais consolidada no panorama das artes. Um exemplo de sucesso é o Atelier Subterrânea.

### **Sobre o mercado**

A questão da comercialização circula o tempo todo entremeada às discussões sobre o sistema de artes, embora ela fique um tanto apagada quando se dá uma ênfase acadêmica. O fato é que o sonho de todo artista é poder desenvolver as suas pesquisas, ser um profissional respeitado e conquistar o direito de trabalhar e viver do seu trabalho. Mas como vender, como sustentar os projetos idealistas de experimentação, quando eles não produzem algo com valor de mercado? Note-se que há muitas formas de construir o valor de mercado de uma produção artística, além da simples compra e venda de obras, mas há um

longo trabalho, paralelo à produção, que deve ser desenvolvido para acessá-las. Um artista pode ter suas obras valorizadas e a consolidação de sua carreira a partir de inclusões em catálogos, coleções, convites para participação em Bienais importantes que envolvam curadores e outros renomados agentes do mercado, mesmo que nestes eventos não ocorram vendas. Cachês, trabalhos por editais e bolsas de residências também são fontes de rendimento alternativas às vendas de obras.

O mercado de arte em Porto Alegre, que emergente nos anos 70, quando impunha “suas regras e critérios de legitimação e consagração – geralmente determinado pelo sentido de liquidez da obra adquirida”<sup>57</sup>, hoje é algo ‘inexistente’, na opinião de Décio Presser, proprietário da Galeria Arte&Fato, que há 25 anos mantém o seu espaço comercial, que tem como ênfase trabalhar com artistas locais, jovens e com preços relativamente baixos. Ele já presenciou diversos arranjos na situação do mercado da arte, e comenta que nos anos 80 acontecia uma espécie de ‘trabalho em rede’ entre as galerias, com uma tentativa de associação dos galeristas, que se encontravam mais e trabalhavam com mais contato entre si, o que hoje não existe e faz muita falta, neste panorama em que cada um desenvolve seu trabalho de forma independente.

---

<sup>57</sup> Os anos 70 em Porto Alegre assistiram à emergência de um mercado de arte, que impunha seus critérios e não realizava investimentos de risco, favorecido pelo panorama de excedentes de produção, e trabalhava com “artistas e obras já consagrados em instâncias culturalmente legítimas”. A situação “transformava o mercado de artes em instância dominante, capaz de manipular a própria concepção de obra de arte.” CARVALHO, Ana Maria Albani de. *Nervo Óptico e Espaço N.O. Artes Visuais em Porto Alegre durante os anos 70.* In BULHÕES, Maria Amélia (org.). **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul.** Pesquisas recentes. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, 1995, p. 145.

Entre os espaços que fazem comercialização das obras expostas, vale destacar o trabalho desenvolvido na Microgaleria Arte Acessível do StudioClio, que nestes cinco anos de atividades firmou-se como um lugar de excelência e de desejo por muitos artistas, como afirma Leandro Selister, curador da galeria juntamente com Blanca Brites: “O trabalho de curadoria sempre buscou a qualidade dos projetos e também apostou em novos artistas, muitos realizando sua primeira individual no espaço.” A cada mostra um artista expõe suas obras, que tem valor máximo de R\$ 220,00. Segundo o depoimento de Selister, sempre há vendas e algumas vezes todos os trabalhos são vendidos e ainda há encomendas.

Vivendo e produzindo a sua arte nestes tempos de mercado quase inexistente, muitos artistas, com a inquietude que lhes é peculiar, cada vez mais arregaçam as mangas e vão em busca de alternativas, arriscando-se na aventura de criar e gerir os próprios espaços expositivos, experimentando possibilidades de subsistência a partir da arte. Os empreendimentos muitas vezes surgem e não tem fôlego para se manter, absorver os prejuízos iniciais e esperar o tempo que leva a obter a legitimação no sistema. Foi o caso, por exemplo, da Azul Galeria, iniciativa de Gaby Benedyct, que como os diversos projetos desenvolvidos pela artista, buscava viabilizar a articulação do público com a arte, e funcionou por um tempo com espaço físico e real, no espaço da Cidade Baixa, onde também funciona o atelier da artista e a Azul Produtora. Diante da impossibilidade de continuar o projeto como concebido no formato galeria, com exposições e atendimento ao público, foi substituída pelo site da galeria, que mantém a exposição virtual com publicação de textos

juntamente com as obras, e pela TV Azul, que se dedica a registrar vídeos das exposições de arte em Porto Alegre, disponibilizando-as em meio virtual, potencializando “o esforço” que normalmente “fica restrito aos poucos visitantes da exposição”<sup>58</sup>.

Ao lado dos ateliers-galeria e do projeto TV Azul, não posso deixar de citar a Desvenda, mais uma iniciativa de artistas coordenada por Rodrigo Lourenço, que visa aproximar a arte e o público consumidor, oferecendo obras de arte com preços acessíveis (de R\$ 2,00 a R\$ 2.000,00) e buscando colaborar com a formação de um mercado alternativo, através da “criação de um espaço onde o artista pudesse, de forma desburocratizada, comercializar o resultado de suas pesquisas”<sup>59</sup>. Não existem maiores restrições quanto ao tipo de obra participante, a não ser a recomendação expressa pela qualidade dos trabalhos. A feira, que acontece no primeiro domingo de cada mês na Travessa Venezianos, tem reunido um grande número de artistas e realizado intercâmbios com outras cidades do estado e fora dele.

---

<sup>58</sup> BENEDYCT, Gaby. Correspondência via e-mail em 27/10/2010.

<sup>59</sup> <http://desvenda.wordpress.com/sobre/> acesso em 05/10/2010.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“El mundo del arte contemporaneo es una red dispersa de subculturas superpuestas, vinculadas por el simple hecho de que todas ellas creen en el arte.”<sup>60</sup>*

Percorrer os espaços de arte de Porto Alegre, penetrando nos seus espaços expositivos e nas peculiaridades das instituições, é uma viagem interessante, que nos leva a vivenciar experiências ora estimulantes e recompensadoras, ora chocantes e frustrantes. O universo analisado é pequeno, mas é um retrato diminuto de um quadro maior, que se repete e apenas se multiplica na medida em que ampliamos a abrangência das investigações, ampliamos o círculo territorial e iniciamos a traçar comparativos. Se o mundo da arte, como vimos anteriormente, está globalizado e complexo, e as redes se interpenetram num jogo entre mercados e interesses econômicos e ideológicos da cultura contemporânea, o nosso `pequeno mundinho`, a realidade de Porto Alegre também de certa forma reproduz o sistema mais amplo, é claro que com a ausência de alguns dos seus itens, inexistentes ou ridiculamente diminuídos.

Acreditar na arte. No sistema é isso que temos: um conjunto mais ou menos disperso de pessoas envolvidas com a arte, que vivem as suas realidades específicas mas que são vinculadas pelo simples fato de acreditar na arte. É isso que aproxima artistas, produtores,

---

<sup>60</sup> THORNTON, Sarah. **Siete días en el mundo del Arte**. Buenos Aires: Edhasa, 2009, p. 9.

críticos, historiadores, gestores, todos os que acreditam na arte contemporânea, dela e nela fazem a sua existência. Somos, usando a expressão de Danto, testemunhas de uma tripla transformação, que se refere aos modos de fazer e aos modos de apresentar esta arte, tanto quanto ao público:

“Agora, a arte contemporânea tem algo que a distingue de toda a arte feita desde 1400, é que suas principais ambições não são estéticas. Se trata de um modo primário de relação que não é o do clássico observador, mas de outros aspectos das pessoas às quais se dirige esta arte; daí que o domínio primário de toda essa arte não seja o museu mesmo, e tampouco certamente os espaços públicos constituídos em museu em virtude de terem sido ocupados por obras de arte que são estéticas em princípio e as que, em sua essência, se dirigem às pessoas como se fossem meros observadores. (...) e o museu por sua vez se esforça por acomodar-se às imensas pressões que lhe são impostas de dentro e de fora da arte. Então, tal como o vejo, nós somos testemunhas de uma tripla transformação – no fazer, nas instituições de arte e no público da arte.”<sup>61</sup>

Fruto dessas transformações, ainda em processo, a realidade que vivenciamos no dia-a-dia em nossos espaços de arte é complexa, e diversifica-se em relação às instituições que as abrigam ou ao mercado do qual fazem parte, ainda que de forma excêntrica. “O

---

<sup>61</sup> DANTO, Arthur. **Después del Fin del Arte**. El arte contemporáneo y el linde de la historia. Buenos Aires: Paidós, 2003, p. 209. *“Ahora, el arte contemporáneo tiene un rasgo que lo distingue de todo el arte hecho desde 1400, y es que sus principales ambiciones no son estéticas. Se trata de un modo primario de relación que no es el del clásico observador, sino de otros aspectos de las personas a las cuales se dirige ese arte; de ahí que el dominio primario de todo ese arte no sea el museo mismo, y tampoco ciertamente los espacios públicos constituidos en museo en virtud de haber sido ocupados por obras de arte que son estéticas en principio y las que, en su esencia, se dirigen a las personas como si fueran meros observadores.(...)y el museo a su vez se esfuerza por acomodarse a las inmensas presiones que se le imponen desde dentro y fuera del arte. Entonces, tal como lo veo, nosotros somos testigos de una triplice transformación – en el hacer arte, en las instituciones del arte y en el público del arte.”*

espaço físico do museu ou da galeria não coincidia e não coincide com sua abrangência institucional ou econômica. (...) Por outro lado, o espaço das produções artísticas também não coincide necessariamente com o espaço, as concepções e os valores estabelecidos por instituições e mercados.”<sup>62</sup>

É nesse jogo entre obra, espaço expositivo e público que nos deslocamos. Convivendo com diferentes ideologias em relação, como a ideologia das paredes brancas, do uso museográfico que se pretende neutro, do contexto como conteúdo e da experimentação do lugar:

“Enquanto o museu consolida seu espaço expositivo como lugar que quer ser ‘neutro’, a ideia de lugar para os artistas contemporâneos vai assumir importância enquanto linguagem. Isso quer dizer que, nesse momento, a arte assume a vocação de explorar a construção do espaço e, como sintaxe básica da criação artística, utiliza-se da dimensão espacial.”<sup>63</sup>

No desenvolvimento desta pesquisa, passei algum tempo conversando com as pessoas, trocando idéias, observando, procurando ouvir e entender as entrelinhas. Muitos acolheram muito bem a pesquisa, colocaram-se disponíveis e forneceram dados e informações preciosas para análises. Outros não se mostraram nem um pouco interessados,

---

<sup>62</sup> FERVENZA, Helio. Considerações da arte que não se parece com arte. In **PORTO ARTE** v.I, nº1, junho 1990. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, 1990, p. 79.

<sup>63</sup> GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre Cenografias**. O museu e a Exposição de Arte no século XX. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 54.



ou talvez um tanto desconfiados e temerosos do que se pudesse escrever e interpretar sobre o seu trabalho. Preferem continuar sem a pesquisa – não lhes serve de nada.

Várias pessoas comentaram que já foram diversas vezes procuradas e entrevistadas por alunos em suas pesquisas de universidade, e nunca viram o resultado, ou seja, se sentiram um pouco usadas, seu tempo, sua disponibilidade, sua sinceridade de, por vezes, falar de situações incômodas ou desfavoráveis de seu trabalho ou instituição, de seus sucessos e seus fracassos. Seria interessante poder fazer retornar à comunidade, de uma forma mais explícita, aberta e acessível, os resultados desse trabalho. É um dos pontos em que pretendo trabalhar no desenvolvimento dessa pesquisa, que, como referi no início deste texto, é uma etapa inicial dentro de um projeto maior que tem por objeto a investigação dos espaços expositivos do sistema de artes de Porto Alegre.

Na verdade aqui foram lançados alguns pontos para reflexão, a partir dos dados pesquisados, que podem e devem ser acrescidos de outros, no intuito de promover outras inferências e reflexões, considerando os cruzamentos possíveis. Neste primeiro recolhimento de informações e observações, busquei ver os aspectos transversalmente, capturar os significados, conhecer um pouco de cada instituição ou espaço de exposição, iniciar uma compreensão do que os faz transformados em lugares legitimados no sistema, ao que se propõe e quais os resultados alcançados.

Assim, nesta investigação pretendi iniciar o esboço do panorama do sistema das artes tal como ele se manifesta aqui em nosso meio, relacionando com as manifestações que acompanhamos no âmbito global. Foi possível conhecer melhor e aprofundar algumas reflexões a respeito dos espaços de exposição desta arte que nos fascina, dos lugares onde nos encontramos com a criação do artista, com a intenção do curador, com a opinião da crítica e a vivência do outro. De todos que acreditam na arte, e participam de seu sistema, que é algo do qual todos fazemos parte, em algum momento, como artistas, produtores, críticos, estudiosos, curiosos, público visitante, amadores, apaixonados, freqüentadores ou simplesmente como visitantes, e se materializa no lugar mágico da exposição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Priscila. **Arte e Mídia**. Perspectivas da estética Digital. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea**. Uma História Concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

\_\_\_\_\_. **La Estética Hoy**. Madrid: Cátedra, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Olho Interminável** (cinema e pintura). São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

BARROS, Anna. **A Arte da Percepção**: um namoro entre a luz e o espaço. São Paulo: Annablume, 1999.

BENHAMOU, Françoise. **A Economia da Cultura**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2007.

BLANCO, Ângela García. **La Exposición, um médio de comunicación**. Madrid: Ediciones Akal, 1999.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2006.

BRETT, Guy. **Elasticity of Exhibition**. *In* Tate Papers, Landmark Exhibitions Issue, 12, Autumn 2009. Disponível em <<http://www.tate.org.uk/research/tateresearch/tatepapers/09autumn/brett.Shtm>> acesso em 20.ago.2010.

BRITES, Blanca. TESSLER, Elida (orgs). **O Meio como ponto zero**. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

BUENO, Maria Lucia. **Artes Plásticas no Século XX: modernidade e globalização**. Campinas, SP: Edotira da Unicamp, 1999.

BULHÕES, Maria Amélia (org.). **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul**. Pesquisas recentes. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, 1995.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Novo Hamburgo, RS: Unisinos, 2003.

\_\_\_\_\_. **História e Teoria Social**. São Paulo: UNESP, 2002. [original History & Social Theory, 1992. Trad. Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer, 2000].

CATTANI, Icleia Borsa (org.). **Mestiçagens na Arte Contemporânea**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

CAUQUELIN, Anne. **A Arte Contemporânea**. Porto: Res Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.

CHAGAS, Mário. **A Imaginação Museal**. Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1997.

\_\_\_\_\_. **Guerras Culturais**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2000.

COUCHOT, Edmond. **A Tecnologia na Arte**. Da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem, avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. O sujeito do Museu. In **MUSAS** – Revista Brasileira de Museus e Museologia. Rio de Janeiro: IBRAM, nº 4, 2009, p. 86-97.

DANTO, Arthur. **Después del Fin del Arte**. El arte contemporáneo y el linde de la historia. Buenos Aires: Paidós, 2003.

\_\_\_\_\_. **La Transfiguración del Lugar Común**. Una filosofía del arte. Buenos Aires: Paidós, 2004.

DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (orgs.) **Projeto do Lugar**. Colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra capa Livraria / PROARQ, 2002.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Ante el Tiempo**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Ed., 2006.

\_\_\_\_\_. **O Que Vemos, o Que nos Olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

DUARTE, Paulo Sérgio (org.). **Daniel Buren**. Textos e Entrevistas Escolhidos (1967-2000). Rio de Janeiro: Centro de Arte Helio Oiticica, 2001.

\_\_\_\_\_. (org.). **Rosa-dos-Ventos**. Posições e direções na Arte Contemporânea. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2005.

ELLIOTT, David. **O Museu como Experimento**. Revista da Fundação Iberê Camargo. [http://www.iberecamargo.org.br/content/revista\\_nova/entrevista\\_integra.asp?id=145](http://www.iberecamargo.org.br/content/revista_nova/entrevista_integra.asp?id=145) em 15/05/2010.

FERREIRA, Glória. Emprestar a paisagem – Daniel Buren e os limites críticos. In **Arte & Ensaios**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ, nº 8, 2001, p. 85-93.

FERREIRA, Glória. COTRIM, Cecília (org). **Escritos de Artistas**. Anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FERVENZA, Helio. Considerações da arte que não se parece com arte. In **PORTO ARTE** v.I, nº1, junho 1990. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, 1990.

FOSTER, Hal. **El retorno de lo real**. La vanguardia a finales de siglo. Madrid: Ediciones Alkal, 2001.

FRAIZE-PEREIRA, João A. **Recepção estética em exposições de arte**: ilusão, criação, perversão. In SOUZA, Edson L.A. (org.). A invenção da vida: arte e psicanálise. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2001.

FREIRE, Cristina. Arte Contemporânea e Instituições: a exposição como fresta do imaginário. In **Caderno de Textos** – Curso de Formação de Mediadores – 5ª Bienal do Mercosul, 2005.

FRIED, Michael. **Art and Objecthood**. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

GIRAUDY, Danièle. BOUILHET, Henri. **O Museu e a Vida**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro – RS; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

GUATARRY, Félix. **Caosmose**. Um novo paradigma Estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GOMBRICH, Ernst H. **Breve Historia de La Cultura**. Barcelona: Ediciones Península, 2004.

GOMES, Paulo César Ribeiro. **Comentários**. Alterações e derivas da narrativa numa poética visual. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 316 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes – Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre Cenografias**. O museu e a Exposição de Arte no século XX. São Paulo: EDUSP, 2004.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. FABRIS, Annateresa (orgs.). **Os lugares da crítica de Arte**. São Paulo: ABCA, Imprensa Oficial do Estado, 2005.

GREENBERG, Reesa. **'Remembering Exhibitions'**: From Point to Line to Web. *In Tate Papers*, Landmark Exhibitions Issue, 12, Autumn 2009. Disponível em <<http://www.tate.org.uk/research/tateresearch/tatepapers/09autumn>> acesso em 20.ago.2010.

GRÜNER, Eduardo. **El Sitio de la Mirada**. Secretos de la imagen y silencios del arte. Buenos Aires: Norma, 2001.

HEIN, Hilde S. **The Museum in Transition**. A Philosophical Perspective. Washington: Smithsonian Books, 2000.

HEINICH, Nathalie. **La Sociología del Arte**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. **Museums and the Interpretation of Visual Culture**. London: Routledge, 2000.

HUYSEN, Andreas. Escapando da Amnésia. O Museu como Cultura de Massa. *In Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 222-255.

MARTINS FILHO, Yves Gandra. **Ética e Ficção**. De Aristóteles a Tolkien. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

MAUS, Lílian Junqueira. *et al* (org). **Atelier Subterrânea**. Porto Alegre: Panorama Crítico, 2010.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *In Anais do Museu Paulista*. História e Cultura Material. São Paulo:USP, 1994, nova série, vol.2.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILLET, Catherine. **A Arte Contemporânea**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

MONTANER, Josep Maria. **Arquitectura y Crítica**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1999.

NOÉ, Luis Felipe. **NOESCRITOS sobre eso que se llama arte**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2007.

NOUVEL, Jean. La Tecnologia come Veicolo di Nuovi Valori. **Revista Domus**. Milão: Ed. Domus, n 827, jun/2000.

O'DOHERTY, Brian. **No Interior do Cubo Branco**. A ideologia do Espaço da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

OLIVERAS, Elena. **Cuestiones de arte contemporâneo**. Hacia un nuevo espectador en el siglo XXI. Buenos Aires: Emecé Editores, 2008.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Ed. Marca d'água, 1996.



PEIXOTO, Nelson Brissac. **Passagens da Imagem**: Pintura, fotografia, cinema, arquitetura. *In* PARENTE, André (org.). *Imagem Máquina. A era das tecnologias do Virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

RAMOS, Alexandre Dias (org.). **Sobre o Ofício do Curador**. Porto Alegre: Zouk, 2010.

SALADINO, Alejandra. **Breves ilações sobre museus de arte contemporânea**: para uma desmistificação da arte. *In* **MUSAS** – Revista Brasileira de Museus e Museologia. Rio de Janeiro: IBRAM, nº 4, 2009, p. 58-64.

THORNTON, Sarah. **Siete días en el mundo del Arte**. Buenos Aires: Edhasa, 2009.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Comissão de Patrimônio Cultural. **Guia de Museus Brasileiros**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

VATTIMO, Gianni. **O Fim da Modernidade**. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico**. E as perspectivas do tempo real. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

WERTHEIM, Margaret. **Uma História do Espaço de Dante à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEI Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009 - Estatuto de Museus.

## SITES

<http://artefatogaleria.blogspot.com>  
<http://associacaochicolisboa.blogspot.com>  
<http://cccev.blogspot.com>  
<http://culturaportoalegre.blogspot.com>  
<http://desvenda.wordpress.com>  
<http://macrs.blogspot.com>  
<http://picasaweb.google.com>  
<http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc>  
<http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro>  
<http://wp.clicrbs.com.br/pedepagina/2009/11/05/entrevista-com-francisco-marshall>  
<http://www.artes.ufrgs.br>  
<http://www.artnet.com/galleries>  
<http://www.bienalb.org>  
<http://www.bienalmercosul.com.br>  
<http://www.bolsadearte.com.br>  
<http://www.cccev.com.br>  
<http://www.ccmq.com.br>  
<http://www.chicolisboa.com.br>  
<http://www.cultura.rs.gov.br>  
<http://www.culturanocultural.com.br>  
<http://www.espm.br>  
<http://www.fvcb.com>  
<http://www.galeriadosarcos.blogspot.com>  
<http://www.galerialaphoto.blogspot.com>  
<http://www.galerialunara.blogspot.com>  
<http://www.hagah.com.br>  
<http://www.iberecamargo.org.br>  
<http://www.jabutipê.com.br>  
<http://www.margs.rs.gov.br>  
<http://www.museudotrabalho.org>  
<http://www.museudotrabalho.blogspot.com>  
<http://www.portocultura.com.br>  
<http://www.portoalegre.rs.gov.br/cultura>  
<http://www.santandercultural.com.br>  
<http://www.studioclio.com.br>  
<http://www.subterranea.art.br>  
<http://www.tate.org.uk>  
<http://www.tvazul.com.br>  
<http://www.ufrgs.br/galeria>  
<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc>

## **ANEXO**

### **LISTAGEM DOS LUGARES EXPOSITIVOS PROPOSTOS P/ PESQUISA**

Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa – Chico Lisboa  
Atelier Subterrânea  
Bienal B  
Casa de Cultura Mário Quintana – CCMQ  
Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo – CCCEV  
Centro Cultural Usina do Gasômetro  
Desvenda Feira de Arte  
Espaço Cultural ESPM  
Fundação Bienal do Mercosul  
Fundação Ecarta  
Fundação Iberê Camargo  
Fundação Vera Chaves Barcellos – FVCB  
Galeria Arte & Fato  
Galeria Bolsa de Arte  
Galeria La Photo  
Gallery of Arts Dante Sfoggia – ICBNA  
Instituto Goethe  
Jabutipê  
Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul  
Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli  
Museu do Trabalho  
Paço Municipal  
Pinacoteca Barão de Santo Ângelo – UFRGS  
Santander Cultural  
Studio Clio  
TV Azul / Azul Produtora Galeria





DMoreira  
2010